

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ANA PAULA DA SILVA

**ESTUDO DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM TEXTOS DO
COLUNISTA JOSÉ SIMÃO**

MARINGÁ - PR
2014

ANA PAULA DA SILVA

**ESTUDO DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM TEXTOS DO
COLUNISTA JOSÉ SIMÃO**

Dissertação apresentada por Ana Paula da Silva, ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Jaeger Hintze.

MARINGÁ - PR
2014

ANA PAULA DA SILVA

**ESTUDO DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM TEXTOS DO
COLUNISTA JOSÉ SIMÃO**

Dissertação apresentada por Ana Paula da Silva, ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Jaeger Hintze.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Jaeger Hintze
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Presidente da Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Luciana Di Raimo
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Prof.^a Dr.^a Marcia Sipavisius Seide
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a minha família: meu pai, minha irmã, meu tio João, meu amado e saudoso avô e, principalmente, a minha mãe, que é, sem sombra de dúvida, meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

É difícil “selecionar” pessoas para agradecer, pois todos que passam por nossas vidas deixam suas contribuições. Há, todavia, pessoas especiais, que nos dão suporte, nos guiam e nos encorajam nos momentos de dificuldades. Essas pessoas, muitas vezes, acreditam em nós, mais do que poderíamos acreditar e, por isso, fazem toda diferença em nossas vidas.

Sendo assim, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, por ter me conduzido ao caminho certo e me trouxe força nos momentos de dificuldades.

Também, gostaria de agradecer a pessoa chave para a conclusão deste trabalho. Alguém que é mais do que uma amiga, é uma irmã, que esteve ao meu lado em TODOS os momentos importantes, desde que nos conhecemos no primeiro ano da graduação. Obrigada, Cristina S. Armelin, por aguentar, firmemente, todas as minhas reclamações e lamentações. Obrigada por passar horas e horas comigo, estudando, chorando e, claro aprendendo. Sem você, não sei se teria forças para conseguir.

Fundamental, também, é agradecer àquele que, ao longo dessa jornada, tornou-se meu namorado, amigo e conselheiro. Obrigada, Diego Betiato, por ser meu motorista, meu terapeuta, meu cozinheiro e, acima de tudo, meu fiel companheiro. Obrigada por acreditar em mim, mais do que eu mesma e me encorajar nos momentos difíceis.

Não há como deixar de agradecer, imensamente, a alguém que abdicou de muitos sonhos para encorajar os meus. Tata, Maria Cláudia, você é uma das principais responsáveis por eu ter conseguido alcançar este objetivo. NUNCA conseguirei agradecer plenamente tudo o que você já fez por mim.

Outras pessoas extremamente importantes, que acreditaram em mim e me ajudaram a concretizar um sonho são meu tio João e minha tia Rosa, que, desde o ensino médio, auxiliaram-me, inclusive financeiramente, a alcançar meus objetivos. Tios, em minhas preces, todas as noites, agradeço por ser sobrinha de vocês e por tudo que fizeram por mim.

Gostaria de agradecer, também, minhas amigas do ensino médio, que por mais que hoje estejam distantes, ainda representam muito para mim. Obrigada, Vanessa, Nayane, Joicy e Thais. Estudar com vocês e poder compartilhar uma verdadeira amizade fez toda diferença.

Se os amigos existem para nos dar força, não tenho como deixar de agradecer a uma amiga que esteve presente nos momentos mais importantes de minha vida: Edvânia. Ed, muito obrigada por me aturar durante esses tantos anos de amizade. Você, com sua real sinceridade (isso não é um pleonasmo), mostrou-me que, quando queremos algo, devemos batalhar por isso e que reclamar e chorar, não adianta.

Sempre sabemos que podemos contar com nossa família, por isso, tenho que agradecer a meus familiares por todo apoio. Principalmente: a minha tia Sueli, que sempre me incentivou a querer mais, a minha prima Camila, que sempre foi, para mim, um exemplo de inteligência e esforço e a meus tios e padrinhos Toninho e Adriana, pelo carinho incondicional e as preces feitas em meu nome.

Além disso, gostaria de agradecer a minhas amigas de faculdade: Bruna Mitiko, Paula Renata e Cecília Barbosa. Meninas, cada minuto compartilhado com vocês foi especial e o fato de me incentivarem sempre a lutar por aquilo que eu queria foi muito importante para que eu alcançasse meus objetivos. Também, agradeço a Bruna Plath, companheira de mestrado que muito me auxiliou, principalmente, nas discussões sobre as aulas,

Reconheço também o suporte de minhas amigas pessoais. Bruna Ferreira, gostaria de agradecer o fato de, mesmo de modo silencioso, estar me apoiando e abdicando de muita coisa para me ajudar. Viviane Notari, obrigada por, no “final” desse processo, ficar durante tanto tempo esperando minhas reuniões acabarem, obrigada por me auxiliar na parte técnica e, principalmente, por ouvir minhas tantas reclamações.

A meu sogro, gostaria de agradecer pela confiança, pelo carinho sem interesse e por me incentivar sempre a buscar mais. Obrigada por me alimentar muitas vezes, pois o senhor vivia preocupado com como eu estava magra e com como isso poderia refletir nos meus estudos. Enfim, obrigada por ser como um pai para mim.

Não poderia deixar de agradecer a todos os professores que fizeram a diferença na minha vida. Às professoras que formam esta banca (Prof.^a Dr.^a Marcia Sipavisius Seide e Prof.^a Dr.^a Luciana Di Raimo): obrigada por dispensarem o tempo de vocês ao meu trabalho. Agradeço também à professora Neiva Jung e ao professor Juliano Desiderato Antônio, exemplos de ética e profissionalismo e com quem aprendi muito. Principalmente, obrigada a essa mestre, que mais do que uma

orientadora, foi uma amiga, que “puxava minhas orelhas” quando era preciso, mas sempre com a ternura de uma mãe. Ana Cristina, não tenho como agradecer por TUDO o que você me proporcionou. Obrigada por todas as horas de reunião, que me faziam sair da sala pensando: “Quando eu crescer, quero ser igual a ela”. Você é um exemplo de profissional e agradeço a Deus por tê-la como minha orientadora.

Aos funcionários do PLE, agradeço o fato de sempre estarem prontos a me ajudar com as dúvidas burocráticas.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus pais, as pessoas mais importantes da minha vida. Pai, como seu jeito peculiar, o senhor me ensinou e me mostrou que sou capaz de ir muito além do que imagino. Mãe, você é, sem dúvida alguma, a melhor pessoa do mundo! Obrigada por chorar e sorrir comigo. Obrigada por ser a pessoa com quem eu sempre posso contar. Obrigada por, muitas vezes, deixar a sua vida de lado para cuidar da minha.

SILVA, Ana Paula. ESTUDO DOS PROCESSOS REFERENCIAIS EM TEXTOS DO COLUNISTA JOSÉ SIMÃO. Dissertação (Mestrado em Letras. Descrição Linguística). Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Ana Cristina Jaeger Hintze. Maringá, 2014.

RESUMO

O objetivo primeiro desta pesquisa é analisar o uso dos processos referenciais nos textos do colunista José Simão do jornal folha de S. Paulo. Assim, objetiva-se verificar qual é a função de cada um desses elementos empregados pelo autor e quais são as implicações para a interpretação do uso desses processos. Para tal fim, o estudo fundamentou-se nos pressupostos funcionalistas e nos da Linguística textual. A primeira perspectiva visa estudar as expressões linguísticas relacionadas aos propósitos comunicativos do falante e contribuir para evidenciar a língua em uso, em suas diferentes formas de manifestação. A segunda perspectiva trata dos processos referenciais em textos – outra forma de interação. Ambas convergem para o fato de considerarem o evento comunicativo – oral e/ou escrito – como forma de interlocução. O *corpus* desta pesquisa é constituído por 10 textos do colunista José Simão, publicados diariamente na sessão Ilustrada da Folha de S. Paulo, no período de um ano (de 09 de março de 2013 até 08 de março de 2014). A extensão dos textos obedeceu ao número de *kbytes* (os textos escolhidos foram os que tinham 17 *kbytes*) para que a quantidade de processos encontrados não sofresse alteração devido à extensão de cada texto. A metodologia do trabalho segue a linha empírico-indutiva, a qual formula juízos por meio da observação de fatos e de experiências, a partir das características presentes no *corpus* em questão. O resultado da pesquisa mostrou que os processos mais recorrentes foram: a anáfora indireta (191 ocorrências), a catáfora (97 ocorrências), a repetição (71 ocorrências) e o rótulo (47 ocorrências). Nesse universo de pesquisa a anáfora indireta apontou a necessidade de o leitor ser capaz de fazer inferências em várias instâncias extralinguísticas – as específicas, as superficiais e as de fundo. Ressaltou o número expressivo de catáforas relacionadas a rótulos prospectivos e a repetição como estratégia mnemônica que vai se consolidando na memória coletiva do leitor. Desta forma, os diferentes empregos desses processos referenciais estabelecem uma relação estreita com a natureza e a motivação do discurso singular do colunista adquirindo significação própria.

Palavras-chave: Funcionalismo. Linguística Textual. Referenciação – Referência.

SILVA, Ana Paula. STUDY OF PROCESSES IN REFERENCE TEXTS OF JOSÉ SIMÃO. Dissertation (Master in Letters. Linguistic Description) . State University of Maringá. Supervisor: Ana Cristina Jaeger Hintze. Maringá, 2014.

ABSTRACT

The primary objective of this research is to analyze the use of referential processes in the texts of the columnist from Folha de S. Paulo journal José Simão. Therefore, the objective is to find what is the function of each one of these elements used by the author, and its implications for the interpretation in the use of this processes. To reach this, the study was based on the functionalist assumptions and textual linguistics. The first perspective aims to study the linguistics expressions related to the communicative purposes of the speaker and to contribute to evidence the used language, in its different ways of manifestations. The second perspective deals with referential processes in texts - another form of interaction. Both converge to the fact that consider the communicative event - oral and/or written - as a form of dialogue. The corpus of this study consists by 10 texts of columnist Zé Simão, published daily in the illustrated section of the Folha de S. Paulo, for the period of one year (from March, 9 of 2.013 until March, 8 of 2.014). The extension of texts followed by the number of kbytes (the texts chosen were those with 17 kbytes) for the amount of change processes found not suffer due to the extension of each text. The work follows the methodology of the empirical-inductive line, which formulates judgments through observation of facts and experiences, from the characteristics of the corpus in question. The survey results showed that the most recurrent cases were: indirect anaphora (191 occurrences), the catáfora (97 occurrences), repetition (71 occurrences) and the lettering (47 occurrences). In this research universe indirect anaphora pointed out the need for the reader to be able to make inferences on various extralinguistic instances - specific, surface and bottom. Highlighted the significant number of catáforas related to prospective lettering and repetition as a mnemonic strategy that is consolidated in the collective memory of the reader. Thus, the different jobs these references processes establish a close relationship with nature and the motivation of natural speech columnist acquiring proper signification.

Keywords: Functionalism. Textual linguistic. Reference- referal.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	12
CAPÍTULO I – A perspectiva funcionalista de linguagem.....	19
1.1.1 O estudo funcionalista de Halliday.....	21
1.2 O funcionalismo hallidayano e a Linguística Textual.....	25
1.2.1 A questão da coesão e da coerência no texto.....	26
1.2.2 Considerações de Van Dijk acerca do Contexto.....	27
CAPÍTULO II – Referência e Referenciação.....	31
2.1 A construção da referenciação.....	37
2.2 A anáfora.....	38
2.2.1 A anáfora direta.....	38
2.2.1.1 A anáfora encapsuladora sob a perspectiva de Conte.....	38
2.2.1.2 Os Rótulos para Francis.....	40
2.2.1.3 A perspectiva de encapsulamento para Apothéloz.....	42
2.2.1.4 A elipse.....	43
2.2.1.5 O pronome.....	43
2.2.1.6 A sinonímia.....	44
2.2.1.7 O hipônimo e o hiperônimo.....	44
2.2.1.8 A repetição.....	45
2.2.2 A anáfora indireta.....	46
2.3 A catáfora.....	50
2.4 Referência e referenciação sob a ótica de Koch e Marcuschi	51
2.4 Referência e oralidade.....	53
CAPÍTULO III - Considerações sobre gênero textual.....	54
3.1 O gênero da coluna de Simão.....	57
CAPÍTULO IV - Procedimentos Metodológicos.....	61
4.1 Constituição do <i>corpus</i>	62
CAPÍTULO V – Análises	64
CAPÍTULO VI – Resultados	158
Considerações finais.....	165
Referências	169

Lista de Quadros, Gráficos e Figuras

Figura 1.....	48
Quadro 1.....	62
Quadro 2.....	76
Quadro 3.....	84
Quadro 4.....	93
Quadro 5	102
Quadro 6.....	111
Quadro 7.....	122
Quadro 8	130
Quadro 9	138
Quadro 10.....	149
Quadro11.....	157
Quadro12.....	158
Gráfico 1	159
Quadro13.....	161
Gráfico 2.	161

Considerações iniciais

A língua é o instrumento vivo pelo qual os falantes se comunicam. Ela simplifica as conversas, por meio dos mais diversificados veículos: os escritos, os visuais, os auditivos, etc. Assim, esse instrumento proporciona os mais diversos pensamentos e sentimentos, além de ter um grande poder, pois, por meio dele, pode-se, inclusive, excluir socialmente uma pessoa, ou mesmo impregnar nas mentes ideias das mais diversas.

Para atingir os diversos propósitos comunicativos que possui, o falante utiliza alguns meios, os quais o auxiliam a expressar melhor suas ideias na construção de um texto.

Nesse sentido, segundo Koch (2008), “o texto não é apenas uma soma de palavras ou sequência de frases isoladas”, isto é, para se construir um texto, não se deve levar em consideração aspectos que vão muito além da sequencialidade, uma vez que há uma ligação que aproxima as partes constituintes de uma produção textual, seja ela escrita ou falada. Desse modo, essas partes constituintes estabelecem a conexão e a retomada por meio dos mecanismos referenciais e sequenciais, que são os responsáveis por manter a coesão textual. A junção desses elementos é, então, o que constrói o vínculo significativo do texto.

A coesão referencial pode manifestar-se tanto por mecanismos lexicais quanto gramaticais. Assim, os elementos referenciais que constituem determinado texto estabelecem sentido ao todo, formando, assim, uma produção coerente. Por esse motivo, os mecanismos referenciais são de extrema importância para manter a coesão e a coerência do texto e, conseqüentemente, são fundamentais para a produção dos discursos.

A partir do exposto, a presente pesquisa teve como objetivo geral analisar os recursos de referência utilizados nos textos do colunista José Simão, na coluna Ilustrada da Folha de S. Paulo bem como a organização do processamento textual-discursivo desse gênero específico. Os objetivos específicos, por sua vez, consistiam em: verificar as estratégias de referência mais comuns do colunista; observar as particularidades do emprego dos elementos de referência que concorrem para a categorização e recategorização de conteúdos veiculados pela coluna diária; analisar os recursos da coesão textual que aparecem com mais frequência nos textos selecionados e como estes podem contribuir para o processo

de formação de opinião do leitor em relação a uma possível adoção do mesmo ponto de vista de Simão.

Para tais fins, primeiramente, foram coletados textos do colunista citado no período de um ano. A partir dessa coleta, foram selecionados dez textos, os quais foram escolhidos pela quantidade de 17 *bytes*. A análise realizada foi de cunho empírico-indutivo, uma vez que se observou o número de processos utilizados e o que a escolha desses processos acarretava para o sentido do texto.

Estruturalmente, a pesquisa está dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo, há a caracterização da perspectiva funcional, focalizando os aspectos que mais interessam para este trabalho, como o objetivo de uma pesquisa funcionalista, o estatuto informacional e a Gramática Funcional de Halliday. Além disso, ainda nesse capítulo, foi caracterizada a Linguística Textual e discutida a importância dessa corrente linguística para o estudo desenvolvido.

No segundo capítulo, discutiu-se o conceito de referência e referenciação, discorrendo sobre a diferença entre esses termos e expondo quais são os principais processos referenciais utilizados pelos usuários da língua.

No terceiro capítulo, elaborou-se uma definição acerca de gênero textual, de modo geral, e uma definição acerca do gênero ao qual pertencem os textos do colunista José Simão. Nesse capítulo, constatou-se o caráter único dos textos desse jornalista.

No quarto capítulo, foram descritos os procedimentos de levantamento dos textos que pertencem ao *corpus*. Além disso, explicitaram-se quais são os procedimentos e parâmetros de análise.

O quinto capítulo compõe-se da análise. Já no sexto capítulo, demonstraram-se, por meio de quadros, os resultados obtidos com a análise quantitativa e a análise qualitativa, mediante a discussão sobre a função que os processos referenciais utilizados pelo autor exercem na composição geral do texto. Por fim, procurou-se traçar certo perfil de escrita do autor, evidenciando questões argumentativas presentes nos textos selecionados.

Espera-se, com a presente pesquisa, contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre referência e referenciação, uma vez que o caráter único do texto do colunista (principalmente em relação ao emprego de elementos coesivos) denota que essa classificação aristotélica não é válida para todos os tipos de texto. Além disso, espera-se comprovar que muitos processos referenciais e o modo como eles

são desenvolvidos em um texto constituem uma ferramenta da linguagem com funções discursivas e argumentativas muito importantes.

Os principais autores que auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho foram Koch (2004) e (2011), Marcuschi (2005a), Apothéloz (2003), Francis (2003) e Mondada e Dubois (2003). Para fundamentar as análises realizadas, foram utilizados princípios funcionalistas de Halliday e os da Linguística Textual.

Considera-se o Funcionalismo como uma vertente linguística apropriada para dar embasamento a esta pesquisa, pois essa vertente tem como objeto de estudo a língua em uso, a fim de evidenciar, entre outros motivos, quais escolhas do falante sofrem a influência do contexto em que este se insere. Além disso, considera que a função de um elemento linguístico é de extrema importância para sua definição e está, muitas vezes, associada à intencionalidade de um usuário da língua.

A Linguística Textual também é de extrema importância para o desenvolvimento desta pesquisa, pois, de acordo com Koch (2004), tem como objeto de investigação o texto como uma forma de interação, de produção, de preservação e de transmissão do saber, pois é por meio dele que organizamos um evento comunicativo. Sendo assim, essa teoria tem como objeto de investigação, como já exposto, o texto, e não a palavra ou a frase fora de situações de. Além disso, essa corrente linguística é de extrema importância para esta pesquisa, pois é ela que se dedica, mais especificamente, aos estudos dos processos referenciais que são a base deste trabalho.

Dessa forma, com a finalidade de bem desenvolver as análises desta pesquisa, conjugam-se alguns princípios dessas duas teorias, na medida em que ambas enfatizam o predomínio de elementos extralinguísticos e sua relevância na organização da estrutura textual/discursiva.

1. Justificativa

Os fatores considerados fundamentais para a constituição de qualquer produção textual são a coesão e a coerência. Esses recursos são os responsáveis por transformar um amontoado de palavras em texto, uma vez que são eles que garantem a construção e a manutenção do sentido.

A coerência, então, é vista como a responsável pelo sentido do texto. Pode se considerar um texto coerente, quando compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Observar a coerência é interessante porque permite perceber que um texto não existe em si mesmo, mas, sim, se constrói na relação entre o autor, o leitor e o mundo que o cerca.

Dentro dessa relação autor, leitor e o mundo, deve-se considerar a informatividade, que é entendida como a medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, por esse leitor. Um discurso menos previsível tem mais informatividade, sua recepção é mais trabalhosa, mas muito mais interessante. O excesso de informatividade, no entanto, pode ser rejeitado pelo receptor, pois ele pode não processar as ideias expressas no texto lido. Assim, deve-se manter o texto em um nível mediano de informatividade, que expresse informações que tragam novidades, mas que estejam ligadas a dados conhecidos.

A coesão (considerada por muitos autores como fator determinante da coerência) provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Assim, a coesão de um texto é verificada pela análise de seus mecanismos lexicais e gramaticais de construção.

Nesse sentido, pode-se constatar que esse recurso aparece em um texto de duas maneiras: a coesão sequencial e a referencial. A primeira é realizada de forma a garantir a continuidade do sentido de determinada produção, isto é, como pode se observar no próprio nome, ela é responsável pela ordem, sequência, continuidade textual. Assim, é aquela que se estabelece por meio de conectivos, cuja função é, basicamente, ligar as frases e estabelecer uma relação de sentido entre elas. A segunda, por sua vez, diz respeito ao mecanismo que permite ao produtor do texto remeter, por meio de um elemento linguístico, a outros elementos textuais, anteriores (anáfora) ou subsequentes (catáfora).

Essas anáforas e catáforas apresentam-se no texto pelo uso dos encapsulamentos anafóricos, que são recursos coesivos pelos quais um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora de uma porção que precede o texto, a qual pode ser de extensão e complexidade variáveis. Também, as anáforas e catáforas podem apresentar-se pelo uso das elipses (omissão da palavra, que não prejudica significado, pois ele é entendido pelo contexto), dos pronomes dêiticos (pronomes de retomada), pelo uso da sinonímia (substituição de uma palavra por outra de sentido equivalente), pelos hipônimos e hiperônimos (substituição de um

termo por outro mais abrangente – hiper – ou menos abrangente – hipo). Por fim, as anáforas podem se apresentar por referências extratextuais. São as chamadas anáforas indiretas. Todos esses processos referenciais serão explicados com maiores detalhes em outra seção deste trabalho.

Nesse âmbito, justifica-se esta pesquisa sobre o processo de referenciação, ou referência, pelo fato de a análise do *corpus* evidenciar que essa visão, muitas vezes, dicotômica e mecânica acerca da coesão e da coerência como uma manifestação na microestrutura não é válida para todos os tipos de texto, pois no caso dos textos de Simão a coerência não se constitui em nível microtextual ou linguístico, mas sim em nível macrotextual (o contexto, os frames são responsáveis pelo entendimento do leitor). Em outras palavras, nos textos desse colunista, a coerência constrói-se com base na interpretação do leitor com relação ao escárnio, à sátira, ao deboche que é produzido a partir de expressões nominais que são introduzidas. Assim, este trabalho evidencia que a ideia de que, no que diz respeito coesão e coerência, a premissa de que uma supõe a outra não é válida para todas as produções. Ou seja, a associação entre elas não é tão intrínseca.

Além disso, justifica-se, por se acreditar que a análise realizada trabalha com um *corpus* que, apesar de ser publicado em uma seção diária, destinada à “diversão”, é um gênero opinativo, o qual evidencia uma crítica social apresentada por meio, principalmente, da ironia. Assim, apesar de parecerem descompromissados e considerados como “jornalismo de humor”, os textos de Simão têm um compromisso de catalisar opiniões de vários seguimentos sociais, inclusive do próprio jornal. Vale evidenciar que, segundo Koch (2005) tanto as formas de referenciação quanto os processos de remissão textual que se realizam por meio delas constituem escolhas estratégicas do sujeito em função de seu projeto de dizer.

Desse modo, por meio de um uso informal de linguagem, o colunista trabalha com uma referência contextual, visto que, para compreender os seus possíveis propósitos, é necessário que o leitor acompanhe os acontecimentos de contexto social mais amplo. Isso mostra que esse tipo de texto não é direcionado para qualquer tipo de leitor, pois ele deve, além de estar informado sobre os acontecimentos políticos, financeiros, históricos e sociais, ser capaz de fazer as inferências que o texto exige.

Nas palavras de Kock (2005, p. 3):

Todo processo de compreensão pressupõe, portanto, atividades do ouvinte/leitor, de modo que se caracteriza como um processo ativo e contínuo de construção – e não apenas de reconstrução –, no qual as unidades de sentido ativas a partir do texto se conectam a elementos suplementares de conhecimento extraídos de um modelo global também ativado em sua memória. Por ocasião da produção, o locutor já prevê essas inferências, na medida em que deixa implícitas certas partes do texto, pressupondo que tais lacunas venham a ser preenchidas sem dificuldades pelo interlocutor com base em seus conhecimentos prévios e nos elementos da própria situação enunciativa. Por esta razão, dependendo desses conhecimentos e do contexto, diferentes interlocutores poderão construir interpretações diferentes do mesmo texto.

Em relação a genericidade aparente do título, justifica-se a escolha por *Estudo dos processos referenciais em textos do colunista José Simão* devido ao processo da construção pesquisa, pois se entende que os *processos referenciais* são uma forma mais abrangente de tratar a estratégia remissiva, a qual não se esgota nas anáforas diretas. Assim, nesta análise, parte-se do uso para o processo. Não há um engessamento de classificações, pois se acredita que a verdadeira análise é aquela que contempla o que realmente está no texto, a escolha do produtor, evidenciando as possibilidades de interpretação do emprego de determinado mecanismo. Ou seja, a linguagem extrapola muitas explicações científicas baseadas em pressuposições que não dizem respeito à utilização real da língua, pois primeiro existe o uso e a partir dele a teoria.

Assim, é possível estabelecer uma comparação com Pirandello (1921), o qual em sua obra expunha que a forma vazia da razão, sem o recheio do instinto, em um jogo de papéis pré-estabelecidos faz com que ela seja fantoche de si mesma.

A partir do exposto, evidencio que, metaforicamente, assim como os personagens do romancista italiano Pirandello, autodefino-me como uma pesquisadora à procura de uma teoria que, se não explica, pelo menos pode sensibilizar para textos que instigam pesquisas mais abrangentes de referenciação.

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

Analisar os recursos de referência em textos da coluna diária de José Simão na coluna Ilustrada da *Folha de S. Paulo*, bem como a organização do processamento textual-discursivo desse gênero específico.

2.2 Objetivos específicos:

- verificar as estratégias de referência mais comuns do colunista;
- observar as particularidades do emprego dos elementos de referência que concorrem para a categorização e recategorização de conteúdos veiculados pela coluna diária;
- analisar os recursos da coesão textual que aparecem com mais frequência nos textos selecionados e como estes podem contribuir para o processo de formação de opinião do leitor em relação a uma possível adoção do mesmo ponto de vista de Simão.

Capítulo I

A perspectiva funcionalista de linguagem

Este trabalho fundamenta-se na perspectiva funcionalista da linguagem, por ser esse um estudo da relação entre a gramática das línguas e as diferentes situações comunicativas nas quais essa língua se efetiva. Dessa forma, os estudos funcionalistas pautam-se na ideia de que a estrutura linguística não pode ser expressa de maneira satisfatória sem a consideração de determinadas situações comunicativas. Sendo assim, conforme expõe Halliday (1985) a linguagem é como é devido às funções que desempenha na sociedade. Por esse motivo, aprender uma língua não é só aprender a estrutura, mas também o seu contexto de uso.

O Funcionalismo é uma perspectiva linguística que concebe a língua como um instrumento de comunicação e evidencia o fato de uma língua não pode ser considerada um objeto autônomo, mas sim, uma estrutura submetida ao poder das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre a estrutura linguística.

Por essa razão, conforme postula Halliday (1985), fica evidente ser impossível compreender um fato linguístico sem se considerar o contexto ao qual ele está vinculado. Isso ocorre porque as expressões linguísticas são governadas por dois sistemas de regras, que são estudadas concomitantemente e determinam a formação dessas expressões. São eles:

- 1) regras determinantes à formação de expressões linguísticas (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas);
- 2) regras pragmáticas, isto é, as que regem os padrões de interação verbal em uso.

Isso posto, pode-se ver a linguagem como um sistema que se adapta às funções que exerce, por isso, ela pode ser definida, tendo como base a função comunicativa. Conforme reitera Neves (1997):

a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução. (NEVES, 1997, p.3).

Assim, de acordo com Dik (1989), pode-se dizer que um dos principais compromissos do Funcionalismo linguístico é descrever a linguagem não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal. Dessa forma, expõe Pezatti (2001) que:

o enfoque funcionalista considera princípio fundamental subordinar o estudo do sistema linguístico ao uso. Desse posicionamento teórico, deriva-se um outro, baseado na relação entre linguagem e contexto social: o funcionalismo considera por princípio a necessidade de descrever expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais específicos. (PEZATTI, 2001, p. 169).

A partir das considerações expostas, é válido ressaltar que para Nichols (1984), o Funcionalismo apresenta diversas vertentes que se dividem em três grupos: o das conservadoras, das moderadas e das extremadas.

De acordo com Van Valin (2002), as vertentes conservadoras são, praticamente, uma extensão da perspectiva formalista, visto que não alteram as proposições dessa perspectiva, apenas adicionam princípios funcionais. Ainda para o referido autor, as teorias moderadas, por sua vez, renegam o conceito de estrutura gramatical sugerido nas teorias formais, mostrando um conceito que demonstra que a estrutura gramatical sofre influência da pragmática e da semântica. Para finalizar, ainda de acordo com Van Valin (2002), as correntes extremadas não acreditam na existência de uma estrutura linguística e expõem, desse modo, que a gramática é influenciada pelo discurso.

Todas as vertentes funcionalistas, no entanto, apresentam, conforme expõem Mussalim e Bentes (2004), uma preocupação em comum:

a de que uma análise linguística deve levar em conta a interação social, isto é, a consideração metodológica de que o componente discursivo apresenta um papel preponderante na gramática de uma língua. (MUSSALIM & BENTES, 2004, p 176).

Desse modo, a linguagem não é analisada como um sistema abstrato, mas sim, em situações concretas de uso, pois a construção do sentido, na maioria das vezes, é alcançada no contexto, a partir da interação e da cooperação que se dá entre os participantes de um discurso.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, faz-se necessário um aprofundamento na perspectiva funcional desenvolvida por Halliday, a Sistêmico-Funcional, uma vez que esse teórico desenvolve um amplo trabalho do estudo do texto, estudo esse que auxiliará no desenvolvimento deste trabalho.

1.1 O estudo funcionalista de Halliday

Michael A. K. Halliday, nascido em 1925, passou a ser considerado um nome fundamental para os estudos funcionalistas da linguagem, pois agregou uma abordagem social à análise linguística, fato que colaborou com o desenvolvimento da Linguística Sistêmico-Funcional.

De acordo com Neves (1997), a perspectiva de Halliday é a Sistêmico-Funcional, pois ele apresenta uma análise sistêmica da língua. Além disso, busca a resposta para o motivo de um falante escolher determinado item dentre tantos outros que estão disponíveis na língua, para produzir seu discurso. Assim, conforme expõe Caldeira (2006) “o principal foco dessa teoria seria estudar como a língua atua no contexto social e como o mesmo a influencia, tudo isso, sustentado pela noção de *função*”. Caldeira (2006) ainda expõe que:

Mais do que a maioria das teorias lingüísticas, a teoria sistêmico-funcional oferece simultaneamente uma teoria social e uma teoria de ação social, envolvendo uma teoria de linguagem como um sistema semiótico, como uma teoria sobre a natureza da vida social e, por fim, como uma teoria de mudança social. (Caldeira, 2006, p.41).

Assim, segundo Halliday (1985), a linguagem é ação, uma vez que, ao se comunicar por meio das palavras, o falante emite representações do mundo, dos indivíduos que fazem parte da sociedade e até mesmo da própria linguagem. Assim, para ele, tanto o sistema linguístico influencia o social, quanto o social influencia o linguístico.

Em outras palavras, a manifestação da linguagem sofre influência tanto do aspecto social quanto o cultural e, ao estudá-la, ambos os fatores devem ser relacionados, porque o significado de um determinado texto depende de como ele é relacionado a algum texto ou evento já existente.

É a partir dessa consideração que a linguística sistêmico-funcional passa a ter um estatuto de ciência, pois se pauta na impossibilidade de se dissociarem os significados das formas, o léxico da gramática. Isso demonstra que o usuário da língua possui um número considerável de possibilidades para realizar suas escolhas, a fim de agir na sociedade, para estabelecer e manter relações sociais.

Assim, o autor considera que o sistema de regras linguísticas se apresenta pelas regras utilizadas socialmente e assevera a relevância desse sistema frente à influência que os usuários da língua têm sobre a organização linguística, por meio das normas decretadas por seu uso, regras essas que ultrapassam o poder de (de) codificação textual. Com base no exposto, Halliday (1985) identifica três metafunções da linguagem. São elas: ideacional, interpessoal e textual. Para o autor, essas três regras, que são complementares e fazem a relação entre o plano semântico-discursivo da língua e a léxico-gramática, organizam a linguagem.

a) Metafunção ideacional

A visão e a experiência que o usuário da língua possui sobre a realidade é denominada por Halliday (1985) como um componente da linguagem que se intitula metafunção ideacional. Essa metafunção refere-se à maneira pela qual essa experiência do falante é constituída a partir da linguagem, de forma lógica.

Em termos gerais, é válido ressaltar que essa metafunção subdivide-se em duas: a função experiencial e a função lógica. A primeira diz respeito aos aspectos da transitividade, cujo grau é definido a partir de papéis como: ator, meta, beneficiário etc. Esses elementos se relacionam de modo interdependente, estabelecendo uma cadeia sistêmica de relações sintagmáticas e paradigmáticas.

A função lógica, por sua vez, no plano léxico-gramatical, é representada a partir da taxis, isto é, a partir das associações que se estabelecem entre as orações, sendo essas associações definidas como parataxe ou hipotaxe.

Nesse sentido, a metafunção ideacional está associada à maneira como o conteúdo é estruturado para ser utilizado pelo falante, com base em suas experiências e escolhas de expressões gramaticais que são utilizadas em seu discurso. Sendo assim, pode-se afirmar que essa metafunção está associada à cognição.

b) Metafunção interpessoal

Em relação à metafunção interpessoal, pode-se dizer que, para ela, a linguagem estabelece associações entre os envolvidos na interação. Assim, de acordo com essa metafunção, ao observar um texto, a partir dessa perspectiva, podemos evidenciar relações de poder. Desse modo, para Halliday (*apud* SANTOS, 2007), a metafunção interpessoal:

expressa a intromissão do falante no evento discursivo: suas atitudes, avaliações e julgamentos; suas expectativas e demandas; e a natureza da troca durante sua atuação – o papel que ele assume para si no processo de comunicação, e o papel, ou melhor a escolha do papel, que ele está atribuindo ao ouvinte (SANTOS, 2007, p.99).

A partir do exposto, pode-se constatar que o principal objetivo em uma situação comunicativa é o intercâmbio de significados. Assim, evidencia-se que a oração é entendida como permuta de informações e a interação entre os falantes. Nesse sentido, ao codificarem a mensagem, os interlocutores produzem e adquirem papéis, revelando opiniões sobre o tema tratado, ou seja, o enunciador assume um papel discursivo e também constrói o papel de seu ouvinte.

c) Metafunção textual

Por fim, a metafunção textual é aquela que diz respeito, especificamente, à forma como os recursos linguísticos originam um texto, de modo que, esse texto possa se apresentar de maneira coesa e coerente, uma vez que é essa metafunção a responsável por organizar o fluxo de informações que existe em uma produção (seja ela oral ou escrita), bem como apresentar os sentidos das metafunções ideacional e interpessoal.

Desse modo, fica evidente que a metafunção textual concede estratégias que auxiliam o leitor/ ouvinte a atingir o entendimento e a interpretação de determinado enunciado.

Por se tratar de uma metafunção estritamente ligada a função linguística, nota-se que essa metafunção se efetiva em nível léxico-gramatical, na constituição da oração. Assim, a metafunção textual diz respeito ao arranjo da textualização e ao fluxo informacional.

Em relação ao fluxo informacional, vale a pena ressaltar que o entendimento de uma mensagem está vinculado ao Tema/Rema, um sistema pelo qual se identifica a importância que a posição de uma informação ocupa em determinada oração.

Quando se fala em Tema, é preciso ter em mente que ele é, geralmente, o primeiro elemento de uma oração, ou seja, a informação que aparece primeiro, por isso, deve ter baixa informatividade, apresentando apenas informações que já são conhecidas por um leitor/ouvinte. Assim, Halliday (1994) expõe que “Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem; é aquilo de que trata a oração.” Desse modo, a escolha do Tema é crucial para que se perceba a maneira como um discurso é concebido.

Por seu turno, o Rema é o executor do desenvolvimento do Tema, pois é ele que apresenta as informações que são percebidas como novas pelo leitor/ouvinte. Dessa forma, o Rema apresenta um alto grau de informatividade.

Como ficou exposto, o Tema e o Rema são de grande importância para a produção de um discurso, pois é por meio desses recursos que o grau de informatividade de um texto é definido. É preciso lembrar que um discurso menos previsível tem mais informatividade e, portanto, sua recepção é mais trabalhosa, porém muito mais interessante. No entanto, o excesso de informatividade pode ser rejeitado pelo receptor, que poderá não processar esse texto satisfatoriamente. Deve-se mantê-lo em um nível mediano de informatividade, que expresse informações que tragam novidades, mas que estejam ligadas a dados conhecidos.

Em suma, o processo de significação da língua é estruturado, de acordo com Halliday, a partir dessas três metafunções, que se apresentam, em um discurso, de modo concomitante e dependem umas das outras. Essa divisão se faz, então, apenas como princípio metodológico, para se reconhecerem as camadas da estrutura da oração.

Sendo assim, destaca-se esta perspectiva como instrumento metodológico que permite a realização do objetivo geral desta pesquisa, uma vez que ela tem como objeto de estudo a língua em uso, a fim de evidenciar, entre outros motivos, que as escolhas do falante sofrem a influência do contexto em que esse falante se insere. Além disso, essa vertente teórica considera que a função de um elemento linguístico é de extrema importância para sua definição e está, muitas vezes, atrelada à intencionalidade de um usuário da língua.

Para o desenvolvimento da presente pesquisa conjugam-se alguns princípios da Linguística Textual, uma vez que essa perspectiva dialoga com o Funcionalismo, na medida em que ambas enfatizam o predomínio de elementos extralinguísticos e sua relevância na organização da estrutura textual/discursiva.

1.2 O funcionalismo hallidayano e a Linguística Textual

A Linguística Textual, segundo Koch (2004), tem como objeto de investigação o texto como uma forma de interação, de produção, de preservação e de transmissão do saber, pois é por meio dele que organizamos um evento comunicativo. Sendo assim, essa teoria tem como objeto de investigação, como já exposto, o texto, e não a palavra ou a frase fora de um contexto.

Para Koch (2004), a Linguística Textual apresenta-se em três diferentes momentos e com visões teóricas distintas. Em um primeiro momento, o interesse dessa corrente linguística voltou-se para a construção de gramáticas do texto e/ou análise transfrástica, ou seja, para os fenômenos sintático-semânticos que ocorrem entre os enunciados. Foi nesse primeiro momento que se começou a dar atenção especial para os mecanismos de remissão textual (anafóricos e catafóricos), por serem considerados um fator importante de coesão. No entanto, não se fazia uma distinção entre os termos coesão e coerência, uma vez que, a coerência era entendida como uma simples característica do texto.

O segundo momento da Linguística Textual é aquele em que se tem uma virada pragmática, ou seja, passa-se a considerar o contexto em que está inserido um determinado texto, além das intenções comunicativas e sociais de um falante. Nesse segundo momento, Koch (2002) postula que aconteceu uma notável mudança no conceito de coerência, pois ela, a partir de então, foi vista como um fenômeno que se constrói em cada situação de uso e de interação comunicativa, e não mais como simples propriedade do texto.

Por fim, no terceiro momento, segundo Chaves e Méa (2006), os estudos se direcionam ao processamento cognitivo do texto, ou seja, abordam questões de compreensão e produção textual ligadas à maneira como cada indivíduo irá representar e ativar seus conhecimentos no momento em que processa o texto. Por esse motivo, o entendimento do texto depende do conhecimento cognitivo de cada falante, pelo fato de que cada um possui uma bagagem social, histórica e cultural

diferente. Logo, em uma situação de interação, o texto se constrói por meio da ativação de conhecimentos e experiências dos interlocutores. Sendo assim, a coerência é construída por meio da capacidade cognitiva de cada um.

1.2.1 A questão da coesão e da coerência no texto

Para elaboração de um bom texto, entre outros aspectos, deve-se levar em consideração dois fatores de extrema importância: a coerência e a coesão. Essa coerência é uma das principais formas de se manter o sentido do texto, pois só se pode considerar um texto como algo carregado de sentido, quando ele é compatível com o conhecimento de mundo de seu leitor. Observar o processo coesivo é, então, fundamental, porque, permite ao receptor entender que um texto se constrói na relação entre o autor, o leitor e o mundo que o cerca. Sendo assim, um texto é considerado incoerente em determinada ocasião, se seu autor não conseguir “transmitir” um sentido ou uma ideia, ao articular suas frases e parágrafos, juntamente com os recursos linguísticos. Por esse motivo, pode-se dizer que a coerência textual é a relação lógica entre as ideias, visto que elas devem se completar.

A coesão, por sua vez, é a manifestação linguística da coerência, pois surge da forma como as relações lógico-semânticas do texto se manifestam na superfície textual. Desse modo, a coesão de um texto é verificada pela análise dos mecanismos lexicais e gramaticais que o constituem.

Esses mecanismos de coesão e coerência circundam as produções textuais, pois ao se analisarem essas produções, observa-se que, na maioria dos casos, os maiores problemas semânticos e gramaticais apresentam-se na ausência ou no uso equivocado de anáforas e catáforas. Lembrando que os processos referenciais, além de serem responsáveis pela progressão textual das produções escritas, são uma das mais evidentes manifestações da coesão e da coerência em um texto.

É válido ressaltar que esses processos de referenciação são uma das formas de legitimação de coesão textual, pois estão pautados na retomada anafórica ou na projeção catafórica, bem como no processo interativo com o texto. Assim, esses processos assumem fundamental importância ao estabelecerem a retomada, visto que, como já exposto, além de garantirem a coesão do texto, imprimem a visão de mundo do autor.

Com base no exposto, atesta-se que a importância dos processos referenciais está, justamente, no fato de que eles fomentam a compreensão de um texto e devem estar sempre presentes em uma produção, pois, na medida em que se constituem, ajudam o receptor a adquirir a compreensão do texto lido, além de (muitos deles) serem importantes recursos argumentativos.

1.2.2 Considerações de Van Dijk acerca do contexto

Há um “recurso” fundamental para que o processo de comunicação se estabeleça. Esse recurso é o contexto, pois é ele que, em muitos casos, determina o sentido de uma enunciação. Além disso, a determinação do contexto permite que algumas ambiguidades ou incongruências de sentido se desfaçam. Assim, Dijk (2012) expõe:

Vemos que a noção de ‘contexto’ é frequentemente usada para localizar ou explicar as coisas. Colocamos ou procuramos ver as coisas em seu ‘contexto próprio’, e somos frequentemente cobrados no sentido de não interpretar ou descrever as coisas ‘fora de contexto (DIJK, 2012, p. 19-20).

A importância desse recurso se apresenta também no processo remissivo, uma vez que, principalmente nas anáforas indiretas, é ele que determina o sentido de tal remissão. Por esse motivo, faz-se necessário, para este trabalho, o desenvolvimento de um tópico para especificar o que é o contexto.

Para Dijk (2012), o termo contexto é utilizado para demonstrar que certo evento, ação, discurso ou fenômeno deve ser estudado de acordo com seu entorno. Em outras palavras, o contexto é responsável por definir os possíveis sentidos que pode tomar uma situação comunicativa. O autor ainda expõe que a forma como se desenvolvem os enunciados também é dependente do contexto. Assim, ele é responsável por influenciar o entendimento de um processo de enunciação.

Além disso, Dijk (2012) expõe:

[...] ‘contexto’ pode ser usado para representar o episódio comunicativo como um todo, incluindo o próprio evento comunicativo (texto, fala) ou meramente para representar o entorno social relevante de tal evento (DIJK, 2012, p. 167-168).

Assim, dependendo da situação comunicativa, o contexto pode dizer respeito a episódios distintos. No entanto, para desenvolver seus estudos, Dijk (2012) opta por trabalhar somente com os entornos sociais relevantes que se referem ao texto e a fala, porque “não compreendemos corretamente os fenômenos complexos sem compreender seu contexto”.

Para Dijk (2012), há de se ressaltar, também, que os contextos influenciam a fala/escrita culturalmente. Sobre isso, o autor expõe:

Os esquemas de contextos e suas categorias podem variar culturalmente e, assim, definir condições de adequação diferentes para o discurso em sociedades diferentes. Embora algumas categorias contextuais possam (ou precisem) ser universais, como é o caso do Falante e de vários tipos de Destinatários, bem como do Conhecimento, outras podem variar culturalmente, por exemplo, as propriedades sociais específicas dos participantes (DIJK, 2012, p. 42).

Complementando, o autor ainda explicita:

[...] Nível social, poder e parentesco são propriedades relevantes dos Participantes nos esquemas de contextos de muitas culturas – controlando, por exemplo, muitas expressões de polidez e deferência –, ao passo que outras categorias contextuais (por exemplo, falar com a sogra) podem ser mais circunscritas, e outras ainda são provavelmente irrelevantes em qualquer lugar (por exemplo, o comprimento do cabelo da pessoa) (DIJK, 2012, p.42-43).

Com isso, o autor expõe que há entornos e situações que influenciam diretamente a fala/escrita, enquanto que outros entornos não desempenham papel algum no ato comunicativo.

Dijk (2012) ainda discute o papel do modelo mental para a constituição do contexto. Segundo o autor, é inegável que situações sociais são compreendidas cognitivamente, e que textos se originam, são moldados e influenciados por esta compreensão. Desse modo, nota-se que a relação situação-discurso é indireta e que o contexto deixa de ser uma situação e integra um modelo mental específico, modelo esse que está sujeito à interpretação subjetiva, realizada pelos participantes da situação social da qual fazem parte.

É relevante, também, para o estudioso, deixar claro que uma pessoa específica possui modo subjetivo de entender fatos sociais, além de pertencer a diferentes comunidades de práticas. Isso faz com que, indivíduos diferentes assimilem conteúdos diferentes de um mesmo enunciado. Com isso, o autor

combate o uso apenas de conhecimentos generalizados sobre grupos, mostrando que cada indivíduo possui interpretações únicas.

Em seus estudos, o teórico ainda faz considerações sobre a visão de contexto exposta pela linguística sistêmico funcional, doravante LSF. O autor expõe o valor da LSF para os estudos iniciais sobre a teoria do contexto reconhecendo que esses estudos não aconteceriam sem os caminhos traçados pela área. Não obstante, acredita que alguns questionamentos da área têm apresentado visão restrita sobre essa teoria, por exemplo, com o excesso de gramática da sentença, uso de termos arbitrários, incompletos e pensamento antimentalista.

Nesse sentido, Dijk (2012) ainda lembra que Malinowski priorizou aspectos semânticos, deixando de lado os modelos mentais e a pragmática do contexto. Firth (discípulo de Malinowski), por seu turno, evolui um pouco nas questões pragmáticas, mas seria excessivamente antimentalista, pois acreditava na falta de compatibilidade entre eventos não observáveis e teoria.

Ao falar de Halliday, Dijk (2012) preconiza que o funcionalista se dedica exclusivamente ao estudo da gramática funcional, deixando de lado, por exemplo, perspectivas socioantropológicas e psicolinguísticas. Assim, para Halliday, o contexto de situação é considerado parte integrante do contexto de cultura, que se apresenta como sistema mais geral. Nesse âmbito, Van Dijk (2012) expõe que há “vestígios” estruturalistas fortes relacionados às funções da língua (que são representadas por suas funções: textual – sintática – ideacional – semântica - e interpessoal – pragmática-), pois essas funções apresentadas por Halliday desconsideram outras funções relevantes, tais como as culturais, as sociais, as ideológicas entre outras.

Nesse sentido, fica evidente que, para Dijk (2012), a perspectiva de o contexto ser arquitetado por meio de modelos mentais subjetivos impede o determinismo e explica as distinções entre enunciadores. Nesse âmbito, apenas com influências sociais estáveis no discurso, é custoso obter explicações para os múltiplos contextos. Dessa forma, é preciso que se abandone a visão sustentada pelos modelos estruturalistas e formalistas, que desconsideram os entornos sociais e culturais e, conseqüentemente, reduzem o contexto às explicações limitadas e não mediadas.

A respeito da definição de contexto, Bentes, Koch e Morato (2011) afirmam que as discussões sobre esse assunto datam dos estudos de Malinowski (1923) e

que a partir de então, várias outras pesquisas, em diversas áreas, foram surgindo. Para essas autoras:

A noção de contexto é mobilizada já nas primeiras pesquisas na área de Linguística Textual. Inicialmente, o contexto era entendido como contexto verbal (cotexto), passando, depois, a englobar a situação comunicativa imediata e, só mais tarde, a situação comunicativa mediata, de cunho sócio-cultural, enquanto entorno cognitivo sócio-político-cultural (BENTES, KOCH, MORATO, 2011, p.80).

As autoras citadas corroboram a visão de contexto exposta por Dijk (2012), ao afirmarem que:

Essa noção mais atual do conceito de contexto traz uma série de vantagens para a análise textual, como a diluição das dicotomias lingüístico/extralingüístico, cognição individual/social, memória semântica/episódica, importante para evidenciar os fatores e condicionantes socioculturais e ideológicos articulados de maneira constitutiva às situações interacionais concretas (BENTES, KOCH, MORATO, 2011, p.81).

Essas autoras, não obstante, em seus estudos, trabalham também com a noção de *frame*, expondo que:

[...] frames têm sido compreendidos como estruturas de conhecimentos pré-existent e relacionáveis, emergentes e incorporados que organizam nossas experiências, altamente ritualizadas (mas não óbvias ou imutáveis), mais ou menos estereotipadas, mais ou menos estabilizadas de forma não seqüencial e ordenada (BENTES, KOCH, MORATO, 2011, p.82).

Assim, ainda de acordo com Bentes, Koch e Morato (2011), o *frame* pode ser considerado como um enquadramento social dos sujeitos em determinada situação comunicativa. Além disso, o *frame* diz respeito às situações sociais que determinam a interação entre os falantes. Fica evidente que essa definição equivale a definição de contexto dada por outros autores.

Finalizando, segundo essas autoras:

A noção de contexto, como a de situação social, enquadre ou frame, tem a ver com estruturas de expectativa, isto é, não se trata de algo concebido *a priori* e nem de forma independente quanto a nossas experiências sócio-culturais; pelo contrário, dependem dos atos de significação e, portanto, das práticas mediadas largamente por linguagem (BENTES, KOCH, MORATO, 2011, p.82 - 83).

CAPÍTULO II

Referência e Referenciação

Ao se falar de referência, sempre surge a dúvida: como classificar essa ocorrência? Trata-se de referência ou de referenciação? Tão vastos são os debates acerca desse tema que ora ele é estudado pelas Ciências Linguísticas, ora pela Filosofia e, até mesmo, pela Psicologia. Por esse motivo, é válido abordar as diferenças existentes entre o uso desses dois termos, bem como, discutir sobre o papel desse mecanismo no processo de elaboração de discursos.

No que concerne a esse assunto, Mondada e Dubois (2003) expõem que é preciso comutar a palavra referência pela palavra referenciação, uma vez que o processo de referenciar é configurado como uma atividade da língua produzida, em determinado momento histórico e social, por sujeitos em interação. Desse modo, durante essa interação, os sujeitos criam mundos textuais em que os objetos não refletem de modo fiel o “mundo real”, pois esses objetos são organizados por meio das práticas sociais, tornando-se assim, objetos-de-discurso.

Nesse âmbito, as referidas autoras sugerem, para a abordagem da referenciação, duas linhas: uma se refere à categorização, a partir da qual os mecanismos cognitivos atribuem estabilidade ao mundo. A outra aborda uma visão linguística discursiva e interacionista, que analisa os processos de referenciação no sentido de constituição dos objetos-de-discurso e de intermediação dos padrões sociais. Assim, é possível considerar a referência como um sistema pronto e preexistente, e a referenciação como um sistema que é construído.

Antes de adentrar na definição de referência, para melhor entender essa questão, de acordo com Cardoso (2003), é necessário refletir sobre a relação que existe entre a língua e a realidade, fato que ainda gera muita discussão na linguística moderna. Assim, definir o que é o signo linguístico é fundamental.

Os gregos definiam o signo como um elemento constituído de três partes: *significado*, *palavra* e *referente*. Essa tripartição atravessou séculos, chegando aos estudos saussureanos. Em seus estudos, Saussure, apesar de ainda se mostrar preso a alguns aspectos das tradições clássicas, expõe que o signo linguístico é composto por dois elementos básicos: significado (que é relativo ao conceito, isto é, à imagem acústica) e ao significante (que é caracterizado pela realização material

de tal conceito, por meio dos fonemas e letras). Saussure expõe, ainda, o caráter arbitrário do signo, pois nada existe no conceito que o leve a ser categorizado pela sequência de fonemas. Assim, ainda para o teórico, cada sociedade requer e organiza os signos de acordo com suas convenções e realidades.

Voltando a questão da referência, Saussure é o primeiro nome que surge na mente de qualquer linguista quando se fala em referente, pois, em seus trabalhos, o autor, por meio de uma divisão dicotômica, “excluiu” de seus estudos o conceito de “coisas”, que designava os referentes da realidade. Dessa forma, o teórico em questão se isentou da responsabilidade de lidar com a referência. É o que expõe Cardoso (2003)

Pode-se dizer que o referente está presente no signo de uma maneira indireta, como algo com o qual o significado não deve ser confundido. Desde o início do *Cours*, Saussure alerta para o fato de que o significado, identificado como *conceito* não são as coisas da realidade. Essa *maneira negativa de estar* é imposta pela distinção que Saussure faz entre dois níveis semânticos, um interior ao signo (significado) e outro exterior ao signo (referente), correspondentes a duas zonas diferentes da realidade, a linguística e a extralinguística. (CARDOSO, 2003, p.14).

Assim, essa separação visível entre o significado e as coisas, com a exclusão do referente, como já exposto, foi a primeira solução que Saussure obteve para se evadir da problemática definição de referência, além de assegurar a autonomia da língua em relação ao que é real.

Para a Gramática de Port-Royal, segundo Cardoso (2003):

É possível dizer que a *Gramática de Port-Royal* está menos preocupada com a relação entre a palavra e os objetos do mundo, ou a relação do pensamento com os objetos do mundo, do que com a relação entre os objetos do pensamento e as palavras, muito embora reconheça sempre que o *discurso fala das coisas*. A realidade exterior não é o determinante da linguagem, de suas categorias. O que é determinante é a maneira de considerar essa realidade, o nosso olhar sobre o mundo, que é o olhar da razão. (CARDOSO, 2003, p.22-23).

Desse modo, de acordo com Cardoso (2003), Port-Royal expõe que para compor a referência, faz-se necessário, antes de tudo, “obedecer” a uma ordem de fatores: primeiro, a razão universal; segundo, o olhar da razão sobre as coisas do mundo; depois, os objetos do pensamento que sucedem desse olhar e, por fim, os signos linguísticos que designam o pensamento.

Ainda seguindo a vertente estruturalista, o Círculo Linguístico de Praga, também pouco se dedicou aos estudos sobre a referência, pois de acordo com Cardoso (2003) “A questão da referência, embora não totalmente negligenciada, ocupou, assim, um lugar de menor importância nos trabalhos do primeiro momento de Praga”.

É válido ressaltar que, por mais que o Círculo se distanciasse dos preceitos saussurianos em alguns pontos, é considerado um dos principais herdeiros de Saussure.

Dentre os estudos estruturalistas, a Escola de Copenhague (cujo maior representante é Hjelmslev) é a que tem a visão mais extrema acerca das teses saussureanas, levando às últimas consequências a ideia de que a língua é forma e não substância. Assim, é possível expor que:

Hjelmslev chamou de forma tudo aquilo que uma determinada língua instituiu como unidades através da oposição; à forma ele opôs uma substância, definida como o suporte físico da forma, que tem existência perceptiva, mas não necessariamente linguística (...) Hjelmslev considerou uma outra distinção, a que estabelece entre expressão e conteúdo; cruzando essas duas distinções (expressão X conteúdo X forma X substância), chegou a um mapa onde é possível delimitar com muita clareza a definição de língua com que trabalharam os estruturalistas. (ILARI, 2004 : 61. IN: MUSSALIN)

Desse modo, conforme afirma Cardoso (2003):

o projeto de construção de uma teoria do significado sem qualquer resquício de substância parece ter sido a solução encontrada por Hjelmslev para fugir do paradoxo do referente [...],e, ao mesmo tempo, escapar do *realismo ingênuo*, que atribuía a cada signo um objeto físico. Fazer do significado algo fundamentalmente diferente do referente pareceu para Hjelmslev a condição para que o significado fique de fato circunscrito à língua enquanto sistema de valores. (CARDOSO, 2003, p.22-23).

Nesse sentido, fica evidente que, para esse momento da linguística, o significado não tem relação com o que é exterior à língua.

Em um segundo momento da linguística (mais especificamente nas décadas de 1950 e 1960), a noção de que a forma linguística é neutra é questionada, uma vez que se passa a considerar a história dos usos da língua, tanto atuais como anteriores, bem como se passa a levar em conta os usuários dessa língua.

Nesse sentido, Benveniste, um dos precursores desses estudos, contraria a visão saussureana, pois acredita que a relação entre o significante e o significado não seja arbitrária, mas sim necessária, pois assegura a unificação da estrutura da língua. Para esse autor, o que é arbitrário é a relação entre o signo e o objeto. No entanto, de acordo com Cardoso (2003) “a relação entre signo e objeto não diz respeito à forma linguística, à língua enquanto estrutura, mas tão somente à língua enquanto funcionamento, que não é objeto da linguística de Saussure”.

É importante salientar que Benveniste, desde o início de seus estudos trata da relação entre linguagem e realidade. A questão da referência, todavia, só é trabalhada posteriormente, em “O aparelho formal da enunciação” (1970). A partir desse momento, a referência tornou-se parte da enunciação. Assim, Benveniste (1989) expõe:

Por fim, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição dessa mesma mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Com base nos estudos de Benveniste, suscitou-se uma discussão acerca da definição do termo referência/referenciação, pois se questionava essa visão tradicional de que a referência constituía-se apenas como uma representação dos objetos do mundo. Ou seja, indagava-se a concepção de que referência representava, por meio das palavras, tudo o que existia, conduzindo a uma vinculação com o mundo real.

Modernamente, a proposta de Mondada e Dubois (2003) afirmou que, no processo referencial, há uma modificação dos encadeamentos entre as palavras e as coisas, que atinge a compreensão, uma vez que os objetos de discurso surgem a partir de realizações discursivas e cognitivas. Assim, para Jefferson (*apud* MONDADA e DUBOIS, 2003):

A referenciação adequada pode ser vista como um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha. Uma consequência disso é que várias tentativas de nomeação podem ser retidas como adequadas, e a correção do erro, sendo, então, utilizada como recurso interacional para invocar formulações alternativas (MONDADA e DUBOIS, 2003, p.30).

Corroborando, Koch (2005) compreende que a referenciação é uma atividade discursiva que situa, na ocasião da interação verbal, o sujeito na ação sobre o material linguístico que tem a sua disposição, podendo viabilizar alternativas proeminentes para simular estados de coisas, a fim de efetivar sua proposta de sentido. Assim, ainda segundo essa autora, a atividade referencial é aquilo que designamos ou representamos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade. Em outras palavras, Koch (2003) expõe:

A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade: as entidades designadas são vistas como *objetos-de-discurso* e não como *objetos-do-mundo* (KOCH, 2003, p.79).

Com base no exposto, é válido lembrar que, ainda segundo Koch (2003), os objetos de discurso são dinâmicos, visto que depois de introduzidos, podem ser transformados, modificados e recategorizados. Desse modo, eles constroem e reconstroem o sentido no desenrolar da progressão textual, favorecendo, assim, a construção de determinados processos de referenciação.

Esses processos de referenciação são vistos como alternativas que um sujeito possui em função de um querer-dizer, confirmando a maior relevância de determinados itens em relação a outros. Desse modo, de acordo com Koch (2003),

O processamento do discurso, sendo realizado por sujeitos ativos, é estratégico, isto é, implica, da parte dos interlocutores, a realização de escolhas significativas entre as múltiplas possibilidades que a língua oferece (Koch, 2003, p.81).

Ainda no que concerne à referenciação, é importante expor que, por mais que sejam próximos, referência e referente são conceitos distintos, pois a referência determina a propriedade do signo linguístico de se remeter a uma realidade. O referente, por sua vez, incide na realidade apresentada por essa referência. Sobre esse assunto, Koch e Marcuschi (2002) afirmam:

A referência é aqui tida como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade. A referência não é uma etiquetagem apriorística entre linguagem e mundo, como se entre ambos houvesse uma relação biunívoca. Assim, o fenômeno designado não é algo que deve necessariamente existir (na condição de indivíduo) no mundo extratexto ou extramente. Estes fenômenos (os referentes) se dão como *objetos de*

discurso e não como objetos do mundo (KOCH e MARCUSCHI, 2002, p. 37).

Justamente sobre esse assunto, ainda em 1978, Frege evidenciava:

O referente é um objeto – ou uma classe de objetos – que pode ser isolado de um domínio mais ou menos específico, a partir de uma asserção descritiva ou de um nome próprio (FREGE, 1978, p. 64).

A partir do exposto, pode-se afirmar que a referenciação efetiva-se no momento da enunciação, no instante em que o sujeito atribui significação ao mundo e, por isso, constrói discursivamente os referentes a que faz referência, isto é, referência/referenciação/remissão não é só um processo de retomada. Desse modo, por fazer parte do discurso, a referenciação viabiliza a falta de estabilidade provocada nas concepções do sujeito durante o processo de elaboração desse discurso. Assim, é válido ressaltar que a relevância da referência só ocorre por meio da enunciação. Em outras palavras, a língua só deve ser concebida no momento em que, por meio do falante, no instante da enunciação, se refere ao mundo.

Cardoso (2003), explica o que, para a filosofia da linguagem, seria o ato de fazer referência:

Mencionar ou fazer referência não são coisas que uma expressão faz, mas algo que alguém faz ao usar uma expressão; “ser a respeito de algo” (uso predicativo) e “verdadeiro e falso” (uso referencial) são características de um uso que alguém faz de uma oração. A referência é uma questão de uso e demanda o contexto (o tempo, o lugar, a situação, a identidade do falante, os temas que constituem o foco imediato de interesses, as histórias pessoais do falante e do ouvinte etc.) (CARDOSO, 2003, p. 91).

Nesse sentido, conforme já exposto, o ato de fazer referência é construído no discurso, por meio de um sujeito que molda sua fala de acordo com a necessidade comunicativa de determinado momento. Isto quer dizer que, para elaborar sua fala, e, conseqüentemente, sua “rede referencial”, o falante escolhe os termos dos quais fará uso, na intenção de cumprir seu projeto de dizer.

Ainda no tange à definição de referência, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995 *apud* Koch e Marcuschi, 2002) expõem:

a) a referência é sobretudo um problema que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;

- b) o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo em que é tributário dessa construção;
- c) e, finalmente, eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas “mundanamente” ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização lexical (KOCH e MARCUSCHI, 2002, p.37-38).

Isso mostra que a língua não possui como finalidade somente transmitir informações. Assim, a discursivização ou textualização do mundo, por meio da língua, não acontece, simplesmente, como um método de composição de informações, mas sim de composição da realidade, visto que ela sofre intervenções do sujeito que a utiliza.

A partir das considerações expostas neste tópico, é possível ressaltar que a referenciação é composta por dois processos que coexistem: a cognição e o uso dos elementos linguísticos. Juntos, esses dois processos originam tanto o material textual como o social. Dessa forma, faz-se necessário, para esta pesquisa, desenvolver um tópico sobre os elementos linguísticos que permitem a construção da referenciação.

2.1 A construção da referenciação

Os mecanismos referenciais são fundamentais para que haja coesão e coerência no texto, visto que garantem a progressão do sentido. Esses mecanismos permitem ao produtor de um enunciado se remeter a outros elementos por meio de anáforas ou catáforas, utilizando-se, para isso, de elementos linguísticos. As formas de manifestação desse processo de retomada podem dar-se, segundo Koch (2005 *apud* MARCUSCHI, 2005), tanto por fatores extratextuais quanto intratextuais.

Para a construção dos processos referenciais, Ainda de acordo com Koch (2004, p.62), “estão envolvidas, como operações básicas, as seguintes estratégias: construção/ativação; reconstrução/reativação e desfocalização/desativação”. Desse modo, para elaborar um discurso, o usuário da língua tem a liberdade de recorrer a processos referenciais distintos, de acordo com sua intenção ao produzir tal discurso.

Nesse sentido, o falante/escritor, por meio da ativação de um objeto textual, focaliza uma expressão linguística, a partir da qual constrói a sequência de sentido

de seu enunciado. Essa sequência permite a esse enunciador manter informações conceituais referentes ao tema sobre o qual está tratando.

2.2 A anáfora

2.2.1 A anáfora direta

Os fatores intratextuais são aqueles que possuem os referentes marcados na materialidade do texto, sendo as anáforas e catáforas os mecanismos mais utilizados para se fazer essa remissão. Sendo assim, essas anáforas e catáforas apresentam-se pelo uso dos encapsulamentos anafóricos, elipse, sinonímia, hipônimo/hiperônimo. Sobre as anáforas diretas, Marcuschi (2005a) afirma:

As anáforas diretas retomam referentes previamente introduzidos, estabelecendo uma relação de co-referência entre o elemento anafórico e seu antecedente. Para haver uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente. Na realidade, a anáfora direta seria uma espécie de substituto do elemento por ela retomado (MARCUSCHI, 2005, p.55).

2.2.1.1 A anáfora encapsuladora sob a perspectiva de Conte

A definição para o que será chamado aqui de encapsulamento anafórico recebe diferentes denominações nos estudos acerca desse processo remissivo. Uma das definições sobre esse tema apresenta-se nos estudos de Conte (2003). Para essa autora:

[...] Este termo descreve uma anáfora lexicalmente baseada, construída com um nome geral (ou um nome avaliativo, um nome axiológico) como núcleo lexical e revela uma clara preferência por um determinante demonstrativo. O encapsulamento anafórico pode ser definido no seguinte modo: é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumidora para uma porção precedente do texto. Esta porção de texto (ou segmento) pode ser de extensão e complexidade variada (um parágrafo inteiro ou apenas uma sentença) (CONTE, 2003, p. 178).

É válido ressaltar que o encapsulamento não se limita a resumir uma porção precedente do texto, uma vez que, ainda de acordo com Conte (2003) por meio

desse recurso, um novo referente discursivo é formado a partir da base de uma informação considerada velha. Assim, para se compreender o sentido de determinada expressão, para o entendimento do encapsulamento anafórico o cotexto é extremamente necessário. Nesse sentido, Conte (2003) afirma que:

[...] Os encapsulamentos anafóricos podem ser considerados novos por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, o próprio item lexical (o núcleo do sintagma nominal) é geralmente novo na medida em que não ocorreu no texto precedente. Em segundo lugar, e mais importante ainda, estamos lidando não apenas com categorização de informação cotextual dada, mas também com hipóstase (“Vergegenständlichung”). O que já está presente no modelo discursivo é “objetificado”, ou, em outras palavras, torna-se um referente. Na base da informação velha, um novo referente discursivo é criado, e se torna o argumento de predicções futuras. Assim, o encapsulamento anafórico se torna um procedimento muito interessante de introdução de referentes no texto. Esses referentes são criados na dinâmica do texto (CONTE, 2003, p. 183).

O encapsulamento anafórico funciona como um organizador do texto, podendo aparecer retroativamente ou prospectivamente. Assim, ele pode estar em diversos pontos do parágrafo (no começo, no meio ou no final da oração), apresentando-se como um importante recurso de integração semântica. No que se refere a esse assunto, Conte (2003) expõe:

[...] ele funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor. Como foi apontado por Wanda d’ Addio (1988, 1990), a escolha do nome encapsulador não é sempre facilmente compreensível para o leitor, e pode chegar através de processos complexos de inferência (CONTE, 2003, p. 186).

Ao se referir ao encapsulamento, não é possível deixar de tratar de sua função argumentativa, uma vez que, por meio desse processo remissivo, o usuário da língua pode, além de recategorizar porções precedentes e subsequentes do cotexto, também, acrescentar modificadores avaliativos, garantir a integração semântica entre as sequências e indicar como o leitor deverá interpretar essas sequências.

Todas essas funções que o encapsulamento anafórico desempenha proporcionam ao sujeito não só a coordenação das sequências argumentativas de modo que a argumentação se torne mais esclarecedora como também o auxílio no encaminhamento do leitor para a compreensão das sequências textuais. Isso faz

que o leitor passe a acatar, ou pelo menos considerar, as opiniões apresentadas pelo autor durante o texto.

Finalizando as considerações de Conte (2003), pode-se evidenciar que a referida autora afirma que os referentes dos SNs anafóricos não são indivíduos, mas referentes denominados por Lyons (1977) como entidades de uma ordem superior, como estados de coisa, eventos, situações, processos ou fatos, proposições, atos de enunciação. Assim, geralmente, os núcleos dos SNs são formados por expressões do tipo: “a situação”, “este assunto”, etc., nomes genéricos que não delimitam exatamente o termo precedente. Desse modo, evidencia-se que é preciso um trabalho de interpretação do leitor/ouvinte, para que o entendimento seja construído. Esse entendimento, portanto, só será efetivado se esse leitor/ouvinte considerar o cotexto precedente.

2.2.1.2 Os Rótulos para Francis

O que para Conte (2003) é um encapsulamento anafórico, Francis (2003) classifica como rótulo. Para Francis (2003), que se baseia nos estudos de Winter (1982,1992), o rótulo é um elemento “não-específico”, cujo significado no discurso necessita ser decodificado de forma precisa. Assim, a autora indica como principal característica para esse recurso coesivo o fato de ele necessitar da concretização lexical em seu cotexto, conforme expõe a autora:

A principal característica do que será chamado de rótulo é que ele exige realização lexical, ou lexicalização, em seu cotexto: é um elemento nominal inerentemente não-específico cujo significado específico no discurso necessita ser precisamente decifrado (Winter,1982,1992). Os rótulos podem funcionar tanto cataforicamente (para frente), quanto anaforicamente (para trás). Quando o rótulo preceder sua lexicalização, será chamado de *rótulo prospectivo*; quando seguir sua lexicalização, será chamado de *rótulo retrospectivo* (FRANCIS, 2003, p. 192).

Do mesmo modo que Conte (2003), Francis (2003), em uma perspectiva sistêmico-funcional, discorre sobre a função argumentativa dos rótulos. A autora expõe que o rótulo contribui para a organização textual, ao inserir mudanças de tópico ou alterações dentro de um mesmo tópico, ao mesmo tempo em que preserva uma continuidade, ao introduzir informações novas dentro de uma estrutura dada. O

rótulo, então, mostra ao leitor/ouvinte como determinada porção de texto deve ser compreendida.

Desse modo, fica evidente que esse recurso coesivo contribui tanto para a organização do discurso (sendo um dos responsáveis pela efetivação da coesão micro e macroestrutural) quanto para a exposição de opiniões ou julgamentos do escritor de um texto. É justamente por isso que se constata a grande frequência desses processos em textos opinativos (como é o caso da coluna de Simão).

Em outras palavras, esses rótulos não apenas se referem a um termo mas também são responsáveis por contribuir para a construção do sentido do texto, pois indicam os caminhos argumentativos, ao evidenciar opiniões. Essa contribuição vem, justamente, do fato de a utilização desse recurso resultar de escolhas que são realizadas mediante diferentes contextos e interlocutores. Além de esse emprego evidenciar os propósitos comunicativos do produtor de um texto. A partir do exposto, fica evidente que o uso desse mecanismo reforça a opinião do escritor de um texto, contribuindo para o leitor atingir a compreensão esperada pelo autor. Por isso, o rótulo se configura como uma poderosa forma de manipulação da opinião.

Como já exposto, Francis (2003) divide os rótulos em dois grupos: prospectivos e retrospectivos. Os rótulos prospectivos são, para a autora: os SNs que direcionam a atenção do leitor/ouvinte para a passagem posterior do texto, preparando-o para a próxima informação. Por esse motivo, Francis (2003) confere ao rótulo prospectivo uma natureza preditiva. Assim, a pesquisadora expõe que “o rótulo tem claramente um papel organizador que se estende para todo o próximo parágrafo”.

O rótulo retrospectivo, por sua vez, para Francis (2003):

[...] serve para *encapsular* ou empacotar uma extensão do discurso. Meu critério maior para identificar um grupo nominal anaforicamente coesivo como um rótulo retrospectivo é que não há nenhum grupo nominal particular a que ele se refira: não é uma repetição ou um “sinônimo” de um elemento precedente. Em vez disso, ele é *apresentado como equivalente* à oração ou orações que ele substitui, embora nomeando-as pela primeira vez. O rótulo indica ao leitor exatamente como esta extensão do discurso deve ser interpretada, e isso fornece o esquema de referência dentro do qual o argumento subsequente é desenvolvido (FRANCIS, 2003, p. 195).

Finalizando, ainda para Francis (2003), tanto o rótulo prospectivo quanto o retrospectivo possuem uma função organizadora. Visto que, eles demonstram que o

autor de um texto está se direcionando para a próxima fase de seu argumento, sem abandonar a anterior, pois ele a encapsula e a empacota em uma única nomeação.

Exemplo:

“...Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!...”

Percebe-se, nesse exemplo, o uso de um encapsulamento anafórico (ou rótulo), uma vez que por meio do termo *O esculhambador-geral*, Simão cria uma imagem de alguém que vai mostrar o lado ruim das coisas (esculhambar). Ele, dessa forma, faz surgir na mente do leitor a ideia de que, em seus textos, há sempre uma “avacalhação” dos fatos que estão acontecendo na mídia e no regime de governo (república).

2.2.1.3 A perspectiva de encapsulamento para Apothéloz

Para Apothéloz (2003), o encapsulamento deve ser tratado de modo mais vasto, abrangendo desde os que se concretizavam por sintagmas nominais, até os que manifestavam por meio de pronomes. Desse modo, o teórico classificou como nomeação a ação discursiva que se propõe em referir a um processo ou estado que já estava expresso anteriormente por uma sentença. Assim, Apothéloz (2003) afirma que:

Há anáfora por nomeação quando o sintagma nominal transforma em referente, quer dizer, em objeto individuado, o processo denotado por uma proposição anterior. Dois casos pelo menos podem, então, se apresentar: a nomeação pode retomar o *conteúdo proposicional* desta proposição; ou o *ato de fala* realizado por meio da enunciação deste conteúdo (APOTHÉLOZ, 2003, p. 71-72).

Ainda de acordo com o referido autor, há um engano ao se classificar o encapsulamento em nominalização, visto que essa expressão é usada tanto para descrever o lexema utilizado para nominalizar um verbo, como para caracterizar o processo de sumarização. Nesse sentido, Apothéloz (2003) argumenta que a informação resgatada pela nomeação é vista como informação-suporte da sentença.

Além disso, o teórico destaca como maior peculiaridade das nomeações, o fato de elas concederem um estatuto de referente, ou de objeto de discurso, para as informações-suporte, que outrora não possuíam estatuto discursivo.

Por mais que o encapsulamento assumia classificações distintas em meios aos estudos que abarcam esse tema, fica evidente que, nas diversas definições desse recurso como elemento coesivo, é possível constatar como algo comum aos estudos a ação direta do falante/escritor por meio de suas escolhas lexicais. Além disso, nota-se que essas escolhas lexicais estão diretamente relacionadas à intenção discursiva do falante/escritor.

2.2.1.4 A elipse

Além disso, as anáforas e catáforas podem apresentar-se por meio do uso das elipses, recurso que consiste na omissão de uma palavra que já foi utilizada no texto, por isso, essa omissão não prejudica o significado almejado, visto que ele é entendido pelo contexto.

Exemplo:

“... Não está caro, vale a pena...”.

Nesse exemplo, nota-se o uso da elipse duas vezes, por meio da omissão da palavra “programa”, que está expressa em outro trecho do texto.

2.2.1.5 O pronome

Outra forma de referência intratextual é a utilização dos pronomes de retomada, que tem a função de substituir ou acompanhar um nome. Esses pronomes podem, ainda, retomar uma frase ou a ideia contida em um parágrafo. Os pronomes mais usados são ele/ela, todavia, os pronomes relativos (principalmente o que) também são utilizados com muita frequência.

Exemplo:

“[...] ela não compra nem um atari [...]”.

Nesse caso, nota-se a substituição do nome “Thais” (que não está expresso no excerto) pelo pronome ela.

2.2.1.6 A sinonímia

Importante, também, para o processo remissivo é o uso da sinonímia, que consiste na utilização de sinônimos para se fazer determinada remissão. A utilização desses sinônimos é uma das principais maneiras de se evitar a repetição, que também é um mecanismo remissivo, mas que quando usado com muita frequência, em um único texto, acaba empobrecendo a produção textual, pois deixa evidente que o usuário não encontrou no léxico disponível na língua outra palavra para fazer a retomada.

Exemplo:

“O casamento estava muito bom, mas senti falta de uma cerimônia religiosa.”¹

Nesse trecho, evidencia-se o emprego de “cerimônia religiosa” para referenciar “casamento”. Esse sinônimo é aceitável; no entanto, restringe-se ao mesmo campo semântico e não acrescenta muito ao texto.

2.2.1.7 O hipônimo e o hiperônimo

Por último, destaca-se o uso de hipônimos e hiperônimos como recursos coesivos. Esses mecanismos são, segundo Cançado (2005, p. 28)

o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo”

Em outras palavras, na hiponímia, usa-se primeiro um termo menos abrangente, que é retomado por um mais abrangente. É o que se pode notar, por exemplo, na oração: “O *gato* do vizinho estava muito agitado, por isso, o *felino* foi levado ao veterinário”. Percebe-se que gato é um hipônimo de felino, uma vez que, é apenas um dos representantes desse grupo “maior” de animais.

Por outro lado, na hiperonímia, primeiramente, faz-se uso do termo mais abrangente, que depois, é retomado por um termo mais específico. Verifica-se tal processo no seguinte exemplo: “O *felino* mais selvagem fugiu do zoológico, no entanto, à tarde, o *leão* fora resgatado”. Nota-se, nesse exemplo, que,

¹ No *corpus* não foram encontrados exemplos de sinonímia, por isso, foi utilizado um exemplo de autoria própria.

primeiramente, foi utilizado o termo mais genérico, para logo em seguida, ser retomado por um termo menos abrangente. É importante ressaltar que em ambos os processos (hiponímia e hiperonímia) os termos possuem traços semânticos em comum.

2.2.1.8 A repetição

A repetição também consiste em um processo referencial, visto que contribui para a progressão do sentido do texto. Ela é muito utilizada, tanto na oralidade quanto na escrita. Segundo Marcuschi (2006)

Numa definição funcional, pode-se dizer que a repetição é a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo (Marcuschi, 2006, p. 221).²

Esse recurso pode ser considerado prejudicial, quando muito utilizado no texto (sem um propósito evidente). Há de se ressaltar, segundo Marcuschi, que

Contudo, a repetição não é um simples ato tautológico, pois ela expressa algo novo. *Marcadores discursivos*, tais como *repetindo, como já disse, quer dizer, em suma* etc., podem ser avisos de que se trata de uma repetição, mas não avisos de que se vai dizer a mesma coisa simplesmente. Há uma grande diferença entre repetir elementos lingüísticos e repetir o mesmo conteúdo. Portanto, repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa. (MARCUSCHI, 2006, p. 220).

Nesse sentido, a utilização da repetição se apresenta como um recurso com diferentes funções, por exemplo, de organização do discurso, coerência textual e reiteração de uma ideia (função que apresenta maior importância para este trabalho).

Nota-se a função de reiterar uma informação no seguinte exemplo que constitui o *corpus*:

A última vez que o Corinthians fez um gol

² Por não se tratar somente de uma pesquisa acerca da repetição como processo referencial, essa estratégia foi tratada, aqui, de maneira condensada. Para um aprofundamento dessa questão, consulte: Marcuschi (2006).

Essa expressão é repetida várias vezes no texto, a fim de ressaltar que o referido time não fazia gol há muito tempo. Desse modo, evidencia-se que essa repetição aparece de modo intencional para enfatizar a ideia pretendida.

Nesse sentido, constata-se que esse recurso sustenta uma ideia, reiterando-a por determinado tempo. Essa reiteração apresenta como objetivo a persuasão do leitor, pois o produtor do texto, possivelmente, tem como intenção que esse leitor compartilhe suas ideias.

2.2.2 A anáfora indireta

Por sua vez, o uso de fatores extratextuais para fazer referência aparece quando o objeto designado está na situação extralinguística, isto é, quando há um referente no cotexto. Nota-se a presença de referência extratextual, por exemplo, quando se faz uso de um termo que Koch (2005 *apud* MARCUSCHI, 2005) denomina como anáfora indireta ou âncora.

Para Marcuschi (2005, p.54):

A AI é um caso de referência textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores. Uma análise detida das características centrais da AI mostra que essas anáforas não dependem de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados. Mesmo inexistindo um vínculo de retomada direta entre uma AI e o co-texto, persiste um vínculo coerente na continuidade temática que não compromete a compreensão (MARCUSCHI, 2005, p.54).

Assim, sobre a classificação da anáfora indireta, afirma Marcuschi (2005a) que:

A classe das anáforas indiretas representa um desafio teórico e obriga a abandonar a maioria das noções estreitas de anáfora, impedindo que se continue confinando-a ao campo dos pronomes e da referência em sentido estrito. Ameaça noções de texto e coerência hoje no mercado, constituindo um problema central para as teorias formais da referência, sendo ignorada pelos gerativistas (Marcuschi, 2005, p.54).

Desse modo, a anáfora indireta, segundo Marcuschi (2005a), é o fenômeno textual de expressões nominais definidas, ou o uso dos pronomes interpretados

referencialmente, sem que haja um antecedente explícito no texto. É uma estratégia de ativação de referentes, logo, um processo de referenciação implícita.

O autor reforça que as anáforas indiretas ancoram elementos do discurso e da situação cognitiva para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado. Apesar de não haver uma retomada direta, isso não prejudica, na maioria dos casos, a compreensão do texto, pois se estabelece um vínculo coerente na continuidade temática.

É possível perceber esse fato no seguinte exemplo: *Thaís linda [...] cintura fina*: é uma anáfora do tipo inferencial, pois é preciso que o leitor relacione as informações dispostas no texto com o conhecimento de mundo acerca das atividades de uma prostituta e de como deve ser uma “quenga” (para conseguir clientes), para a compreensão do enunciado. Assim, é preciso perceber que todo excerto, que constitui o classificado, é o responsável por construir a referência de uma quenga.

Desse modo, pode-se dizer que a anáfora indireta é uma forma de remissão textual que se apresenta ancorada em motivações cognitivas que não aparecem na materialidade do texto, isto é, o emprego desses elementos remissivos está ancorado em fatores extratextuais. Nesse sentido, Schwarz (2000, *in* Marcuschi, 2005) expõe que:

no caso da Anáfora Indireta trata-se de expressões definidas que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões da estrutura textual precedente e que têm duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global (MARCUSCHI, 2005a, p.58).

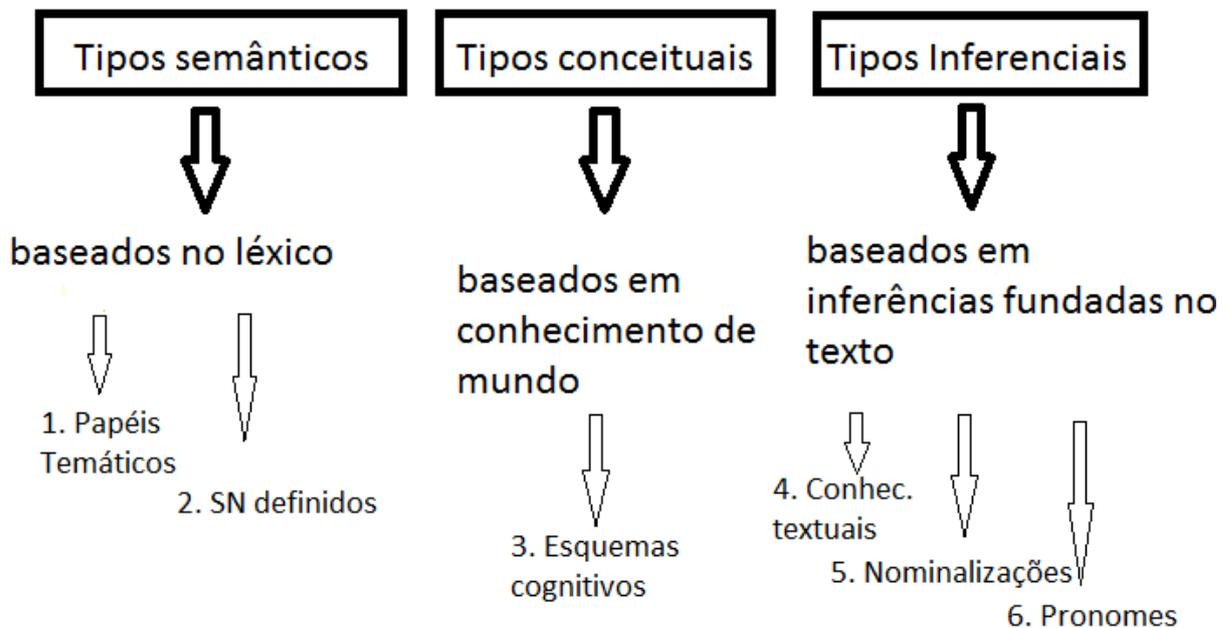
Corroborando com Schwarz (2000), Marcuschi (2005a) afirma que:

a anáfora indireta, geralmente é constituída por expressões nominais definidas ou pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto. Trata-se de uma estratégia endofórica de ativação de referentes novos e não de uma reativação de referentes já conhecidos, o que constitui um processo de referenciação implícita (MARCUSCHI, 2005a, p. 53).

É válido lembrar que, ao se classificar a anáfora indireta, faz-se necessário atentar para a relação entre ela e sua âncora correspondente, que é uma expressão decisiva para a interpretação dessa anáfora indireta. Sendo assim, Schwarz (2000,

in Marcuschi, 2005) classifica essas anáforas em dois tipos que se denominam tipos semanticamente fundados e tipos conceitualmente fundados. No entanto, ele subdivide esses tipos em outros grupos. Nota-se essa divisão na seguinte figura:

Figura 1: As anáforas indiretas, segundo Marcuschi



(Figura elaborada com base em Marcuschi, 2005, p. 81.).

É importante, todavia, frisar que essa distinção não é facilmente evidenciada, pois as anáforas indiretas são um único fenômeno, com linhas muito sutis. Conforme expõe Marcuschi (2005a)

[...] não é fácil estabelecer distinções claras e rígidas entre conhecimentos conceituais armazenados na memória e conhecimentos semânticos lexicalizados, pois essas fronteiras são tênues e não há um sistema que se dê naturalmente. (MARCUSCHI, 2005a, p. 64).

a) As anáforas de tipos semanticamente fundados estão vinculadas a papéis semânticos e envolvem estratégias cognitivas que se fundamentam em conhecimentos semânticos ligados ao léxico. Essas anáforas semanticamente fundadas subdividem-se, ainda, em anáforas indiretas: baseadas no papel temático do verbo (o item lexical preenche o papel temático de um verbo que ficou implícito no texto), baseadas em relações semânticas inscritas nos sintagmas nominais

definidos (são aquelas anáforas que compõem as relações metonímicas) e baseadas em esquemas cognitivos e modelos mentais (são anáforas que dizem respeito ao conhecimento de mundo que fica armazenado em nossa memória de longo prazo).

b) Por seu turno, as anáforas de tipos conceitualmente fundados exigem estratégias cognitivas baseadas em conhecimentos conceituais amparados em modelos mentais, conhecimentos enciclopédicos e de mundo. Essas anáforas conceitualmente fundadas subdividem-se em anáforas indiretas: baseadas em conhecimentos textuais (são aquelas anáforas que, por meio de estratégias de inferências, permitem associar a nova informação com informações que já estão contidas no texto), baseadas em elementos textuais ativados por nominalizações (são as que possuem uma relação com o verbo ou mesmo com partes textuais inteiras, não constituindo um caso de anáfora direta por não se referir a nenhum item lexical prévio estabelecido) e as realizadas por pronominalizações (são aquelas que têm um pronome como introdutor de um referente que se ancora nas informações precedentes do texto). Nota-se, a partir do exposto, que o autor agrupa as anáforas inferenciais dentro do grupo das anáforas conceitualmente fundadas. Isso acontece, porque, para ele, em ambos os grupos, trabalha-se com o conhecimento de mundo do leitor, que deve ser capaz de realizar, tanto nas anáforas inferenciais quanto nas conceituais, inferências gerais.

Com base no exposto, é válido ressaltar que conforme expõe Schwarz (2000, *in* Marcuschi, 2005), ao se falar em anáfora indireta, trabalha-se com um conceito amplo e que pauta-se em conhecimentos cognitivos, ou seja, trabalha com o conhecimento do leitor e que, por esse motivo, trata-se de um complexo mecanismo de remissão.

É importante salientar que fator decisivo para se compreender uma anáfora extratextual é o conhecimento cognitivo, ou seja, o quadro mental que o leitor ativa no momento da leitura. Esse quadro mental é o que Marcuschi (2005a) designa como *frame*. Esse assunto será abordado com maiores detalhes em outra seção deste trabalho.

Como já exposto, todos esses mecanismos, que são utilizados para que haja a coesão e a coerência do texto, são fatores imprescindíveis para que esse seja compreendido.

Exemplo:

“E o leilão do pré-sal? Leilão xing-ling”

Nota-se, nesse exemplo, a presença de uma anáfora indireta, pois sem saber que xing-ling refere-se aos chineses, não há como entender essa referência.

2.3 A catáfora

A coesão e a coerência, por meio da retomada, não se apresentam no texto somente com o uso das anáforas consideradas “tradicionais”. Há, também, para a condução da referência, o uso de catáforas, que auxiliam a desenvolver as ideias pretendidas pelo autor.

A catáfora, de modo geral, designa uma unidade verbal que se refere, de modo antecipado, a outra unidade que aparecerá apenas na porção posterior do texto. Assim, o termo que aparece primeiro na porção textual é um vocábulo não autônomo. Isso quer dizer que a confirmação de seu sentido só se efetiva a partir da interpretação de um termo que estará subsequente.

É possível dizer que a catáfora é um tipo especial de anáfora, em que o termo anafórico aparece antes de seu, teoricamente, antecedente. Assim, a catáfora apresenta as mesmas relações coesivas entre seus vocábulos, todavia, como já exposto, a expressão catafórica se apresenta antes de seu referente, o que configura, justamente, o contrário do que acontece nas anáforas tradicionais.

Assim, percebe-se que, enquanto a anáfora propriamente dita tem como função “lembrar” o leitor de algo que já foi expresso, a catáfora faz o contrário, pois anuncia, adianta o que ainda vai ser expresso.

Quanto à estrutura da catáfora, evidencia-se que são duas as utilizações mais comuns: os referentes estão inseridos por meio dos dois pontos ou os referentes estão justapostos, cabendo ao leitor identificar, pelo sentido, que se trata de uma catáfora.

2.4 Referência e referenciação sob a ótica de Koch e Marcuschi

Além de todos os processos já expostos neste trabalho, as análises realizadas nesta pesquisa, tiveram como base alguns parâmetros propostos por

Koch e Marcuschi (2002). Esses autores expõem que a referenciação pode se manifestar por meio de dois grupos: o primeiro diz respeito à referenciação que se apresenta a partir de expressões nominais definidas, enquanto que o segundo grupo se apresenta por meio da referenciação anafórica sem antecedente explícito. Esses dois grupos apresentam grande importância na organização textual e, conseqüentemente, na constituição do sentido. É possível dizer que os dois grupos citados apresentam, no entanto, no processo remissivo, algumas outras divisões. São elas: estratégia da descrição definida, estratégia da nominalização, estratégia da associação e estratégia pronominal.

A estratégia da descrição definida diz respeito à escolha entre as várias propriedades de um referente (sendo que, essas propriedades podem ser reais, co/contextualmente selecionadas ou dadas, de forma intencional, pelo locutor). Escolha essa que, em determinada situação interacional, é importante para fundamentar o discurso de um usuário da língua.

A estratégia da descrição definida pode apresentar as seguintes configurações propostas por Koch e Marcuschi (2002):

- Det + Nome
- Det + Modificador (es) + Nome + Modificador (es)
- Det [Artigo definido]
[Demonstrativo]
- Modificador [Adjetivo]
[SP]
[Oração relativa] (Koch e Marcuschi, 2002, p. 40).

Essas configurações podem aparecer, pois o uso de uma descrição definida por um falante acarreta, continuamente, a escolha de uma dentre várias possibilidades de se caracterizar um referente. Essa escolha acontece em um contexto específico e de acordo com as necessidades do produtor de um texto.

Assim, ainda de acordo com Koch e Marcuschi (2002):

A escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção de sentido. Por outro lado, o locutor pode ter o objetivo de, por meio do uso de uma descrição definida, dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro (Koch e Marcuschi, 2002, p. 40 - 41).

A estratégia da nominalização, por seu turno, diz respeito ao modo como se referencia, por meio de um sintagma nominal, segundo Koch e Marcuschi (2002) “um processo ou estado anteriormente expresso por uma proposição”. Esse sintagma nominal, na maioria das vezes, origina-se de um nome deverbal, ou seja, de um verbo. Dito de outro modo, a nominalização é a utilização de um substantivo que faz, geralmente, a retomada de um verbo anteriormente citado.

Quanto às configurações da estratégia de nominalização, de acordo com Koch e Marcuschi (2002):

tem-se, por vezes, a ausência do determinante, casos em que, em geral, o nome-núcleo vem acompanhado de um modificador, freqüentemente sob a forma de oração relativa ou, em certos casos, seguido (e não antecedido) do demonstrativo (Koch e Marcuschi, 2002, p. 40).

No que diz respeito à estratégia da associação, pode-se dizer que ela aparece por meio das chamadas anáforas nominais associativas, ou seja, as anáforas indiretas. Essa estratégia possui funções anafóricas, no entanto, não há um termo com o qual essa anáfora se relacione na porção precedente do texto. Assim, no uso dessa estratégia, conforme citam Koch e Marcuschi (2002):

Operamos com processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço do qual extraímos o conteúdo inferido. Os referentes são induzidos por um conjunto difuso de informações nunca realizadas lexicalmente (Koch e Marcuschi, 2002, p. 35).

Para finalizar, a estratégia pronominal é aquela em que se faz uso de um pronome, com caráter anafórico, mas que não tem um antecedente explícito no cotexto. Assim, a relação de retomada é estabelecida por meio das articulações de sentido feitas pelo leitor/ouvinte. Desse modo, para Koch e Marcuschi (2002):

Temos aí um referente *novo* sendo introduzido sob o modo do *conhecido*. O antecedente é um “ponto de referência” co-textual, funcionando como *fonte* que permite estabelecer a associação (Koch e Marcuschi, 2002, p. 37).

2.4 Referência e oralidade

Os mecanismos referenciais discutidos na seção anterior, geralmente, são amplamente discutidos e trabalhados quando utilizados no texto escrito. Quando se

fala em oralidade, no entanto, o trabalho com os mecanismos referenciais é escasso, pois, acredita-se que o falante faz uso somente, ou principalmente, de mecanismos considerados pouco elaborados. Essa visão advém da crença de que, na oralidade, a linguagem utilizada é mais simples, uma vez que, acredita-se que o falante não tem tempo suficiente para planejar seu discurso, nem mesmo necessita de um rigor formal, por tratar-se de fala.

Para Fávero, Andrade e Aquino (1994), no entanto, a fala, assim como a escrita, apresenta-se tanto nos níveis mais informais quanto nos mais formais, passando por graus intermediários. Essas autoras evidenciam que esses níveis de variação dependem das condições de produção em que são realizados esses discursos. Isto é, a produção oral vai do menos formal ao mais formal possível, dependendo do contexto em que determinada manifestação oral está inserida.

É válido ressaltar que a presença dos mecanismos referenciais na oralidade faz-se necessária, neste trabalho, pois, embora os textos de Simão sejam escritos, têm traços de oralidade que são evidentes. Esses traços serão melhor explicados na caracterização do corpus.

CAPÍTULO III

Considerações sobre gênero textual

Para Marcuschi (2005b), a língua é uma “atividade social, histórica e cognitiva”. Em outras palavras, é por meio da língua que se desenvolve a maioria das relações sociais. É notável, no entanto, que sem o indivíduo, a língua não existiria. Desse modo, uma língua só existe a partir das interações entre seus falantes, interações que ocorrem por meio de determinados “modelos” que se adequam às mais diversas situações comunicativas. É possível dizer que esses modelos utilizados para a comunicação são os gêneros textuais ou gêneros discursivos.

Os gêneros são textos encontrados nas diversas situações do cotidiano, definidos por sua composição usual, suas funções comunicativas, estilo etc. Quando você fala ou escreve, independente do meio em que se encontra, estará, com certeza, utilizando um gênero textual. Desse modo, como expõe Bakhtin (1997) os gêneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados constituídos historicamente e que mantêm uma relação direta com a dimensão social.

É importante salientar, então, que os gêneros textuais, segundo Marcuschi (2005b), não são “entidades naturais”, isto é, não apresentam traços físicos. Os gêneros são “artefatos culturais” construídos ao longo da história, por intermédio da influência do ser humano. Assim, Marcuschi (2005b) expõe que se observarmos a história dos gêneros, ela revela que o uso desse evento textual passou por várias fases, sempre para atender às necessidades humanas.

Em um primeiro momento, em povos com culturas essencialmente orais, o número de gêneros era limitado, principalmente se comparado com a variedade que se tem hoje. Assim, as possibilidades de comunicação eram mais restritas.

Em um segundo momento, após o advento da escrita alfabética (século VII A.C.), o número de gêneros teve um aumento significativo, visto que as possibilidades de manifestação da forma de se comunicar se tornaram bem mais vastas. Dessarte, surgiram, então, os gêneros típicos da palavra escrita.

Já em um terceiro momento (mais especificamente no início do século XV), surge a era impressa. Assim, o número de gêneros teve outro crescimento. Foi com o auge da industrialização, no entanto, que se desenvolveu mais amplamente o uso desses “artefatos” da comunicação.

Na época atual, com a vasta divulgação dos meios eletrônicos, principalmente o computador (com sua mais ampla forma de expressão, que é a internet), presencia-se um “boom” de novos gêneros, bem como de novas formas de expressão. Esses novos gêneros se manifestam tanto na oralidade quanto na escrita. Toda essa amplificação no número de gêneros mostra que a sociedade passa por mudanças, evolui e que a língua e, conseqüentemente, suas formas de expressão, também acompanham essa evolução.

Como a língua passa por mudanças para acompanhar a sociedade, o gênero, sendo um “representante” da manifestação linguística, também se transforma. Assim, muitas vezes, de acordo com a necessidade de determinado contexto histórico, um gênero pode desaparecer (quando não tiver mais função) ou adquirir um novo formato, embora esteja embasado em estruturas já conhecidas. É o que Bakhtin (1997) determina como “transmutação” dos gêneros. Nessa transmutação, segundo Marcuschi (2005b), ocorre “a assimilação de um gênero por outro gerando novos”. Um exemplo típico dessa “transmutação” é o caso do *e-mail*, que apesar de ser um gênero relativamente novo, tem suas bases em um gênero já muito conhecido e antigo, que é a carta.

A partir do exposto, fica evidente que o gênero não é algo estanque, sendo assim, essa transmutação ocorre sempre que um indivíduo sentir a necessidade de criar algo para atingir seus propósitos. Nesse sentido, esse indivíduo tem a possibilidade de “juntar” características que pertençam a gêneros distintos, criando assim outro gênero. Esse processo de junção entre gêneros é denominado hibridismo. Sobre esse assunto Marcuschi (2005b) expõe que:

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento (Marcuschi, 2005b, p. 21).

Toda essa possibilidade de expressão que cabe ao gênero ajuda a desfazer uma grande confusão, muito frequente, principalmente, no meio escolar, que é: quando determinada produção é um gênero ou quando é uma tipologia textual? Para

desfazer melhor essa dúvida, em relação à tipologia textual, Marcuschi (2005b) afirma que:

Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela *natureza lingüística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção* (Marcuschi, 2005b, p. 22).

Distinguindo esses dois conceitos, Marcuschi (2005b) ainda expõe que:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante (Marcuschi, 2005b, p. 22 - 23).

Com base no exposto, é possível constatar que, de modo geral, quando se tem uma tipologia textual, trata-se de questões relativas às seqüências linguísticas. Por sua vez, quando se fala em gênero, deve-se levar em consideração, principalmente, sua funcionalidade, sua circulação sócio histórica, seu conteúdo, seu estilo e sua composição. Assim, é possível dizer que o gênero não é determinado somente por sua forma, mas sim por atividades sócio discursivas, que se efetivam de acordo com a necessidade que o indivíduo tem em determinado momento. No que se refere ao exposto, Marcuschi (2005b) evidencia que:

É bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sócio-comunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos, serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente (Marcuschi, 2005b, p. 21).

Por contar tanto com características formais, como sócio comunicativas e/ou funcionais (o que lhe permite tamanha maleabilidade), muitas vezes, um gênero

pode não ter todas as características que definem uma nomenclatura, mas, mesmo assim, continua fazendo parte desse gênero. Assim, Marcuschi (2005b), menciona que, muitas vezes, uma publicidade pode aparecer em formato de poema, ou lista de produtos em oferta. Isso comprova que há uma preponderância da função em relação à forma, mas isso não é um obstáculo para o entendimento do usuário da língua, fato que comprova a dinamicidade do gênero, deixando claro que o mais importante é efetivar a comunicação.

Por fim, é válido ressaltar que, por ser tão dinâmico e maleável, atendendo sempre aos propósitos comunicativos de um falante, não há como fazer uma lista fechada de todos os gêneros. Isso ocorre devido ao fato de eles serem artefatos sócio históricos e culturalmente vulneráveis. Assim, tudo que o locutor utiliza para se manifestar linguisticamente se realiza, acima de tudo, por meio de um gênero textual.

3.1 O gênero da coluna de Simão

O *corpus* escolhido para as análises desenvolvidas nesta pesquisa é composto por textos do colunista José Simão. Esses textos apresentam uma mescla de diferentes gêneros. Evidencia-se tal fato pela dificuldade em se classificar os textos do colunista como pertencentes a um gênero específico. Isso porque, a estrutura e o conteúdo são desenvolvidos de uma maneira única, peculiar e híbrida.

É interessante expor que os textos de Simão encontram-se na seção “ilustrada”, a qual apresenta informações culturais e de diversão. Assim, espera-se que esses textos apresentem traços de humor, o que realmente acontece. Eles não se limitam, todavia, a essa finalidade, visto que apresentam, de uma forma crítica, informações cotidianas que estão sendo divulgadas na mídia.

Nesse sentido, ao ler os textos de José Simão, somos instados a questionar: que nome dar a esse gênero produzido? A questão do hibridismo há muito tempo foi notada por vários autores, dentre os quais Bakhtin (1979), para quem os gêneros se imbricam e interpenetram para constituírem outros novos. Sendo assim, quando se busca designar e tipificar um gênero, está-se, na verdade, à procura de uma denominação histórica e socialmente constituída que, longe de estabelecer uma relação biunívoca rígida entre formas, atende a propósitos comunicativos distintos. Há, pois, mais disjunção que conversão. Nesse sentido, mais do que estabelecer um

cânon adotamos, com Marcuschi (2008, p.165-166), as expressões *intergenericidade* e *interdomínio discursivo*, uma vez que pode haver, como veremos, domínios sobrepostos.

Por tratar de assuntos e temas atuais, inseridos no Caderno Ilustrada do jornal *Folha de S. Paulo* poderíamos, talvez, caracterizar o texto como pertencente ao gênero crônica jornalística, uma vez que esta se distingue tanto na literatura quanto no jornalismo como uma narração curta, produzida essencialmente para ser veiculada na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas páginas de um jornal. Possui assim uma finalidade utilitária e pré-determinada que, supostamente, seria a de agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre o escritor e aqueles que o leem. A crônica é, primordialmente, um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas. Assim, o fato de ser publicada nesses meios já lhe determinaria uma vida curta, pois à crônica de hoje seguem-se muitas outras nas próximas edições.

Há de se reconhecer também semelhanças entre a crônica e o texto exclusivamente informativo. Assim como o repórter, o cronista se inspira nos acontecimentos diários, que constituem a base de seu texto. Entretanto, há elementos que distinguem um texto do outro. Após se “abastecer” dos acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque pessoal, incluindo em seu texto elementos como: ficção, fantasia e criticismo, elementos que o texto essencialmente informativo não conteria. No caso de Zé Simão, embora o texto seja curto, não existe uma narração, propriamente dita, o autor mescla assuntos, situados em domínios diversos, tais como os políticos, os cotidianos, os econômicos, os sexuais, os familiares, os do linguajar popular de placas de estabelecimentos, como um mosaico que se justapõe e se sobrepõe em uma dimensão quase caótica e sem conexão aparente, pelo menos à primeira vista. Não há propriamente um “diálogo” convencional com o leitor. A linguagem pode ser a mais simples e mais chula (palavras de baixo calão com linguajar em que predominam termos obscenos e grosseiros) até aquelas de formação mais elaborada como neologismos lexicais e semânticos, cunhados para expor trocadilhos engenhosos e debochados.

Nesse sentido, o autor caminha da linguagem oral, mais simples e espontânea àquela mais elaborada, com formações sutis, próximas à criação literária, sobretudo, na formação de neologismos linguísticos. É por meio destes que

faz uma crítica direta, contundente que, em suas próprias palavras de “esculhambador-geral da nação”, tem um propósito de dar ao texto um tom humorístico. Esse tom é bem marcado por legendas, epítetos, frases que evocam onomatopeias de quadrinhos (*rarara...; país da piada pronta; o Brasil é um país lúdico*) e repetições de conectivos, especialmente da conjunção *e* (*E olha essa de...*), que longe de uma simples tautologia, exerce a função conativa e reiterativa com vistas à expressão de intencionalidade persuasiva. A repetição de tais frases, nesse caso, em todos os textos de Simão passa a ser um enunciado facilmente reconhecível e memorizado que vai se consolidando na memória coletiva do leitor e pode se tornar uma estratégia bem sucedida para sublinhar os pontos de vista do autor e, por isso mesmo, criar ou tentar criar novos pontos de vista para seus interlocutores-leitores.

Examinadas tais características, podemos aproximar o texto de Simão a um *stand up comedy*³, não porque, em alguns casos, assume um tom quase caótico, atemporal, até mesmo sem conexão aparente à primeira vista, mas porque o articulista constrói o seu texto a partir de observações do cotidiano, oferecendo ao leitor uma nova perspectiva surpreendente para as neuroses urbanas, para os costumes arraigados, para valores sociais etc. Simão ora se serve de traços físicos marcantes como altura, peso, maneira de andar, de falar, discurso pessoal (caso de Dilma, Marina Silva, Marta Suplicy, por exemplo), ora de construções em uso em placas de anúncio, retratos de modalidade oral da língua portuguesa e os expõe à caricatura em forma de esquetes, como o faz o *stand up comedy*.

Esse tom depreciativo, escrachado, com final e perspectiva insólita parece ser bem recebido como uma forma catártica do chiste que, nas palavras de Freud, (FREUD *apud* DASCAL, 1999, p. 382) é “a mais social de todas as funções mentais que têm por alvo um ganho de prazer”. A organização das palavras obedece ao princípio de frases nominais e períodos simples (*‘país da piada pronta’*, por exemplo) que, de alguma forma, visam à boa didática mnemônica, ou seja, à assimilação da opinião do autor. Tais expressões nominais podem ser tomadas aqui como resumidoras de fragmentos ou porções do texto e podem ser considerados, não raras vezes, como rótulos avaliativos que otimizam a persuasão.

³ O *stand up comedy* é um espetáculo humorístico cujo apresentador (geralmente um só) se apresenta em um palco, sem acessórios ou caracterizações, para satirizar os eventos do cotidiano.

É preciso insistir que o (des)compromisso do texto de Simão não tem, necessariamente, a obrigação de provocar o riso fácil ou a gargalhada espontânea, mas, em sua essência, esses textos possuem um quê de crítica, de reflexão sobre os costumes sociais do contexto. Nesse sentido, o humor jornalístico de Simão pode perder a validade conforme o tempo e a mudança desse mesmo contexto extratextual. Dependente dessa “memória” ou desse “saber” (seja em seu aspecto histórico, psicológico, cultural) de diferentes prazos e associados de alguma forma, tais textos podem não serem tomados a “sério” e passarem a ser considerados apenas como entretenimento leve e descompromissado de um enunciador qualquer. Nesse ponto, há um papel importante do leitor e uma participação decisiva e colaborativa deste, pois o processo de compreensão é uma construção coletiva, nem sempre natural e intuitiva.

Assim, observa-se que o texto produzido por José Simão apresenta traços, influências de outros gêneros, mas observa-se também que, ao “misturar” esses gêneros, o colunista cria um texto único, que ao mesmo tempo em que diverte o leitor (que ri da linguagem e do “deboche” realizado), propicia a ele a chance de se inteirar sobre os acontecimentos sociais de uma forma leve, mas ao mesmo tempo densa, pois as reflexões que Simão desenvolve são ásperas e extremamente críticas.

CAPÍTULO IV

Procedimentos Metodológicos

O presente capítulo tem como objetivo descrever os procedimentos metodológicos que foram empregados no desenvolvimento desta pesquisa, a qual perpassa por dois momentos.

O primeiro tem caráter, essencialmente, quantitativo de busca e coleta de ocorrência dos processos estudados e descritos nos capítulos teóricos. O outro, por sua vez, tem caráter qualitativo, que se alia ao objetivo maior desta pesquisa, que é o de analisar os diferentes recursos de referência em textos da coluna diária de José Simão.

Os passos metodológicos, na análise desta pesquisa, são divididos e dispostos na seguinte ordem:

a) busca dos referentes introduzidos no texto com suas estratégias referenciais, as quais podem ser anafóricas e catafóricas, atualizadas em seus diferentes modos de ocorrência e que são responsáveis pela progressão textual do gênero em pauta;

b) examinam-se os tipos de anáfora (direta/indireta) nos moldes descritos no capítulo II desta pesquisa, juntamente com a possibilidade de referenciação por meio de expressões sinonímica, uso de pronome, repetição, expressões hiperonímicas, hiponímicas e metonímicas;

c) os elementos localizados nesse processo encontram-se contabilizados em cada texto e dispostos em quadros, a fim de que essas formas sejam mais bem visualizadas e possam evidenciar o processo de referência de maior ocorrência de uso;

d) posteriormente, realiza-se a análise que busca justificar a presença e/ou ausência de determinadas estratégias referenciais que concorrem para uma possível formação de opinião do leitor.

e) Por fim, ocorre a análise dos quadros gerais cujos resultados das ocorrências estão descritos.

4.1 Constituição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa é constituído por textos publicados na coluna diária do jornalista José Simão. Esses textos encontram-se no jornal *Folha de São Paulo*, na seção “ilustrada”, que apresenta informações culturais e de diversão.

A temática desses textos é variada, pois o autor trabalha com notícias que estão sendo veiculadas na mídia, mas de maneira peculiar. Assim, os assuntos vão de futebol à política, dependendo do que está repercutindo no momento da elaboração da matéria.

Em um primeiro momento, ocorreu a seleção do *corpus*, que aconteceu no período de **um ano**, sendo iniciada no dia 09 de março de 2013 e com o término em 08 de março de 2014. Essa seleção ocorreu por meio da edição virtual do jornal (<http://www.folha.uol.com.br/>). Os textos foram selecionados a partir dos *bytes*, para que a extensão não influenciasse na quantidade de ocorrência dos processos referenciais presentes nesses textos. Posteriormente, realizou-se a análise dos textos selecionados. Essas análises foram realizadas por meio de uma abordagem quantitativo-qualitativa.

Assim, nesses textos, foram analisados quais foram os principais mecanismos referenciais utilizados por José Simão e o que implicou a escolha de determinado item remissivo. Também, foi evidenciada a relação entre o termo remissivo utilizado e as estratégias argumentativas utilizadas pelo jornalista.

Quadro 1: Relação de textos analisados no capítulo V

	TEXTOS
Texto 1	<i>IPTU! Impossível Pagar Tudo Isso!</i>
Texto 2	<i>Pré-sal! Privatiza a pré-rereca!</i>
Texto 3	<i>Pré-sal! Ganhou o Kung Fu Panda!</i>
Texto 4	<i>Ueba! A Macaca comeu o Bambi!</i>
Texto 5	<i>Síria! Assad sofre de gases!</i>
Texto 6	<i>Ueba! Biografia da Lassie pode?</i>
Texto 7	<i>Marina e Dilma! Vai dar jacaré!</i>
Texto 8	<i>: Ueba! Ceni é o meu anti-herói!</i>
Texto 9	<i>Félix vende salsicha FRIBOFE!</i>
Texto 10	<i>Ueba! Agora é Gayviões da Fiel!</i>

Capítulo V

Análises

Neste capítulo, serão analisados os dados que dizem respeito ao modo como os processos referenciais aparecem nos textos de José Simão. Para isso, foram selecionados dez textos que serão transcritos na íntegra. O fato de esses textos estarem na íntegra justifica-se porque eles apresentam um grande número de processos referenciais, ou seja, muitos recursos para serem analisados. Além disso, percebeu-se a necessidade da transcrição completa, porque o processo de análise mostrou que, para se entender a construção referencial desses textos, é necessário, muitas vezes, que se relacionem ideias expressas em parágrafos distintos. Assim, conforme será exemplificado na análise, termos que se encontram no primeiro parágrafo possuem, em grande parte dos casos, um correspondente, por exemplo, no quarto parágrafo.

Nesse âmbito, por fins didáticos, as análises de cada texto serão divididas por parágrafo.

É válido lembrar que os textos desse autor apresentam uma análise dos conteúdos políticos, econômicos, sociais etc., conforme são divulgados na mídia. Desse modo, Simão retoma excertos e conteúdos muito semelhantes em textos publicados em dias distintos.

Texto 1: IPTU! Impossível Pagar Tudo Isso!

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Sony diz que PlayStation 4 no Brasil vai custar R\$ 4.000! Ajudem uma quenga a comprar um PlayStation 4!

Olha esse classificado: "Thais linda, pernas grossas, bumbum grande, cintura fina, R\$ 800,00 a noite toda. Não está caro, vale a pena. Tenho que comprar meu PlayStation 4!".

Como o PlayStation 4 está por R\$ 4.000, ela vai ter que dar cinco vezes pra jogar um videogame. Se depender de mim, ela não compra nem um Atari! Rarará!

E esse outro: "Procura-se garotas de programa evangélicas. Tratar com Cida". Tratar com Cida, Feliciano e Malafaia. Programa com dízimo incluso! Rarará!

E o leilão xing-ling do pré-sal! Mais uma charge do Aroeira com o ministro Lobão, vulgo porteiro de necrotério, batendo o martelo: "Dou-lhe uma! Dou-lhe duas! Vendido pra dentuça da primeira fila". Rarará! Partilha: metade pra dentuça e metade pro panda! Rarará! A Petrobras vai mudar de nome pra Petropanda!

E avisa pro Malddad que IPTU quer dizer Impossível Pagar Tudo Isso! E aí vem as chuvas de verão e IPTU vira Imposto sobre Teto Umido!

E sabe que imposto eu vou pagar? O IPN, Imposto sobre Porra Nenhuma! Não vou pagar nada e o Malddad vai ficar na saudade, ops SALDDAD! Rarará! E a manchete: "Vendeu a casa pra pagar o IPTU". Aliás, eu já disse que o Haddad devia ser prefeito de Bollywood. Cara de galã indiano! E que o Haddad é um pré-feito. Pré-feito pelo Lula. Rarará! E em São Paulo, carro é que paga IPTU. Por bem imóvel! Rarará! E a manchete do Piauí Herald: "Eike Batista leiloa gravata usada". E será que os chineses que compraram o pré-sal, vão comprar a gravata também? Glavata Pilata! A Glavata é Nossa! Rarará! E essa bem infame de horário de verão. O cara no ponto de ônibus: "Que horas são?". "Duas na velha e três na nova." E a velhinha ao lado: "e cinco na sua mãe, seu fdp!". Rarará. É mole? É mole mas sobe! Os Predestinados! Um amigo foi fazer curso de combate a incêndio na empresa EcoFire e adivinha o nome do bombeiro instrutor? Claudio ÁGUA! E essa direto do porto de Santos: despachante aduaneiro, ANTIMAR Junior! Rarará. Nós sofre mas nós goza! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, servirão para facilitar o acompanhamento das análises realizadas.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Sony diz que PlayStation 4 no Brasil vai custar R\$ 4.000! Ajudem uma quenga a comprar um PlayStation 4!

O esculhambador geral da república: ao se autodenominar “o esculhambador”⁴, Simão cria uma imagem de alguém que vai mostrar o lado ruim das coisas (esculhambar). Ele, dessa forma, faz surgir na mente do leitor a ideia de que, em seus textos, há sempre uma “avacalhação” dos fatos que estão acontecendo na mídia e no regime de governo (república). Portanto, com essa rotulação⁵ (Simão = esculhambador), fica claro que o autor vai fazer duras e debochadas críticas. Assim, o colunista cria uma moldura (frame) para antecipar as possíveis críticas que fará. Evidencia-se que a escolha desse rótulo é calcada no projeto de dizer do autor, ou seja, Simão, propositalmente, emprega esse termo para

⁴ **ESCULHAMBAR:** (1) repreender, criticar ou censurar de maneira áspera, rude, ofensiva. (2) Tornar desordenado, bagunçar, avacalhar, esculachar. (3) Causar dano a, estragar, deteriorar. Cons. A palavra expressiva baseada em “colhão”, o voc. Significa primitivamente, segundo o autor, ficar com o testículo (colhões) feridos de tanto andar a cavalo; J.M. afirma que “Está evidentemente relacionado a cu, mas o processo de formação é obscuro.

⁵ As formas nominais capazes de categorizar ou recategorizar segmentos precedentes ou subsequentes do contexto, resumindo-os e encapsulando-os recebem de Conte (2003) a denominação de “encapsulamento anafórico”. Francis (2003), por sua vez, emprega a terminologia de “rótulo”, o qual pode ser prospectivo ou retrospectivo. Desse modo, neste trabalho, os dois termos foram usados como sinônimos.

que a imagem de alguém que está disposto a esculhambar vá se consolidando na memória de quem ler o texto.

Ajudem uma quenga: o uso da elipse, nesse caso, mostra, ao mesmo tempo, uma indefinição e um pedido (que é marcado pelo uso do imperativo). Assim, Simão, de modo irônico, “pede” ajuda a todos os leitores.

Olha esse classificado: "Thais linda, pernas grossas, bumbum grande, cintura fina, R\$ 800,00 a noite toda. Não está caro, vale a pena. Tenho que comprar meu PlayStation 4!".

[...] *classificado: Thaís [...]*: a presença da catáfora, não só nesse exemplo, mas também como em todos os outros, constrói o *frame* de esculhambador. Ela serve para formar essa ideia. É a montagem de um “cartão de visita”, isto é, a apresentação do que vem pela frente. Desse modo, o uso da catáfora ajuda a formar a esculhambação que é própria do autor. Por esse motivo, conhecer o contexto sócio-histórico e cultural, o que está além das palavras literalmente expressas, é de fundamental importância para efetivação do sentido.

Além dos mecanismos já mencionados, constata-se o uso de uma metonímia, pois *cintura fina* é parte do corpo da garota de programa citada.

Thaís linda [...] cintura fina: é uma anáfora do tipo inferencial⁶, pois é preciso que o leitor relacione as informações dispostas no texto com o conhecimento de mundo acerca das atividades de uma prostituta e de como deve ser uma “quenga”⁷ (para conseguir clientes), para a compreensão do enunciado. Assim, é preciso perceber que todo enunciado, que constitui o classificado, é o responsável por construir a referência da quenga mencionada. Nesse sentido, recorre-se a teoria de Marcuschi (2005, p. 59), o qual reitera o fato de que, nas *A/s*, não ocorre uma “retomada de referentes”, mas sim uma “ativação de novos referentes”, sendo que essas *A/s* possuem uma “ancoragem no universo textual”.

⁶ As classificações em relação aos tipos de anáfora indireta servem para fins didáticos. Não é uma classificação que retome os sentidos da lógica aristotélica, porque os conceitos em relação a esse processo remissivo estão em constante diálogo. Nesse sentido, evidencia-se que as *A/s* obedecem a uma gradiência, nem sempre tão evidente no texto, pois como expõe Marcuschi (2005a) essa distinção é uma questão simbólica, porque elas fazem parte do mesmo fenômeno da compreensão e interpretação de informações.

⁷ A palavra quenga, empregada pelo autor, na verdade é um regionalismo, que corresponde à prostituta.

Não está caro, vale a pena: nesses dois casos, percebe-se a omissão do termo *programa*, que ainda não apareceu no texto. Essa retomada por meio da elipse, não prejudica o sentido, pois, por meio do contexto, o leitor consegue compreender que se trata de um programa (encontros amorosos).

É importante constatar que todo o processo de descrição da moça, feito nesse parágrafo, vai construindo a imagem de que ela exerce essa atividade.

Tenho que comprar [...]: nesse exemplo, nota-se a omissão do pronome pessoal “eu”, que se refere a Thaís. O mais interessante nesse período é o fato de que, por meio do discurso direto, a inferência de que Thaís é uma garota de programa se efetiva. Isso se evidencia, pois, no primeiro parágrafo, o autor pede para que o leitor ajude uma quenga a comprar o seu Playstation 4. Assim, ao usar a primeira pessoa, Thais confirma o fato de fazer programas.

Como o PlayStation 4⁸ está por R\$ 4.000, ela vai ter que dar cinco vezes pra jogar um videogame. Se depender de mim⁹, ela não compra nem um Atari! Rarará!

Ela vai ter [...]: no exemplo em questão, há uma retomada por pronome pessoal. Nesse caso, o “ela” retoma “Thaís”.

Dar 5 vezes [...]: Há uma rotulação, pois existe uma equivalência de sentido entre *dar 5 vezes*, ou seja, ter 5 relações sexuais e jogar/comprar o videogame. Portanto, para a garota de programa citada por Simão, *Dar 5 vezes* é igual a comprar o videogame Playstation. Essa rotulação apresenta-se de modo prospectivo, pois não há uma repetição ou um “sinônimo” de um elemento precedente. Em vez disso, de acordo com Francis (2003), ele é apresentado como equivalente ao termo ou oração que ele próprio substitui, ainda que os nomeie pela primeira vez. É importante reiterar que o rótulo tem uma função organizadora, pois demonstra que o autor do texto está se direcionando para a próxima fase de seu argumento, sem abandonar a anterior. O rótulo tem a função de encapsular e

⁸ Nota-se, nessa passagem, uma relação de causa epistêmica.

⁹ “**Se depender de mim**”: nesse caso, há algumas possibilidades de inferência que se realizam extra linguisticamente. As possibilidades de sentido que se referem ao entendimento desse enunciado, no entanto, dependerão, inclusive, do que o leitor sabe a respeito da vida do autor José Simão.

empacotar o conteúdo em uma única nomeação. Além disso, ressalta-se que esse rótulo é avaliativo, uma vez que a escolha lexical (a utilização do verbo dar, no sentido pejorativo) indica a visão do autor em relação à prostituição, ou seja, esse recurso possui uma carga argumentativa.

Jogar um videogame: nesse enunciado, é possível verificar que há um processo metonímico, pois enquanto *videogame* é o todo, ou seja, o produto; *Playstation* é a parte, isto é, uma marca específica, inclusive a mais desejada atualmente. É válido ressaltar que a metonímia não é um processo referencial propriamente dito, é, na verdade, uma figura de linguagem que consiste na substituição da parte pelo todo, do conteúdo pelo continente, da marca pelo produto, etc. Acontece que, por meio dessa substituição, de acordo com Marcuschi (2005a), também, vai se construindo uma rede inferencial baseada no léxico. O que corrobora a referência do texto.

Se depender de mim: em relação a esse período, é possível destacar que há uma elipse do substantivo *Thaís*. A omissão desse substantivo não prejudicou o sentido global do texto, uma vez que o contexto permite uma associação direta e evidente entre esses dois termos.

Ela não compra nem um Atari [...]: nesse trecho, constata-se a presença de um pronome pessoal *Ela*, que retoma o substantivo próprio *Thaís*. Além disso, verifica-se a presença de uma anáfora indireta do tipo inferencial, que é expressa pelo termo *Atari*. A presença dessa anáfora indireta justifica-se pelo fato de que, para se entender o sentido expresso pelo autor, o leitor deve relacionar o que foi expresso no contexto (todo *frame* de jogos já está sendo construído) com o conhecimento do que significa a palavra *Atari*. Desse modo, sem saber que *Atari* é um videogame antigo, que nos dias de hoje quase não tem mais valor, o leitor não perceberá que, para Simão, o programa feito por essa moça não tem muito valor. Vale ressaltar que, para Marcuschi (2005a), a relação referencial presente na anáfora extratextual é fundamentada cognitiva e discursivamente por alguma associação.

Para esse processo referencial, no entanto, é possível que se considere outra classificação: por ser uma marca de videogame, pode-se evidenciar um processo

metonímico (marca/produto). Essa interpretação é válida, mas não desvalida o fato de que sem saber o que significa “Atari”, o leitor não compreende o sentido do enunciado.

E esse outro: "Procura-se garotas de programa evangélicas. Tratar com Cida". Tratar com Cida, Feliciano e Malafaia. Programa com dízimo incluso! Rarárá!

E esse outro: há, nesse exemplo, a omissão do termo “classificado”, que está no segundo parágrafo. Essa omissão não é prejudicial, pois é possível evidenciar a relação entre esses termos pelo contexto.

Além disso, há a presença de uma catáfora, a qual também prepara o leitor para o que vem pela frente, ou seja, para mais uma nova informação, que também é polêmica.

Com Cida, Feliciano e Malafaia: Na expressão em questão, percebe-se a presença de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado. Isso se confirma, porque sem saber que Feliciano e Malafaia são, respectivamente, membros da comissão dos direitos humanos e pastor da igreja pentecostal do Brasil, conhecidos por serem evangélicos extremistas, não seria possível compreender a chacota feita pelo autor. Observa-se, no emprego desse processo referencial, o que expõe Marcuschi (2005, p. 58) “os processos cognitivos e as estratégias referenciais são decisivos na atividade de textualização”. Nesse sentido, esse uso evidencia que a compreensão do texto depende da capacidade do sujeito de observar o mundo que o cerca, ou seja, depende de seu conhecimento extralinguístico (o contexto). Assim, diferentes leitores, com diferentes conhecimentos cognitivos, compreenderão o enunciado (na verdade, o texto todo) de modo distinto.

Programa com dízimo incluso: nesse período, também, evidencia-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado para conduzir a referência. Isso se comprova, pois, para entender que o autor ironiza o fato de o dízimo ser descontado do valor do programa, o leitor deve saber que as igrejas evangélicas cobram, com rigor, o pagamento do dízimo de seus fiéis. Portanto, se a prostituta é evangélica, ela terá de pagar o dízimo. Destaca-se que o recorrente emprego de anáforas indiretas evidencia a importância do conhecimento

extratextual. Assim, é possível afirmar que o entendimento dos enunciados é proporcional à cognição do leitor, ou seja, a seu conhecimento, suas operações mentais.

E o leilão xing-ling do pré-sal! Mais uma charge do Aroeira com o ministro Lobão, vulgo porteiro de necrotério, batendo o martelo: "Dou-lhe uma! Dou-lhe duas! Vendido pra dentuça da primeira fila". Rarará! Partilha: metade pra dentuça e metade pro panda! Rarará! A Petrobras vai mudar de nome pra Petropanda!

E o leilão xing-ling do pré-sal [...]: a expressão “xing-ling” faz uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, nesse caso, o leitor precisa, fundamentalmente ter o conhecimento de duas coisas: a primeira diz respeito ao fato desse termo ser uma sátira aos chineses, pois é muito comum, ao se falar desse povo, utilizar-se essa expressão; a segunda diz respeito ao fato de que foram os chineses que arremataram o pré-sal¹⁰. Constata-se que há uma dinâmica textual intensa, visto que cotexto e contexto se relacionam para a construção dos enunciados. Assim, exige-se do leitor várias estratégias que não são excludentes, pois, juntas, são responsáveis por efetivar o sentido.

Ministro Lobão, vulgo porteiro de necrotério: nessa amostra, verifica-se uma rotulação retrospectiva, pois Simão estabelece uma equivalência de sentido entre esses dois termos. Assim, nesse enunciado, Ministro Lobão é igual a porteiro de necrotério.

Em relação ao sentido expresso por “porteiro de necrotério”, percebe-se que há uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois para entender essa comparação, é preciso um *frame* do que seja um porteiro de necrotério, ou seja, é preciso saber que, de acordo com a visão popular, ele pode viver “no mundo da lua”, pois não tem nada para fazer. Nesse sentido, o contexto é fundamental para a compreensão do enunciado. Para Dijk (2012), o termo contexto é utilizado para demonstrar que certo evento, ação, discurso ou fenômeno deve ser estudado de acordo com seu entorno. Em outras palavras, o contexto é responsável por definir os possíveis sentidos que pode tomar uma situação comunicativa. O autor ainda expõe

¹⁰ Pré-sal” é o nome dado a área de reservas petrolíferas que fica abaixo de uma profunda camada de sal, formando uma das numerosas camadas rochosas do subsolo do mar. O governo leiloou a reserva do pré-sal da bacia de Campos do Brasil.

que a forma como se desenvolvem os enunciados também é dependente do contexto. Assim, ele é responsável por influenciar o entendimento de um processo de enunciação.

Batendo o martelo: dou-lhe uma [...]: Na amostragem em questão, nota-se o uso de uma catáfora. É interessante observar que esse uso “prepara” o leitor para construir em sua mente o cenário de um leilão. Assim, essa catáfora expande o sentido do que seria esse evento. Mais interessante ainda é notar que não há, nesse texto, uma definição do que seria um leilão. Assim, é por meio de um processo metonímico, o “fazer”, que o autor vai construindo a imagem do leilão.

Vendido pra dentuça da primeira fila: mais uma vez, o conhecimento de mundo é fundamental para determinar o entendimento do leitor, pois se este não souber que há várias piadas sobre a estrutura da arcada dentária da presidente Dilma, ele não conseguirá compreender que Simão está falando dela. Desse modo, constata-se, nesse período, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Partilha: metade pra dentuça da primeira fila e metade pro panda! [...]: nesse período continua a construção da inferência sobre a presidente Dilma, sendo acrescentados mais detalhes que conduzem o leitor a crer que, realmente, o autor está falando dela. Assim, evidencia-se uma anáfora do tipo inferencial, pois o entorno textual auxilia na identificação de quem se está falando.

Observa-se, também, no mesmo trecho, a presença de outra catáfora, pois “partilha”, na verdade retoma todo o referente que só aparece depois dos dois pontos. Além disso, há outra anáfora associativa, pois, para que seja estabelecida a relação entre panda e China, é preciso que o leitor saiba que esse país é conhecido por ser o berço desses animais.

E avisa pro Malddad que IPTU quer dizer Impossivel Pagar Tudo Isso! E aí vem as chuvas de verão e IPTU vira Imposto sobre Teto Umido!

[...] que IPTU quer dizer Impossível Pagar Tudo Isso: Novamente, percebe-se que José Simão trabalha com a equivalência de sentido entre dois termos, pois o autor afirma que *IPTU* pode ser traduzido por *Impossível Pagar Tudo Isso*, construindo, assim, um rótulo retrospectivo. Ainda em relação a esse trecho, nota-se

que ele também apresenta uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois sem saber que a cobrança desse imposto, no Brasil, é abusiva, não há como entender essa relação de equivalência. Desse modo, mais uma vez, firma-se o posicionamento de Dijk (2012), o qual discute o papel do modelo mental para a constituição do contexto. Segundo o autor, é inegável que situações sociais são compreendidas cognitivamente, e que textos se originam, são moldados e influenciados por essa compreensão. Desse modo, nota-se que a relação situação-discurso é indireta e que o contexto deixa de ser uma situação e integra um modelo mental específico, modelo esse que está sujeito à interpretação subjetiva, realizada pelos participantes da situação social da qual fazem parte.

[...] *IPTU vira Imposto sobre Teto Úmido*: mais uma vez, há equivalência de sentido entre os termos. Nessa expressão, há outra recategorização do sentido de IPTU, que passa a significar, nesse contexto, “Imposto sobre Teto Úmido”. Essa rotulação retrospectiva apresenta em sua composição um processo metonímico, pois, infere-se que, em São Paulo, no verão (período das cheias), quando chove, não é somente o teto (parte) que fica úmido, mas sim toda a casa (todo).

E sabe que imposto eu vou pagar? O IPN, Imposto sobre Porra Nenhuma!
 Não vou pagar nada e o Malddad vai ficar na saudade, ops SALDDAD!
 Rarará! E a manchete: "Vendeu a casa pra pagar o IPTU".

E sabe que imposto eu vou pagar? O IPN, Imposto sobre Porra Nenhuma?
 [...]: o pronome *eu* faz referência ao autor do texto, ou seja, José Simão. Ao usar essa marcação de primeira pessoa, assumindo um lado “revoltado” e “debochado”, ele confirma a ideia padrão que é expressa em todos os seus textos: a de “esculhambador geral da nação”.

Imposto sobre Porra Nenhuma: esse exemplo mostra mais uma recategorização do termo *IPTU*. Na referência em questão, a equivalência de sentido é: IPTU = Imposto sobre Porra Nenhuma.

Malddad/salddad: é interessante notar que, com esse exemplo, Simão cria uma construção própria para desenvolver a referência de seu texto. Assim, é por meio de trocadilhos (pois usa palavras parecidas no som, mas com significados

diferentes) e um jogo de palavras que resulta em ambiguidades que ele faz sua crítica.

E a manchete: vendeu [...]: nota-se, nessa expressão, a presença de mais uma catáfora.

Aliás, eu já disse que o Haddad devia ser prefeito de Bollywood. Cara de galã indiano! E que o Haddad é um pré-feito. Pré-feito pelo Lula. Rarará!

prefeito de Bollywood: há, mais uma vez, no exemplo, a presença de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado. Nota-se isso, pois sem o conhecimento de que Bollywood é a capital do cinema indiano, o leitor não conseguirá entender a relação estabelecida pelo enunciado.

Cara de galã indiano: o que há de mais interessante para se ressaltar nesse trecho é o fato de que, ao afirmar que Haddad é um galã indiano, Simão desconstrói toda a ideia de modelo americano de galã. Desse modo, para compreensão do que é dito, o leitor precisa de um *frame* acerca do que representa o cinema e, mais especificamente, o cinema de *Hollywood*. Sublinha-se o fato de que uma pessoa específica possui um modo subjetivo de compreender fatos sociais, além de pertencer a diferentes comunidades de práticas coletivas. Isso faz que indivíduos diferentes assimilem conteúdos diferentes de um mesmo enunciado. Por isso, muitos leitores podem passar por essa informação sem compreender seu “peso” enunciativo.

E que o Haddad é um pré-feito: Na amostragem em questão, há uma rotulação, pois *Haddad* equivale a *pré-feito*. O jogo de palavras feito pelo autor permite ao leitor inferir¹¹ que, na verdade, o prefeito da cidade de São Paulo não tem muito poder, pois é comandado por alguém “maior”. Isso se confirma no período posterior, quando o autor acrescenta que *Haddad é pré-feito pelo Lula*. Esse rótulo

¹¹ Para que um leitor compreenda um texto ele, geralmente, precisa ser capaz de realizar inferências. Dessa forma, conforme Marcuschi (2008, p. 249), “As inferências funcionam como hipóteses coesivas para o leitor processar o texto”. As atividades inferenciais são processos cognitivos que podem ser influenciados por dois tipos de informações contextuais: as extralinguísticas e as metalinguísticas. As primeiras dizem respeito ao conhecimento de mundo do leitor, enquanto as segundas aos conhecimentos relacionados às convenções e à estrutura linguística.

expressa uma avaliação das informações sumarizadas, pois se apresenta como uma estratégia do autor para firmar seu projeto de dizer, visto que essa escolha evidencia seu posicionamento acerca desse assunto.

E em São Paulo, carro é que paga IPTU. Por bem imóvel! Rarará!

Por bem imóvel: nesse período, o conhecimento de mundo, mais uma vez, é fundamental para o entendimento do enunciado, pois, sem saber que, em São Paulo, há muito congestionamento, não é possível entender a relação entre carro e bem imóvel. Ou seja, que em São Paulo, carro fica parado, não anda, por isso é bem imóvel. Assim, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E a manchete do Piauí Herald: "Eike Batista leiloa gravata usada". E será que os chineses que compraram o pré-sal, vão comprar a gravata também? Glavata Pilata! A Glavata é Nossa! Rarará!

Piauí Herald: 'Eike[...]: nesse exemplo, nota-se, mais uma vez o uso da catáfora.

E será que os chineses: somente agora, quase ao final do texto, o autor emprega o referente que diz respeito às inferências "panda" e xing-ling", expressas em parágrafos anteriores.

E essa bem infame de horário de verão. O cara no ponto de ônibus: "Que horas são?". "Duas na velha e três na nova." E a velhinha ao lado: "e cinco na sua mãe, seu fdp!". Rarará. É mole? É mole mas sobe!

E essa bem infame de horário de verão: observa-se, nesse exemplo, um rótulo avaliativo e prospectivo, pois há uma direção argumentativa nesse emprego, ou seja, há uma manifestação da opinião do autor. Isso se justifica, principalmente pelo emprego do modificador determinante (adjetivo).

duas na velha e três na nova: a ideia de prostituição, desenvolvida a partir do segundo parágrafo, continua a percorrer o texto. Assim, o uso da elipse nesse enunciado, inclusive, gera um duplo sentido, o que causa a conotação sexual.

é mole mas sobe: essa construção, quase uma fraseologia nos textos de Simão, apresenta uma inferência sexual. O autor não expõe, especificamente, o que é mole, mas sua linguagem debochada permite realizar tal inferência. Nesse texto em questão, no qual o autor aborda assuntos sexuais, isso fica mais evidente. Assim, constata-se a utilização de uma anáfora do tipo inferencial.

Os Predestinados! Um amigo foi fazer curso de combate a incêndio na empresa EcoFire e adivinha o nome do bombeiro instrutor? Claudio ÁGUA!
E essa direto do porto de Santos: despachante aduaneiro, ANTIMAR Junior!
Rarará. Nós sofre mas nós goza!

... e adivinha o nome do bombeiro instrutor? Claudio ÁGUA!: No excerto selecionado, nota-se um processo metonímico, pois água é parte dos “apetrechos” que o corpo de bombeiros utiliza.

E essa diretor do porto de santos: despachante [...]: nesse exemplo, evidencia-se a presença de mais uma catáfora.

[...]despachante aduaneiro, ANTIMAR: É possível evidenciar, nesse exemplo, que, para a efetivação do sentido, é necessário que se realize uma inferência, pois sem saber o que faz um despachante aduaneiro, não é possível, mais uma vez, entender a sátira de Simão. Além disso, o leitor precisa ser capaz de inferir que, na verdade, *ANTIMAR* é uma brincadeira com o nome de Neymar. Desse modo, constata-se o emprego de uma anáfora do tipo inferencial, pois o leitor precisa relacionar as informações que estão no texto (o fato de se referir a Santos, cidade natal de Neymar Junior, e a própria aproximação sonora da palavra) com seus conhecimentos extratextuais.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Que eu vou pingar meu colírio alucinógeno: em todos os textos de Simão há um mesmo fechamento. Isso prepara o leitor para o final da leitura. É possível inferir, que ao dizer que vai pingar seu colírio alucinógeno, Simão tenta mostrar que tudo o que ele escreveu não passa de uma alucinação, pois enxergar a república desse jeito é algo inadmissível. Ou seja, as coisas que acontecem não só no Brasil mas

também em todo o mundo são tão absurdas que ele até acredita estar alucinando. Assim, o autor pinga colírio nos olhos, pois eles valem pela razão.

Quadro 2

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	07	08	07	0	06	17	0	0	03

TEXTO 2: **Pré-sal! Privatiza a pré-rereca!**

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Horário de verão! Todo mundo sem noção! Que horas são? Meio-dia pras quatro! E aí perguntei prum amigo: ""Adiantou o seu relógio?". "Adiantei, antes do ladrão levar!".

E a Dilma acordou deprimida; perdeu uma hora de mandato! E uma menina no Twitter: "Hoje eu senti na pele o que é ser Rubinho Barrichello, acordei com os outros uma hora na minha frente". Rarará!

E os beagles, os fofos! Fiquei emocionado vendo os beagles fofos sendo resgatados! E adorei a manchete do jornal "Meia Hora": "Dogblocs invadem laboratório e resgatam cachorrada da raça beagle".

E o site Kibeloco botou a foto dum beagle fofo com a legenda: "Mexeu com o beagle, mexeu comigle". Rarará! O beagle é meu "amigle".

E tem uma foto do Snoopy com o cartaz: "Testa no cu!" Rarará! E outra que corre na internet: "Tem o Latino, o Feliciano, a Mulher Melão, o Sarney. Pra que testar no coitado do beagle?!". Isso que é revolta, viu!

E a avó de um amigo meu que entendeu "bingo" em vez de beagle! É verdade! Ela gritou: "Oba! Resgataram os bingos!". Rarará!

E esse leilão do pré-sal! Eu acho essa história de pré-sal um pré no salco. Aliás, diz que a Dilma vai dar um pré no salco dos manifestantes do pré-sal! "Você é contra o leilão do pré-sal?" PAF! Pré no salco! Rarará!

"Caiu bomba até na área", diz um manifestante. Aí virou futsal! Rarará! E um amigo quer que a Dilma privatize a pré-rereca da mulher dele! Tem pré-rereca no pré-sal!

E diz que o Obama espionou o pré-sal e a Dilma. Ou seja, o pré-sal e a sem sal! Rarará! E eu acho que a Dilma devia privatizar o pré-sal e estatizar a Miriam Leitão! Rarará!

E depois do pré-sal, a Dilma vai lançar mais três programas 1) Pré-primário: alfabetização para todos, coordenado especialmente pelo Lula. 2) Pré-variação: vaca para todos! 3) Pré-claro: celular para todos! Rarará!

E depois todo mundo tomando um pré-sal de frutas! Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! E essa placa num camping em Cabreúva: "Proibido a entrada de animais, inclusive cachorro". Tá vendo por que não pode fazer teste em cachorro? Ninguém acha que cachorro é animal. Cachorro é pet! E o beagle é meu amigle!

Nóis sofre, mas nós goza.

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, servem como base para a análise do texto 2.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Horário de verão! Todo mundo sem noção! Que horas são?

Meio-dia pras quatro! E aí perguntei prum amigo: “Adiantou o seu relógio?”.
“Adiantei, antes do ladrão levar!”.

Horário de verão! Todo mundo sem noção!: nesse exemplo, nota-se a presença de um rótulo retrospectivo. Isso se evidencia pela equivalência de sentido existente, nesse caso, entre “horário de verão” e “todo mundo sem noção”. Essa equivalência de sentido denota a opinião sobre o horário de verão que o autor tem, ou seja, mostra que, para ele, o horário de verão deixa as pessoas desorientadas. A construção dessa equivalência é, portanto, argumentativa.

Meio-dia pras quatro: esse excerto confirma o posicionamento do autor sobre o horário de verão. Assim, dizer que são *meio-dia pras quatro* equivale a dizer que o horário de verão, realmente, deixa todo mundo desorientado. Constata-se, portanto um rótulo retrospectivo.

[...] *prum amigo: “Adiantou [...]:* nesse trecho, nota-se a presença de dois processos referenciais. O primeiro é uma catáfora, que se concretiza pelo uso dos dois pontos. O segundo é uma elipse, pois há a omissão do pronome “você”, durante a pergunta realizada.

[...] *Adiantei, antes do ladrão [...]:* nota-se, mais uma vez a presença de uma elipse. A omissão do pronome *eu* não causa prejuízo semântico para o enunciado, uma vez que a própria concordância do verbo mostra que se refere à primeira pessoa do singular.

E a Dilma acordou deprimida; perdeu uma hora de mandato! E uma menina no Twitter: "Hoje eu senti na pele o que é ser Rubinho Barrichello, acordei com os outros uma hora na minha frente". Rarárá!

E a Dilma acordou deprimida, perdeu uma hora [...]: nesse trecho, percebe-se a presença da elipse de dois termos: *ela*, que se referiria a Dilma e a conjunção explicativa *pois/porque*. Outra vez, a omissão dos termos não prejudica o sentido da expressão, pois, em relação ao pronome *ela*, por estar muito próxima do referente *Dilma*, estabelece-se a retomada até de modo automático. Já em relação a

conjunção, também não há prejuízo, pois a própria estrutura do período deixa claro essa implicação de sentido, ou seja, mostra que há uma explicação.

E uma menina no twitter: 'Hoje eu senti [...]: Há, nessa expressão, a presença de outra catáfora.

O que é ser Rubinho Barrichello, acordei com os outros uma hora na minha frente [...]: nesse exemplo, constata-se o uso de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois sem saber quem é Rubinho e que ele, muitas vezes, é criticado e debochado pelo fato de ser um piloto que ficou muito tempo sem chegar em primeiro lugar, não é possível entender o sentido do enunciado. Além disso, constata-se a presença da elipse do pronome *eu* (eu acordei). Mais uma vez, a ausência do pronome de primeira pessoa não prejudica o sentido do enunciado, pois a própria terminação do verbo mostra que, naquele enunciado, só caberia esse pronome. E os beagles, os fofos! Fiquei emocionado vendo os beagles fofos sendo resgatados! E adorei a manchete do jornal "Meia Hora": "Dogblocs invadem laboratório e resgatam cachorrada da raça beagle".

e os beagles, os fofos! [...]: nesse excerto, percebe-se a presença de uma rotulação retrospectiva. Assim, para tratar da invasão ao instituto royal (que fazia experimentos em cães dessa raça), Simão começa por situar a visão que a parcela da sociedade que é contra esses experimentos tem dos beagles.

Vendo os beagles, os fofos [...]: nesse exemplo, há a repetição dos termos *beagles* e *fofos*. É possível constatar que essa repetição aparece de modo intencional, transmitindo para o período certa ironia, pois o autor questiona o fato de se dar tanto valor a animais de estimação.

E adorei a manchete [...]: denota-se, nesse caso, a presença de mais uma elipse. Novamente, há a omissão do pronome pessoal *eu*, referente à primeira pessoa do singular.

[...] *Meia Hora: 'Dogblocs invadem [...]:* nessa amostragem, nota-se a presença de dois processos referenciais: o primeiro, diz respeito a uma catáfora, que

prepara o leitor para a “notícia” que virá; o segundo é uma referência extratextual do tipo conceitual, que se forma a partir de um neologismo. Assim, a aglutinação das palavras *dog* (cão em inglês) e *black blocs* (nome que representa um grupo de manifestantes que ficou conhecido por agir de forma violenta) forma uma nova palavra, que exige do leitor conhecimento de mundo, pois sem as informações sobre a invasão ao instituto royal e sem saber o que é *black blocs* não há como entender a sátira feita pelo autor. Mais uma vez, o entendimento do contexto é determinante para a compreensão do enunciado.

[...] *invadem laboratório e resgatam [...]*: nesse exemplo, há a elipse do termo *black blocs*.

E o site Kibeloco botou a foto dum beagle fofo com a legenda: "Mexeu com o beagle, mexeu comigle". Rarará! O beagle é meu "amigle".

[...] *beagle fofo [...]*: mais uma vez, há a repetição do termo *beagle fofo*.

[...] *com a legenda: mexeu [...]*: nota-se, nessa expressão, a presença da catáfora. Como nos casos anteriores, a catáfora prepara o leitor para a informação seguinte.

[...] *mexeu com o beagle, mexeu comigle [...]*: evidencia-se, nesse excerto, que o autor utilizou um processo recorrente em seus textos: o trocadilho. Esse uso denota uma forma cômica de desenvolver as críticas propostas pelo autor.

E tem uma foto do Snoopy com o cartaz: "Testa no cu!" Rarará! E outra que corre na internet: "Tem o Latino, o Feliciano, a Mulher Melão, o Sarney. Pra que testar no coitado do beagle?!". Isso que é revolta, viu!

[...] *cartaz: ‘Testa no [...]*: novamente, constata-se a presença de uma catáfora para se fazer conduzir a referência. Isso comprova a eficácia desse processo para desenvolver as ideias propostas pelo autor.

[...] *corre na internet: ‘tem o Latino [...]*: Como no exemplo anterior, percebe-se, nessa expressão, o uso da catáfora.

[...] *tem o Latino, o Feliciano, a Mulher Melão, o Sarnei [...]*: Novamente, a referência é conduzida por um processo de inferência, pois ao mencionar nomes de personalidades “famosas”, questionando o porquê de não serem feitos testes neles, ao invés dos *beagles*, José Simão mostra que, para a opinião pública geral, todas essas pessoas citadas valem menos do que os cachorros. Desse modo, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo inferencial.

E a avó de um amigo meu que entendeu "bingo" em vez de beagle! É verdade! Ela gritou: "Oba! Resgataram os bingos!". Rarará!

[...] *Ela gritou: 'Oba [...]*: nesse caso, nota-se, outra vez, a presença de uma catáfora. Percebe-se que a presença do estilo discurso direto é recorrente nos textos de Simão. Isso acontece porque o discurso direto figura ao texto a ideia/sensação de “fidelidade” com a voz/discurso do outro. No caso da velha, aparentemente, ela está identificada como uma idosa fictícia. Com isso, o autor vai considerando a opinião (voz) daqueles que se posicionaram contra o fechamento dos bingos.

É importante observar que todas essas “falas” são tentativas de reprodução do discurso e que elas se repetem em quase todos os textos. Isso tem a função de criar um universo que se move fluidamente entre o real e o fictício, como se fosse uma fábula em que os costumes e atitudes do dia a dia são questionados. O efeito não é moralizante, mas desmoralizante em relação aos fatos do cotidiano.

Oba, resgataram os bingos [...]: percebe-se que por trás desse trecho do texto há uma demonstração de uma imagem prototípica do que é o idoso, pois o senso comum costuma expor que o “velho”, no Brasil, gosta muito de bingo e que por isso, indignou-se com a proibição desse jogo. Percebe-se, também, a imagem prototípica de velho como surdo, pois, assim como em muitas piadas, há uma censura irônica, ao expor que a senhora em questão não escutou corretamente o que foi dito. Desse modo, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E esse leilão do pré-sal! Eu acho essa história de pré-sal um pré no salco. Aliás, diz que a Dilma vai dar um pré no salco dos manifestantes do pré-sal! "Você é contra o leilão do pré-sal?" PAF! Pré no salco! Rarará!

[...] *história de pré-sal* [...]: nesse exemplo, evidencia-se a repetição do termo pré-sal. Essa repetição, inclusive, ajuda o leitor a formar em sua mente a ideia de que o pré-sal é um “pé no saco”, pois a repetição do termo no texto já cansa o leitor.

[...] *pré no salco* [...]: nota-se, nesse exemplo, uma anáfora do tipo inferencial, pois o autor “cria” uma palavra que configura um sentido diferente do termo na qual se baseou. Assim, essa anáfora é construída por meio por meio de uma fraseologia popular, acrescida de um jogo de trocadilhos.

Nota-se, ainda nesse parágrafo, que várias vezes se repete as palavras *pré no salco* e *pré-sal*. Como já exposto, isso serve para ir cansando o leitor dessas palavras, fazendo-o acreditar que toda essa história do pré-sal, realmente, incomoda.

"Caiu bomba até na área", diz um manifestante. Aí virou futsal! Rarará! E um amigo quer que a Dilma privatize a pré-rereca da mulher dele! Tem pré-rereca no pré-sal!

[...] *Caiu bomba até na área* [...]: O sentido dessa expressão permite constatar que o autor, nesse excerto, ironiza a personalidade e o histórico de Dilma, conhecida como uma militante de esquerda. Nesse sentido, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitual. Destaca-se que, sem conhecer a história política (e mesmo pessoal) da presidente do Brasil tais informações não fazem sentido, o que ressalta a importância do contexto para a compreensão dos textos do colunista.

[...] *que a Dilma privatize a pré-rereca* [...]: evidencia-se, nesse excerto que o autor ironiza o fato de que, no Brasil, já ocorreram várias privatizações. Além disso, ao apelar para uma conotação sexual, o autor satiriza o fato de que Dilma tem uma figura masculinizada, fato que serve de piada para muitos. Observa-se também que há uma anáfora conceitualmente fundada que estabelece uma relação entre *pré-sal* e conotações sexuais. Em outras palavras, para o autor, a privatização do *pré-sal* foi uma prostituição, ou seja, um avultamento, uma desonra para o Brasil.

Tem pré-rereca no pré-sal: evidencia-se, nesse excerto, a presença da repetição do termo *pré-rereca*.

E diz que o Obama espionou o pré-sal e a Dilma. Ou seja, o pré-sal e a sem sal! Rarará! E eu acho que a Dilma devia privatizar o pré-sal e estatizar a Miriam Leitão! Rarará!

o pré-sal: nota-se, nesse exemplo, a repetição do termo *pre-sal*.

[...] *e a sem sal* [...]: *sem sal* retoma Dilma, em uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, para entender o porquê de dessa expressão, é preciso saber que Dilma Rousseff não é uma presidente muito popular e que muito de seu “sucesso político” deve-se ao fato de ela ser aliada de Lula. O conhecimento do contexto político é essencial para a compreensão desse excerto.

[...] *E eu acho* [...]: nesse excerto, o uso do pronome pessoal “eu”, para retomar o autor do texto, mostra que José Simão, realmente, expressa suas crenças e opiniões, sendo responsável pela repercussão de suas ideias.

E estatizar a Miriam Leitão: Miriam Leitão é uma das porta-vozes do Brasil, portanto, é um ícone da economia brasileira. Por ter sua palavra levada tão a sério pelos telespectadores e ter se aliado ao governo na época da ditadura, Simão ironiza a importância dela, afirmando que a economista deveria ser estatizada. Assim, evidencia-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E depois do pré-sal, a Dilma vai lançar mais três programas 1) Pré-primário: alfabetização para todos, coordenado especialmente pelo Lula. 2) Pré-variação: vaca para todos! 3) Pré-claro: celular para todos! Rarará!

[...] *três programas* [...]: No excerto selecionado há uma referência catafórica, pois os três programas que ela lançará estarão expostos na sequência.

[...] *pré-primário: alfabetização*[...] *pré-variação: vaca* [...] *pré-claro: celular* [...]: Nos períodos selecionados, evidencia-se a presença de catáforas. Essas catáforas são seguidas de explicações para o que seriam esses programas. Além disso, percebe-se, na constituição do enunciado, a presença de referência exofórica do tipo conceitualmente fundado, pois para relacionar o nome do programa com a

explicação, é necessário que o leitor tenha conhecimentos sobre as questões tratadas. No primeiro enunciado *pré-primário*, há uma sátira ao fato de Lula, ex-presidente do Brasil ser praticamente analfabeto. No segundo, por sua vez, pode-se afirmar que Dilma, como mentora das concessões dos programas de benefícios, compactua com os atos desonestos de quem, por interesse ou má-fé, procede contrariamente aos deveres de seu cargo, ofício ou ministério. Por último, a sátira está no fato de as companhias de telefonia móvel do país serem caras e ineficientes.

A crítica mais evidente, nesse período, está na política assistencialista do PT, pois, o autor, com esse discurso, praticamente diz que, no Brasil, há política assistencialista para tudo e que essa política é de prevaricação.

E depois todo mundo tomando um pré-sal de frutas! Rarará!

[...] *tomando um pré-sal de frutas [...]*: nesse período, a crítica ao governo de Dilma se concretiza, pois ao expor que após todos esses “prés”, é preciso tomar um pré-sal de frutas (remetendo-se ao sal de frutas, que é usado para indigestão), o ator mostra o quão indigesta é a política no Brasil. Assim, destaca-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! E essa placa num camping em Cabreúva: "Proibido a entrada de animais, inclusive cachorro". Tá vendo por que não pode fazer teste em cachorro? Ninguém acha que cachorro é animal. Cachorro é pet! E o beagle é meu amigle!

[...] *Cabreúva: 'Proibido [...]*: nessa amostragem, outra vez, constata-se a presença de uma catáfora.

[...] *animais, inclusive cachorro*: Observa-se, nesse excerto, a presença de uma hiperonímia. Isso se evidencia, pois para conduzir a referência em seu texto, primeiramente, o autor utiliza um termo genérico (animais), para depois especificar uma classe em particular (os cachorros).

[...] *Cachorro é pet* [...]: nesse exemplo, percebe-se que o “jogo” referencial feito pelo autor emprega uma crítica a um empréstimo linguístico do inglês *pet* (animal de estimação).

Quadro 3

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	10	03	07	0	08	12	07	01	04

Texto 3: **Pré-sal! Ganhou o Kung Fu Panda!**

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! E o leilão do pré-sal? Os chineses ganharam! Ganharam o plé-sal! O petróleo é nosso! Quem arrematou foi um panda! Quem vai explorar o pré-sal é o Kung Fu Panda!

Mas a Dilma devia ter chamado o Aquaman! E o chargista Aroeira mostra como foi o leilão, com o Lobão batendo o martelo: "Muito bem. Quem dá mais? Ok. Quem dá menos?". Rarará. Ganhou quem deu menos!

E o pronunciamento da Dilma foi tão bom que já começou sem som! Deixa sem som! Sem som tava melhor!

E a Dilma tá parecendo a dona Redonda! Se explodir, o planeta explode junto. Rarará! Outros acharam que ela tava parecendo um barril. De petróleo! Rarará!

E a Marinárvore no Enrola Viva? "Gostaria de chamar o FHC e o Lula pra governar". Essa é a nova forma de fazer política da Marina: chama o FHC e o Lula, entra no partido do Campos e faz conchavo com o Aécio! Rarará! A novelha forma de fazer política!

E a manchete do Piauí Herald: "Para voltar à mídia, Aécio adota 12 beagles". Todas fêmeas! Rarará!

E o Serra Vampiro Anêmico não adotou beagles porque ele não sabe o que é beagle: "É uma raça de cachorro?".

E os chineses vão vender petróleo no Stand Center da Paulista! Petróleo Pilata!

E uma vez um amigo foi comprar um aparelho de som no Stand Center e perguntou: "As caixinhas surround vêm junto?". E a chinesa: "Caxinha sulound paga sepalado". E o meu amigo: "Então enfia na peleleca". Enfia o plé-sal na peleleca! Rarará!

E uma vez eu fui fazer uma compra no Stand Center, assinei o cheque e o chinês: "É do Bladesco?". É! Petróleo do Bladesco! Rarará!

Mas a Dilma disse que não é privatização, é partilha. O chargista Nani explica a diferença: "Partilha é uma privatização que não saiu do armário". Enrustida. Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

Os Predestinados! Mais dois para a minha série Os Predestinados!

Coordenadora da Secretaria Nacional da Juventude: Elisa Guaraná!

Guaraná? Só se for da juventude de 1950! Rarará!

E esse convite que recebi de Passo Fundo: "Proctologia: palestras com o dr. Sergio Regadas". E em Passo Fundo? Essa eu passo! Rarará!

Hoje, só amanhã! Nós sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, facilitarão a análise do texto 3.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! E o leilão do pré-sal? Os chineses ganharam! Ganharam o plé-sal! O petróleo é nosso! Quem arrematou foi um panda! Quem vai explorar o pré-sal é o Kung Fu Panda!

Ganharam o plé-sal [...]: No exemplo em questão, nota-se a presença de uma elipse. O termo “suprimido” é a palavra chinesa, que se encontra no período anterior. Como já exposto, quando bem empregada, a omissão de um termo não causa prejuízo semântico ao texto, uma vez que o próprio cotexto permite que se estabeleça uma relação entre o referente e o termo referenciado.

Quem arrematou foi um panda [...]: Como já foi evidenciado no início dessas análises, os textos de José Simão dialogam entre si, visto que tratam de assuntos que repercutem durante toda semana. Assim, a expressão em análise, apresenta relação com outro texto já analisado e, como ficou evidenciado, no exemplo em questão, também, para que seja estabelecida a relação entre *panda* e China, é preciso que o leitor saiba que o *panda* é um animal que, de alguma forma, caracteriza e representa esse país.

[...] é o kung-fu panda: Nesse excerto, nota-se que o autor faz uma brincadeira, ao relacionar o animal panda (que como já exposto representa a China), com um filme infantil que, inclusive, fez muito sucesso. Assim, mais uma vez, o conhecimento de mundo do leitor é fundamental para a compreensão da informação, pois sem conhecer o filme e saber que ele retrata situações típicas da China e dessa luta (kung fu) muito conhecida nesse país, esse leitor não conseguirá atingir o entendimento. Desse modo, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Mas a Dilma devia ter chamado o Aquaman! E o chargista Aroeira mostra como foi o leilão, com o Lobão batendo o martelo: "Muito bem. Quem dá mais? Ok. Quem dá menos?". Rarará. Ganhou quem deu menos!

[...] Mas a Dilma devia ter chamado o Aquaman! [...]: Mais uma vez, é fundamental, para o entendimento do que é expresso, o conhecimento de mundo do leitor, bem como a capacidade de fazer inferências. Isso se explica, pois além de ter

que saber e relacionar o fato de tanto o *Aquaman* quanto o kung-fu panda serem heróis de histórias em quadrinhos e filmes, o leitor precisa inferir que o fato de Simão sugerir que Dilma deveria ter recorrido ao Aquaman, é uma brincadeira irônica que se deve ao fato de ele ser um herói da água, assim como a extração do petróleo brasileiro. Nesse sentido, há a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] o leilão, com o Lobão batendo o martelo: muito [...]. No excerto em questão, nota-se a presença de dois processos referenciais. O primeiro deles diz respeito a um assunto que também já foi desenvolvido em outro texto, portanto, encontra-se, assim como no exemplo do outro texto, a presença de um processo metonímico, pois é por meio do “fazer”, que o autor vai construindo a imagem do leilão.

Além disso, nesse mesmo trecho, há a presença de uma catáfora. É interessante observar que esse uso, novamente, “prepara” o leitor para construir em sua mente o cenário de um leilão. Assim, fica evidente que o autor se vale desse recurso para, realmente, expandir o sentido do que seria esse evento.

[...] Quem dá mais? Ok. Quem dá menos? [...]. nesse excerto, mais uma vez, pode-se evidenciar a conotação sexual dos textos de Simão, pois ele emprega uma frase dúbia, visto que o verbo “dar”, na linguagem coloquial, é um sinônimo de relação sexual, mas essa expressão, também, é típica de leilões. Assim, nesse contexto, o enunciado expressa, na verdade, que há, em toda essa questão do pré-sal, uma prostituição do modo de se fazer política. Desse modo, o autor faz uma releitura do que é um leilão, mostrando que uma negociação que deveria ser tão séria, na verdade, tornou-se uma grande avacalhação. Constata-se, assim, o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Ganhou quem deu menos! [...]. para compreender a afirmação que o autor faz com essa expressão, é necessário que o leitor conheça, ao menos um pouco, a história da China e saiba que esse país é conhecido por ter muita produtividade e vender para o mundo inteiro produtos com um valor muito abaixo do mercado. Justamente por isso, esse país também é conhecido por dar péssimas condições de

trabalho para seus empregados. Assim, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E o pronunciamento da Dilma foi tão bom que já começou sem som! Deixa sem som! Sem som tava melhor!

[...] *Deixa sem som! Sem som tava melhor!*: Constata-se, na expressão analisada, a retomada por elipse, pois em *deixa sem som*, há a omissão de pronunciamento da Dilma. Em *sem som tava melhor*, é interessante notar que o autor omite, mais uma vez, pronunciamento da Dilma. Essa elipse é empregada, a fim de evitar a repetição de um termo já referido. Nesse âmbito, o emprego dessa estratégia não causa prejuízo ao leitor, pois ele compreende o que está sendo enunciado, por meio do próprio cotexto. O que há, não obstante, é a exigência de que esse leitor se esforce mais para compreender qual é, enfim, o referente e qual é o termo que foi referenciado. Além disso, nota-se a presença de uma anáfora indireta do tipo inferencial, pois o leitor precisa inferir, com base no que já está exposto no texto, que, para Simão, a presidente Dilma fica bem melhor quando está em silêncio.

E a Dilma tá parecendo a dona Redonda! Se explodir, o planeta explode junto. Rarará! Outros acharam que ela tava parecendo um barril. De petróleo! Rarará!

E a Dilma tá parecendo a dona Redonda: nesse exemplo, percebe-se que há uma rotulação retrospectiva, pois Dilma equivale a dona Redonda. Para construir essa relação, é preciso que o leitor saiba que dona Redonda é personagem de uma novela da rede Globo (Saramandaia). Essa personagem é conhecida por comer demais, o que a deixou tão gorda a ponto de, literalmente, explodir. Assim, ao estabelecer essa equivalência entre Dilma e dona Redonda, José Simão faz uma crítica ao peso da presidente do Brasil. Nesse sentido, constata-se também a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Se explodir, o planeta explode junto: nessa amostragem, percebe-se que há mais uma elipse. O termo que está elíptico é *Dilma*.

[...] *ela tava parecendo um barril* [...]: Percebe-se, nessa expressão, o uso do pronome pessoal *ela*. Esse pronome é utilizado para retomar o nome próprio *Dilma*.

[...] *parecendo um barril. De petróleo* [...]: no exemplo em questão, há um processo metonímico, uma vez que barril é o continente, enquanto petróleo é o conteúdo.

E a *Marinárvore* no *Enrola Viva*? "Gostaria de chamar o FHC e o Lula pra governar". Essa é a nova forma de fazer política da Marina: chama o FHC e o Lula, entra no partido do Campos e faz conchavo com o Aécio! Rarará! A *novelha* forma de fazer política!

E a Marinárvore no Enrola Viva?: Simão é conhecido por, em seus textos, trabalhar com muitos neologismos, fato que dá a esse autor um caráter único e original. É interessante constatar que esse emprego recorrente de palavras “criadas” pelo colunista auxilia a condução da referência e do jogo argumentativo. Nesse sentido, observa-se que, no exemplo em questão, a referência é construída por meio da aglutinação de Marina + Árvore. Essa aglutinação, na verdade, apresenta uma brincadeira irônica feita por Simão, que, de certa forma, critica Marina. Para entender o porquê dessa ironia, o leitor precisa saber que ela é uma ambientalista, conhecida por defender causas relacionadas ao meio ambiente. O fato é que muitos a acusam de utilizar essas causas para alavancar sua carreira política. Assim, fica evidente, outra vez, que o conhecimento de mundo do leitor é essencial para o entendimento da informação. O que caracteriza o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Ainda nesse excerto, percebe que José Simão “brinca”, mais uma vez, com a formação de palavras, pois renomeia “Roda viva”, formando o vocábulo “enrola viva”. O autor, ao utilizar a expressão “enrola viva”, refere-se a um programa exibido na TV cultura. Esse programa apresenta entrevistas com personalidades que estão em destaque na mídia.

A novelha forma de fazer política!: Mais uma vez, Simão brinca com a organização das palavras, embutindo uma carga semântica muito interessante em sua criação “*novelha*”. Pode-se interpretar esse processo de aglutinação da seguinte forma: Simão juntou as palavras nova e velha, formando um vocábulo que ainda

carrega o sentido de “novela”. Com essa criação, o colunista mostrou que, na verdade, esse joguete político de Marina não é nada novo. Para o autor, na verdade, toda essa questão política é uma novela, ou seja, é algo que se repete, praticamente não tem fim. Assim, constata-se, mais uma vez, a presença de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, a qual exige do leitor a ativação de conhecimento de mundo.

E a manchete do Piauí Herald: "Para voltar à mídia, Aécio adota 12 beagles". Todas fêmeas! Rarará!

E a manchete do Piauí Herald: 'Para voltar à mídia [...]': nesse trecho, há, outra vez, a presença da catáfora para conduzir a referência. Como já exposto, diferentemente do que acontece com a anáfora, o termo utilizado para fazer a referência só aparece posteriormente.

Aécio adota 12 beagles'. Todas fêmeas!: Mais uma vez, evidencia-se que o autor constrói um excerto com referência extratextual, pois traz para seu texto a referência da invasão ao instituto Royal. Constata-se, assim, o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois não é à toa que Simão afirma que Aécio adotou somente cachorras fêmeas. Na verdade, Simão satiriza o fato de Aécio Neves ter fama de conquistador, ou seja, o sentido de cachorras apresenta uma ambiguidade intencional com o objetivo, justamente, de instigar o leitor a se questionar sobre esse fato. Portanto, sem conhecer a “fama” de Aécio, o escárnio à figura pública passa despercebido.

E o Serra Vampiro Anêmico não adotou beagles porque ele não sabe o que é beagle: "É uma raça de cachorro?".

[...] não adotou beagles porque ele não sabe o que é beagle: 'É uma raça [...]': Nota-se, nesse exemplo a presença da repetição da palavra *beagles*. Como já visto no capítulo de fundamentação teórica, a repetição é aceitável como um processo de condução da referência. Somente quando é utilizada em excesso, traz problemas coesivos ao texto.

Além disso, nota-se a presença do pronome referente a terceira pessoa do singular (*ele*) para retomar o nome em questão, ou seja, Aécio Neves. Finalizando a

análise do trecho selecionado, evidencia-se o uso de uma catáfora. Esse processo referencial se concretiza com a asserção realizada depois dos dois pontos.

E os chineses vão vender petróleo no Stand Center da Paulista! Petróleo Pilata!

E os chineses vão vender petróleo no Stand Center da Paulista!: É interessante observar que, somente nesse excerto, o termo *chineses* aparece no texto. Assim, o leitor, ao se deparar com esse referente, já tem a imagem desse povo criada em sua mente. Isso acontece, porque, Simão cria todo um quadro mental que faz com que o leitor reconheça o assunto, mesmo sem ele estar especificado. Em outras palavras, é possível dizer que todo o parágrafo, ou melhor praticamente todo o texto, vai rotulando o que é o chinês, visto que as informações estão no contexto.

Ainda em relação a esse excerto, nota-se mais uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois para entender o sentido do enunciado, o leitor precisa saber que *Stand center* é um shopping popular de São Paulo.

Petróleo Pilata: essa expressão apresenta-se mais uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, para entender a relação feita, o leitor precisa saber que os chineses são conhecidos por fornecerem produtos de pirataria.

E uma vez um amigo foi comprar um aparelho de som no Stand Center e perguntou: "As caixinhas surround vêm junto?". E a chinesa: "Caxinha sulound paga sepalado". E o meu amigo: "Então enfia na peleleca". Enfia o plé-sal na peleleca! Rarárá!

As caixinhas surround vêm junto?: No período em questão, constata-se a presença de uma metonímia. Isso acontece, porque *caixinhas surround*, na verdade, são uma parte do aparelho de som, que representa o todo.

E o meu amigo: Então [...]: Nota-se, nesse exemplo, a presença de mais uma catáfora. Ou seja, primeiramente, o termo que aparece é o que especifica o referente.

E uma vez eu fui fazer uma compra no Stand Center, assinei o cheque e o chinês: "É do Bladesco?". É! Petróleo do Bladesco! Rarará!

E uma vez eu fui fazer uma compra no Stand Center, assinei o cheque [...]: nessa sequência de análise, evidencia-se o uso, pelo autor, do pronome *eu*, para se autorretomar. Também, percebe-se o uso da elipse, pois em *assinei* só se percebe que se refere à primeira pessoa pela concordância verbal. Por fim, mais uma vez, tem-se a presença de uma catáfora, pois o termo que aparece primeiro é o que completa o sentido do referente, que só é expresso em seguida.

Mas a Dilma disse que não é privatização, é partilha. O chargista Nani explica a diferença: "Partilha é uma privatização que não saiu do armário". Enrustida. Rarará!

[...] a Dilma disse que não é privatização, é partilha: nessa amostra, percebe-se o uso de uma elipse, pois o termo *pré-sal* foi omitido, ficando apenas compreensível pelo contexto. Nota-se, também, a presença de uma rotulação, pois a construção vocabular do autor deixa claro, mais uma vez, que *pré-sal* é igual a *partilha*, ou seja, nesse contexto específico, os dois termos se equivalem.

[...] explica a diferença: partilha [...]: No exemplo destacado, percebe-se, novamente, o emprego de uma catáfora para conduzir a referência, pois o autor, com a expressão *explica a diferença*, prepara o leitor para a informação principal.

Partilha é uma privatização que não saiu do armário'. Enrustida: nesse excerto, nota-se, primeiramente, a presença de uma rotulação, pois a construção vocabular do autor deixa claro que *pré-sal* é igual à *partilha*, ou seja, nesse contexto específico, os dois termos se equivalem.

Além disso, ao utilizar a expressão *que não saiu do armário*, Simão, mais uma vez, deixa transparecer uma conotação sexual em seu texto, pois essa expressão é muito utilizada na linguagem popular para designar um indivíduo que não assume sua sexualidade, ou melhor, sua homossexualidade. Nesse sentido, outra vez, é exigido do leitor o conhecimento dessa informação. Por isso, evidencia-se o emprego de uma anáfora do tipo conceitualmente fundado.

É mole? É mole, mas sobe!

Os Predestinados! Mais dois para a minha série Os Predestinados!
 Coordenadora da Secretaria Nacional da Juventude: Elisa Guaraná!
 Guaraná? Só se for da juventude de 1950! Rarárá!

[...] *Coordenadora Nacional da Juventude: Elisa Guaraná*: nessa amostragem, observa-se o uso de uma catáfora por meio da expressão *Coordenadora Nacional da Juventude*, que tem como vocábulo subsequente o nome próprio *Elisa Guaraná*. Assim, constata-se a dependência da catáfora em relação ao vocábulo que a especifica, devido ao fato de esse processo referencial manter uma relação não autônoma com o elemento posterior. Nesse âmbito, é fundamental, antes de tudo, a compreensão do termo ao qual se faz referência, para, posteriormente, alcançar o entendimento dos elementos catafóricos.

Só se for da juventude de 1950!: A compreensão do enunciado em questão, mais uma vez, depende de o leitor conhecer o fato de que a juventude de hoje não é mais tão inocente. Assim, o autor, de maneira velada, expõe que, nos dias atuais, os jovens não querem mais saber de guaraná, mas sim de bebidas alcoólicas. Por isso, constata-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E esse convite que recebi de Passo Fundo: "Proctologia: palestras com o dr. Sergio Regadas". E em Passo Fundo? Essa eu passo! Rarárá!

E esse convite que recebi de Passo Fundo: "Proctologia: palestras com o dr. Sergio Regadas: No trecho selecionado, percebe-se a elipse do pronome pessoal *eu*, que se refere ao autor do texto. Como já foi mencionado, esse processo remissivo evita a repetição de um termo, conferindo coesão e coerência ao texto, pois, quando utilizada de forma correta, não causa prejuízo semântico à expressão na qual se localiza.

Além disso, percebe-se que toda a expressão *e esse convite que recebi de Passo fundo* é catafórica, pois primeiro o autor "prepara" o leitor, para só depois expressar qual é a informação principal, nesse caso, o convite para a palestra.

Além dos mecanismos citados, mais uma vez, o autor se vale de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado para conduzir seu texto, pois ao utilizar a palavra *Passo Fundo*, referindo-se a uma cidade do Rio Grande do Sul,

o autor agrega a esse termo uma conotação sexual, com base em um estereótipo preconceituoso de que todo gaúcho é homossexual. A conotação sexual, bem como a referência extratextual, continua a ser construída, pois além da palestra ser realizada em uma cidade gaúcha, o proctologista (médico que faz tratamentos no anus e no intestino) responsável por ela, também, tem um nome, no mínimo, dúbio: *Regadas*, que se refere a “rego” (expressão coloquial que diz respeito a fresta que fica entre as nádegas, iniciando-se no final das costas). Há de se ressaltar que a expressão “rego”, na verdade, é um termo metonímico, pois é uma parte de um todo (o corpo).

Quadro 4

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	08	04	06	0	04	16	01	0	03

Texto 4: Ueba! A Macaca comeu o Bambi!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Predestinada do Mensalão! Sabe como se chama a namorada do Zé Dirceu? Patrícia TRISTÃO! Rarará!

E a grande dúvida do mensalão: estar preso na Papuda e receber visita do Suplicy é bullying? Não! É tortura chinesa. Assédio moral! Rarará! Já imaginou estar preso na Papuda e o carcereiro avisa: "Visita". "Oba!" "É o Suplicy. Pra uma visita RÁPIDA. De nove horas e meia!" Rarará! E um leitor me disse que, tanto o Genoio como o Zé Dirceu, ambos têm problemas de saúde: o Genoio é cardiopata e o Zé Dirceu é psicopata! Rarará!

Gente, esse mensalão só tem desequilibrado: Roberto Jefferson, Zé Dirceu e Joaquim Barbosa! E eu sou a favor da prisão domiciliar pro Genoio, evidente. E eu também quero prisão domiciliar. No domicílio do Maluf, que é rico e ninguém prende! Rarará! E diz que o Zé Dirceu, com aquele sotaque de Mazzaropi com Inezita Barroso, acorda todo dia cantando "A Marvada Cadeia". "É com a marvada cadeia/ é que eu me atrapaio/ de dia eu trabaio/ de noite eu num saio/oi lá!" O melô da Papuda!

E o meu São Paulo? Tomou três da Ponte Preta! Caiu da Ponte! Três a um pra Macaca. Reviravolta no mundo animal: Macaca come Bambi! E os bambis acordaram cantando: "Boi, boi, boi da cara preta/ Não é o Boi Bandido/ É o gol da Ponte Preta". E um corintiano me disse que o São Paulo não pode ter o Boi Bandido, tem que ter o Bambi Malvado! Rarará!

E o site Futirinhas revela um telefonema desesperado do Ceni: "ALÔ POLÍCIA, eu quero fazer uma denúncia muito grave. Meus amigos e eu fomos estuprados por uma macaca dentro de casa, juro". Não precisa jurar, a gente é testemunha! Rarará! Os bambis bambearam!

E o Vasco? O site HumorEsportivo tem uma foto com dois torcedores do Vasco no estádio São Januário: "Koé, você tá batendo a cabeça na grade por quê?". "Pra levar ponto." O Vasco só ganha ponto assim: com os torcedores batendo a cabeça na grade!

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! Placa no bairro da Penha: "Doa-se rotweiller, come de tudo e adora crianças". Rarará. E essa plaquinha embaixo duma flor na

floricultura dum supermercado: "Violenta, unidade R\$ 3,89". Para esposas com TPM: uma dúzia de violentas. Violenta? Põe na tela! Põe na tela! Rarará.
 Nós sofre, mas nós goza!
 Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, servem para facilitar a análise do texto 4.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Predestinada do Mensalão! Sabe como se chama a namorada do Zé Dirceu? Patrícia TRISTÃO! Rarará!

[...] *Predestinada do Mensalão!* [...] *Patrícia TRISTÃO!*: O excerto inicia com a equivalência de sentido entre *Patrícia Tristão* (namorada de Zé Dirceu) e *Predestinada do mensalão*. Essa rotulação prospectiva é construída pelo contexto político nacional, pois sem saber o que constitui o *mensalão* e o que Zé Dirceu representa nesse contexto, não há como entender o sentido do que o autor expressou.

Sabe como se chama a namorada do Zé Dirceu? [...]: nesse excerto, mais uma vez, nota-se que o conhecimento de mundo do leitor é fundamental para a construção do sentido, pois não há uma contextualização de quem seja Zé Dirceu, o autor apresenta a informação. Assim, se o leitor não sabe quem é a pessoa de quem ele trata, não entenderá o sentido exposto, o que evidencia o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E a grande dúvida do mensalão: estar preso na Papuda e receber visita do Suplicy é bullying? Não! É tortura chinesa. Assédio moral! Rarará! Já imaginou estar preso na Papuda e o carcereiro avisa: "Visita". "Oba!" "É o Suplicy. Pra uma visita RÁPIDA. De nove horas e meia!" Rarará! E um leitor me disse que, tanto o Genoino como o Zé Dirceu, ambos têm problemas de saúde: o Genoino é cardiopata e o Zé Dirceu é psicopata! Rarará!

E a grande dúvida do mensalão: estar preso [...]: nessa amostra, evidencia-se o uso, pelo autor, de uma catáfora.

[...] *estar preso na papuda [...]*: ao empregar essa construção, o colunista outorga ao leitor inferir a informação necessária. Nesse caso, o leitor precisa saber que *papuda* refere-se a um complexo penitenciário localizado no Distrito Federal. Por isso, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente

fundado. Também, percebe-se, na construção dessa expressão, a presença de uma metonímia, pois papuda é parte de algo maior, no caso, o complexo penitenciário.

[...] *e receber visita do Suplicy [...]*: Assim como aconteceu com o emprego do referente “Zé Dirceu”, o conhecimento de mundo do leitor, nesse caso, é fundamental para a construção do sentido, pois não há uma contextualização de quem seja *Suplicy*, o autor insere apenas a informação. Assim, se o leitor não sabe quem é a pessoa que ele retrata, não entenderá o sentido expresso de que *Suplicy* é senador da República, filiado ao PT, e tem como uma de suas características a fala pausada. Desse modo, classifica-se essa expressão como uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] *É tortura chinesa. Assédio moral [...]*: nesse excerto, evidencia-se a presença de mais uma rotulação retrospectiva, uma vez que, nesse contexto, toda a expressão *estar preso na papuda e receber visita do Suplicy* equivale à *tortura chinesa*. Além disso, percebe-se que, para o mesmo referente, há outra rotulação, pois *estar preso na papuda e receber visita do Suplicy* equivale, também, a *Assédio moral*. Todas essas recategorizações, na verdade, evidenciam a opinião do colunista a respeito do congressista citado.

[...] *estar preso na papuda: e o carcereiro avisa [...]*: constata-se, nessa amostra, a repetição da expressão *estar preso na papuda*. Mais uma vez, esse recurso é utilizado pelo autor para enfatizar a expressão em destaque.

Além disso, nesse mesmo trecho, evidencia-se a presença de mais uma catáfora, pois o referente *e o carcereiro avisa* aparece somente depois dos dois pontos.

É o Suplicy. Pra uma visita RÁPIDA. De nove horas e meia!: Para construir o sentido desse período, o leitor precisa fazer duas inferências. Primeiro a de que, para *Suplicy*, uma visita de nove horas e meia, possivelmente, poderia ser mesmo uma visita rápida. A segunda inferência (que depende, em termos, da primeira) é a de que *Suplicy* é conhecido por sua fala pausada, por demorar para articular suas ideias, o que justifica o fato de suas visitas serem tão longas. Desse modo, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitual.

E um leitor me disse [...]: nesse exemplo, nota-se o uso do pronome pessoal oblíquo *me*, que retoma o próprio autor do texto.

[...] ambos tem problemas de saúde: o Genuíno é cardiopata e o Zé Dirceu é psicopata: nessa amostra, detecta-se a presença de *ambos*, retomando Zé Dirceu e Genuíno, e de uma catáfora. Há, também, uma retomada por hipônimo do hiperônimo *problemas de saúde*. Os hipônimos seriam cardiopata e psicopata, respectivamente. O interessante é que ao realizar tal expediente, o autor rotula prospectivamente Zé Dirceu e Genoino.

Gente, esse mensalão só tem desequilibrado: Roberto Jefferson, Zé Dirceu e Joaquim Barbosa! E eu sou a favor da prisão domiciliar pro Genoino, evidente. E eu também quero prisão domiciliar. No domicílio do Maluf, que é rico e ninguém prende! Rarará! E diz que o Zé Dirceu, com aquele sotaque de Mazzaropi com Inezita Barroso, acorda todo dia cantando "A Marvada Cadeia". "É com a marvada cadeia/ é que eu me atrapaio/ de dia eu trabaio/ de noite eu num saio/oi lá!" O melô da Papuda!

Gente, esse mensalão só tem desequilibrado: Roberto Jefferson, Zé Dirceu e Joaquim Barbosa!: nesse trecho, percebe-se a utilização de uma catáfora, pois o termo que contém a informação principal do período está depois do termo que o referencia, ou seja o termo que contém a informação principal é *Roberto Jefferson, Zé Dirceu e Joaquim Barbosa*.

Além disso, verifica-se uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois é necessário que o leitor saiba que Roberto Jefferson, Zé Dirceu e Joaquim Barbosa estão envolvidos no mensalão, os dois primeiros como réus e o terceiro como juiz. Além disso, o leitor precisa ser capaz de inferir que, para o colunista, os três estão no mesmo grupo, ou seja, tanto réu quanto juiz contribuem para o fracasso da política no Brasil.

E eu sou a favor [...]: nesse caso, evidencia-se mais uma vez o uso do pronome pessoal *eu* para retomar o autor do texto.

E eu também quero prisão domiciliar [...]: Nota-se, nesse exemplo, a repetição do pronome pessoal *eu*. Esse uso reitera a personalidade do texto. Além disso, o autor repete a palavra *prisão domiciliar*.

Ademais, ainda nesse período, percebe-se, mais uma vez, uma anáfora extratextual do tipo inferencial, pois o leitor precisa ser capaz de inferir que, para Simão, na verdade, estar preso em casa é um prêmio, diante das atitudes cometidas pelos políticos citados.

No domicílio do Maluf, que é rico e ninguém prende [...]: Verifica-se a presença de outra anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ter o conhecimento de que Paulo Maluf já foi acusado de muitos crimes políticos e nunca, efetivamente, foi punido por eles. Além disso, o leitor precisa saber que, mesmo com todas essas acusações, Maluf está cada vez mais rico.

E diz que o Zé Dirceu [...]: nesse excerto, a indeterminação do sujeito falante faz com que aconteça uma referência genérica, fala social. Assim, importância recai sobre o fato e não sobre o sujeito que o expõe, ou seja, não há uma atribuição de discurso a alguém específico.

[...] Zé Dirceu com aquele sotaque de Mazzaropi com Inezita Barroso [...]: Para compreender o excerto selecionado, mais uma vez, exige-se que o leitor tenha conhecimento de mundo, pois precisa saber quem foi Mazzaropi e Inezita Barroso. Mais do que isso: o leitor precisa conhecer as músicas dessa cantora e saber que ela tem uma voz característica, assim como a de Mazzaropi. Assim, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] Acorda todo dia cantando 'A marvada Cadeira [...]: nesse exemplo, o autor se refere a uma das músicas mais conhecidas de Inezita “Marvada Pinga”. Portanto, mais uma vez, o conhecimento extralinguístico do leitor é fundamental para a construção do sentido. Classifica-se, desse modo, o período como uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

O mêlo da papuda [...]: nesse excerto, o autor rotula retrospectivamente a situação ocorrida, por meio de melodia (*melô*, na verdade, é uma redução vocabular).

E o meu São Paulo? Tomou três da Ponte Preta! Caiu da Ponte! Três a um pra Macaca. Reviravolta no mundo animal: Macaca come Bambi! E os bambis acordaram cantando: "Boi, boi, boi, boi da cara preta/ Não é o Boi Bandido/ É o gol da Ponte Preta". E um corintiano me disse que o São Paulo não pode ter o Boi Bandido, tem que ter o Bambi Malvado! Rarará!

Tomou três da Ponte Preta! Caiu da Ponte!: nesse período, nota-se a elipse de *São Paulo*, expressa na indagação anterior. Há a ideia do emprego de “tomar” na acepção de “levar o gol”.

Três a um pra Macaca [...]: nesse exemplo, percebe-se uma anáfora do tipo conceitualmente fundado, pois, mais uma vez, sem saber que macaca é o nome popular da Ponte Preta, o leitor não compreende a informação.

Reviravolta no mundo animal: Macaca come Bambi!: nesse excerto, o autor faz uma pilhéria com os rótulos culturais (rotulação prospectiva), pois ambos os times são apelidados com nomes de animais. Assim, o leitor aciona em sua memória cultural os conhecimentos que tem sobre esses dois times. Como já exposto, *macaca* é o nome popular de Ponte Preta, time do interior paulista. Em relação a *Bambi*, o leitor precisa saber que há, por parte dos times rivais, uma satirização do São Paulo Futebol Clube. Esse apelido surgiu na década de 90, com o jogador Vampeta, que atuava no Corinthians. Na época, por ser considerado time de elite, atribuía-se aos torcedores masculinos do clube paulistano o rótulo de “veado” no sentido chulo – pederasta passivo – semelhante ao filhote de gazela ou corça. O próprio verbo remete sentido de ato sexual, cópula. Nesse sentido, há, nessa expressão uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Não é o Boi Bandido: nesse fragmento, mais uma vez, verifica-se a presença de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois ao expor o referente *boi bandido*, o autor faz uma relação com uma novela intitulada *América*, de autoria de Glória Perez, exibida na Rede Globo em 2005.

[...] disse que o São Paulo não pode ter o Boi Bandido: nesse excerto, verifica-se a repetição dos termos *São Paulo* e *Boi Bandido*.

E o site Futirinhas revela um telefonema desesperado do Ceni: "ALÔ POLÍCIA, eu quero fazer uma denúncia muito grave. Meus amigos e eu fomos estuprados por uma macaca dentro de casa, juro". Não precisa jurar, a gente é testemunha! Rarará! Os bambis bambearam!

[...] *um telefonema desesperado do Ceni: ALÔ POLÍCIA, eu quero fazer uma denúncia muito grave*: Verifica-se, nesse período, a presença de uma catáfora e de um pronome pessoal do caso reto (*eu*). Nesse exemplo, o *eu* retoma Rogério Ceni, goleiro do São Paulo Futebol Clube.

Meus amigos e eu fomos estuprados por uma macaca dentro de casa [...]: nesse excerto, evidencia-se uma recategorização para perda de futebol (*tomou três da Ponte preta*), pois *ser estuprado dentro de casa*, na verdade significa dizer que o time perdeu no próprio campo de futebol, portanto, classifica-se esse período como um rótulo retrospectivo. Além disso, percebe-se que o leitor precisa conhecer que “Dentro de casa” é uma expressão utilizada no jargão futebolístico para mostrar que determinado time perdeu no próprio campo. Por isso, evidencia-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] *a gente é testemunha [...]*: nesse exemplo, constatou-se um uso muito comum. Atualmente, a construção *a gente* tem função de pronome pessoal de primeira pessoa do plural, substitui o pronome *nós*, mais formal. *A gente* evidencia uma construção que se coaduna com o estilo mais “despojado” do colunista.

Os bambis bambearam!: Constata-se nessa amostra a repetição de *bambi*. A referência a *bambi* (já analisada acima) provoca uma aliteração com o verbo eleito (*bambear*), cujo efeito serviria como uma espécie de mote/glosa, com intuito de criticar a atuação do time.

E o Vasco? O site HumorEsportivo tem uma foto com dois torcedores do Vasco no estádio São Januário: "Koé, você tá batendo a cabeça na grade por quê?". "Pra levar ponto." O Vasco só ganha ponto assim: com os torcedores batendo a cabeça na grade!

[...] *com dois torcedores do Vasco no estádio São Januário: 'Koé [...]*: Evidencia-se, no período selecionado, a repetição da palavra Vasco. Além disso, constata-se a presença de mais uma catáfora.

Pra levar ponto: constata-se, com essa expressão, mais uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor deve estabelecer uma relação entre ponto (bocado de adesivo que se aplica sobre uma ferida para estancar o sangue) e ponto, unidade de contagem de uma competição ou jogo. Assim, ele entenderá a ironia do autor, que debocha do time, expondo que o único ponto que ele consegue é o de curativo.

O Vasco só ganha ponto assim: com os torcedores [...] mais uma vez, mediante uma catáfora, o conceito estabelecido no período anterior confirma-se nesse trecho.

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! Placa no bairro da Penha: "Doa-se rotweiller, come de tudo e adora crianças". Rarará. E essa plaquinha embaixo duma flor na floricultura dum supermercado: "Violenta, unidade R\$ 3,89". Para esposas com TPM: uma dúzia de violentas. Violenta? Põe na tela! Põe na tela! Rarará.

Placa no bairro da Penha: Doa-se rotweiller [...]: nesse trecho, verifica-se o recurso de catáfora, pois, mais uma vez, o referente principal aparece depois do termo que o "retoma". Também, *Doa-se rotweiller* é o conteúdo da placa do bairro da Penha, portanto, há uma relação metonímica.

[...] come de tudo e adora crianças: nessa amostra, há a elipse do termo *rotweiller/ele*. É interessante notar que a construção do autor criou uma ambiguidade, que está no texto de maneira intencional. Ou seja, pode-se interpretar que o cão é amigável porque adora criança ou fazer recair a intenção sobre "comer de tudo", inclusive crianças, porque as adora.

O autor, também, remete, juntamente com o "doar", a ideia dessa transmissão gratuita de um bem, com vistas a focalizar o desinteresse por parte de quem executa tal ato (interpretação um) ou, justamente, o oposto, com o objetivo de marcar esse interesse: desfazer-se do animal porque ele devora tudo, *inclusive crianças* (interpretação dois). Esse "jogo" de intenções é a estratégia de Simão para deixar a interpretação ao leitor da coluna. Assim, o leitor deve preencher esse espaço de

referências como quiser. Por isso, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta inferencial. Cabe ressaltar que a diferença entre as AIs obedece a uma gradiência nem sempre tão evidente. No entanto, as anáforas inferenciais estão mais calcadas no texto do que as conceituais. A inferência, nas anáforas do tipo inferencial é baseada na certeza de que o outro vai compreender.

E essa plaquinha embaixo duma flor na floricultura dum supermercado: Violenta [...]. O autor, para a construção desse período, utilizou uma catáfora.

Para esposas com TPM: uma dúzia de violentas: nesse excerto, constata-se o novo emprego de uma catáfora, pois, novamente, o referente principal aparece depois do termo que o “retoma”.

Também, evidencia-se a presença de mais uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor deve estabelecer uma relação fônica entre *violeta* (flor) e *violenta* (novamente o recurso de aliteração). Nesse caso, refere-se às possíveis causas de como algumas mulheres se encontram no período pré-menstrual.

Põe na tela!: nesse excerto, para entender a sátira realizada por Simão, o leitor precisa conhecer um programa de TV sensacionalista ao qual ele se refere e o discurso/fala de alguns apresentadores de tais transmissões. De certo modo, ele generaliza, criticando todos os programas que focalizam a violência.

Além disso, percebe-se um processo metonímico, pois *Tela* na verdade, é um dos componentes de televisão.

Quadro 5

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	09	06	02	0	02	19	07	01	05

Texto 5: **Síria! Assad sofre de gases!**

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Manchete do UOL: "Oposição

síria denuncia novo ataque com "gás estranho". "Não fui eu", diz Assad! Foi sim.

E no elevador! Vamos ver se o Assad tá com a mão amarela. A ONU vai inspecionar a mão do Assad: se estiver amarela, É GUERRA NA CERTA! Aliás, o Assad é amarelo!

E eu gosto muito desse "não fui eu". Político adora: "Roubei, mas não fui eu". "Joguei, mas não fui eu." "Peidei, mas não fui eu." Rarará! Esse "não fui eu" é uma confissão de culpa!

E o Sete de Setembro! Um amigo me disse logo cedo: "Vou tomar uma cerveja com a família, antes que os manifestantes quebrem o bar". E quebraram! Rarará!

Dom Pedro 1º era black bloc! O chargista Duke revela que dom Pedro 1º levantou a espada e gritou: "VEM PRA RUA!". Rarará. O barbudinho era manifestante!

E a manchete do Sensacionalista: "Líder dos black blocs é empresário do setor de vidraçaria". Rarará!

E o meu São Paulo? O Inhaca Futebol Clube? O que que a gente faz agora, hein? Baixa o ingresso pra R\$ 1 ou já contrata o motorista do Palmeiras? Aquele que sabe de cor o caminho para todos os estádios da Segundona!

Próximo ingresso pro jogo do São Paulo: um quilo de sal grosso! Rarará!

E existe agora o Movimento Fica Ceni. Liderado por corintianos, santistas, palmeirenses, flamenguistas e pelos atacantes do Ibis Futebol Clube! Rarará!

E o site HumorEsportivo mostra as velhinhas no asilo esperando pelo Ceni: "Seja bem-vindo, Ceni! Mas não pode bater pênalti na nossa pelada de domingo". Rarará. Que fase!

O Ceni tem orgulho de ser humilde! Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é lúdico! Promoção no supermercado Continente, em Portugal: "Desconto de 25% em todas as aves frescas. Exceto o coelho". Coelho voa? Em Portugal, coelho voa! Rarará!

E corre na web uma montagem do internauta Robson Chagas com um búfalo correndo atrás do leão: "Pergunta de novo se é friboi, seu fdp". Rarará!

Eu tenho uma confissão: eu sou friboi. Rarará.

Nóis sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, servirão para facilitar a análise do texto 5.

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Direto do País da Piada Pronta! Manchete do UOL: "Oposição síria denuncia novo ataque com "gás estranho". "Não fui eu", diz Assad! Foi sim.

Direto do País da Piada Pronta!: Direto do país da piada pronta é uma referência exofórica, pois trabalha com a cognição, isto é, para entender o que o autor quis dizer, é preciso saber que, no Brasil, acontecem coisas tão absurdas que poderiam ser consideradas chacotas. Nota-se, também, que nesse caso não há uma retomada de elementos, mas sim a inserção de um novo termo que se relaciona com o cotexto. Por isso, classifica-se essa expressão como uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Manchete do UOL: "Oposição síria [...]": Nota-se, nesse exemplo que o autor fez uso de uma catáfora. Nesse sentido, a expressão utilizada designa uma unidade verbal que se refere, de modo antecipado, a outra unidade que aparecerá apenas na porção posterior do texto. Assim, o termo que aparece primeiro na porção textual (no caso *Manchete do UOL*) é um vocábulo não autônomo. Isso quer dizer que a confirmação de seu sentido só se efetiva a partir da interpretação do termo que está subsequente.

gás estranho: essa expressão constitui uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, uma vez que, para compreender o enunciado, o leitor precisa retomar a notícia veiculada na mídia, na época da publicação do texto, acerca da suposta conduta terrorista do presidente da Síria Bashar al-Assad contra a cidade de Damasco. Na verdade, gás estranho diz respeito ao gás sarin, utilizado como arma química, durante o atentado.

"Não fui eu" diz Assad!: É comum, nos textos de Simão, o uso do pronome de primeira pessoa do singular para se autorreferenciar. No entanto, no emprego em questão, a primeira pessoa refere-se a Assad, ou seja, o período é uma citação de uma suposta fala do político sírio.

No mesmo excerto, constata-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso se deve ao fato de que, para entender a zombaria feita pelo autor, o leitor precisa saber que Assad é o presidente da Síria (país que vivia uma guerra civil) e o principal acusado do ataque terrorista à cidade de Damasco.

E no elevador! Vamos ver se o Assad tá com a mão amarela. A ONU vai inspecionar a mão do Assad: se estiver amarela, É GUERRA NA CERTA! Aliás, o Assad é amarelo!

Vamos: nesse exemplo, nota-se o uso de uma elipse, pois omite-se o pronome "nós". Essa omissão não prejudica o sentido do enunciado, uma vez que a própria terminação do verbo já indica a pessoa gramatical. Desse modo, como já exposto, entende-se que a elipse é um recurso que consiste na omissão de uma

palavra que já foi utilizada no texto, por isso, essa omissão não prejudica o significado almejado, visto que ele é entendido pelo contexto.

Assad: o autor faz uma repetição do termo. Como na maioria dos casos em que o autor faz uso da repetição, nota-se que esse emprego não prejudica a coerência do texto, ao contrário disso, na verdade, essa repetição faz que o leitor não se “perca” na leitura e, de certo modo, ressalta as atitudes de Assad.

[...] *tá com a mão amarela*: nesse período, é possível verificar o uso de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado. Essa anáfora decorre do fato de que o sentido dessa expressão faz referência a uma brincadeira em torno de um dito popular, o qual expõe que, quando alguém solta “gases”, está com a mão amarela. Recurso que auxilia a construção dessa estratégia referencial é a ambiguidade, pois essa brincadeira só se efetiva devido ao duplo sentido presente na palavra “gases” (pode referir-se tanto a um estado da matéria quanto à flatulência).

Assad: se estiver amarela [...]: Evidencia-se, mais uma vez, a repetição do substantivo *Assad*. Além disso, nesse mesmo excerto, constata-se a presença de uma catáfora, uma vez que a informação principal do enunciado aparece depois dos dois pontos.

o Assad é amarelo!: nesse excerto, constata-se, mais uma vez, a repetição do substantivo próprio *Assad*. Além disso, verifica-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, construída como o auxílio de uma ambiguidade, pois, ao dizer que o presidente sírio é amarelo, exige-se do leitor certo conhecimento acerca da expressão popular “sorriso amarelo”, que na cultura ocidental aciona a ideia de falsidade. Também, exige-se do leitor a capacidade de saber que o gás Sarin é amarelo, por isso, pode ter deixado “marcas” no referido presidente.

E eu gosto muito desse "não fui eu". Político adora: "Roubei, mas não fui eu". "Joguei, mas não fui eu." "Peidei, mas não fui eu." Rarará! Esse "não fui eu" é uma confissão de culpa!

E o Sete de Setembro! Um amigo me disse logo cedo: "Vou tomar uma cerveja com a família, antes que os manifestantes quebrem o bar". E quebraram! Rarará!

E eu: o uso desse pronome pessoal é utilizado para o autor se autorreferenciar. Na verdade, esse emprego denota que o que vem a seguir vai apresentar, de forma mais explícita, a opinião do autor.

"*não fui eu*". [...] "*Roubei, mas não fui eu*". "*Joguei, mas não fui eu*." "*Peidei, mas não fui eu*" [...]. Esse "*não fui eu*" é uma *confissão de culpa!*: Nesse exemplo, evidencia-se a repetição do pronome pessoal *eu*. É interessante notar que essa repetição, na verdade, reitera as ações dos políticos. Assim, constata-se, com esse emprego, a retomada de um discurso do senso comum (fato constante nos textos de Simão). Essa repetição é proposital e cria, por meio da conjunção *mas*, um quadro que atribui a culpa ou a inocência a determinado indivíduo.

E o Sete de Setembro!: Para o leitor compreender o que Simão afirma, é preciso estabelecer uma relação entre *sete de setembro*, data que marca a independência do Brasil, e *manifestação*. Por esse motivo, trata-se de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Vou tomar: nota-se a elipse do pronome pessoal *eu*. A omissão desse termo não prejudica o sentido, porque, mais uma vez, a terminação do verbo deixa claro a qual pessoa gramatical se refere.

[...] *antes que os manifestantes quebrem o bar:* nesse excerto, a estratégia referencial utilizada é a anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor necessita ter conhecimento de que, durante as manifestações ocorridas no período em que o texto foi escrito, vários participantes assumiram uma postura agressiva e de vandalismo, sendo chamados de *black blocs*.

Dom Pedro 1º era black bloc! O chargista Duke revela que dom Pedro 1º levantou a espada e gritou: "VEM PRA RUA!". Rarará. O barbudinho era manifestante!

Dom Pedro 1º era black bloc!: nesse período, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois, para entender a relação entre Pedro I e *black bloc*, estabelecida por Simão, é preciso saber que esse rei proclamou a Independência do Brasil à revelia da Corte Portuguesa, ou seja, assim como os *black blocs*, ele se revoltou contra o governo vigente na época.

[...] *Dom Pedro 1º [...]*: O nome em questão evidencia uma repetição, porque já foi utilizado anteriormente.

[...] *gritou: "VEM PRA RUA!"*: Simão, nesse período, constrói uma referência extratextual por meio de uma paródia. Ou seja, para entender esse “grito de guerra”, o leitor deve saber que esse grito ficou amplamente conhecido como uma marca das manifestações promovidas pelos questionadores do governo. Nesse sentido, ele aproxima os dois gritos (o da independência e o grito dos manifestantes) para parodiar o primeiro fato histórico. Há, portanto, o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

O barbudinho: esse termo é utilizado para se referir a Dom Pedro. Dessa forma, *barbudinho* rotula o nome citado, por meio de um traço físico característico dele. Essa retomada dá-se por meio de um rótulo retrospectivo. A utilização desse traço físico para designar Dom Pedro evidencia também a presença da metonímia.

E a manchete do Sensacionalista: "Líder dos black blocs é empresário do setor de vidraçaria". Rarárá!

E a manchete do Sensacionalista: "Líder [...]": Percebe-se que o autor, mais uma vez, faz uso da catáfora, para expressar suas ideias. Assim, essa catáfora apresenta as mesmas relações coesivas entre seus vocábulos, todavia, como já exposto, a expressão catafórica se apresenta antes de seu referente, o que configura, justamente, o contrário do que acontece nas anáforas.

Líder dos black blocs é empresário do setor de vidraçaria: Para entender essa afirmação, é imprescindível que o leitor seja capaz de inferir que os *black blocs*

¹²ficaram conhecidos pela destruição de patrimônios públicos, por isso, o processo referencial empregado é anáfora extratextual do tipo inferencial. Assim, pode-se estabelecer a relação entre quebrar vidros e ser um *empresário do setor de vidraçaria*, ou seja, quanto mais vidros os manifestantes quebrarem, mais dinheiro esses empresários ganharão.

E o meu São Paulo? O Inhaca Futebol Clube? O que que a gente faz agora, hein? Baixa o ingresso pra R\$ 1 ou já contrata o motorista do Palmeiras? Aquele que sabe de cor o caminho para todos os estádios da Segundona!

O Inhaca Futebol Clube: nesse exemplo, constata-se a recategorização de São Paulo Futebol Clube. Portanto, classifica-se essa expressão como rotulação retrospectiva. Essa recategorização é responsável por atribuir um sentido pejorativo ao clube, uma vez que *inhaca* é, popularmente, conhecida como uma palavra depreciativa.

[...] *a gente:* observa-se o uso do pronome *a gente* refere-se à primeira pessoa do plural, em substituição a *nós*. Esse emprego, embora questionado por muitos gramáticos, é frequente na comunicação cotidiana. É interessante constatar o fato de que, ao utilizar *a gente*, Simão se inclui como torcedor desse time.

Baixa o ingresso para RS1 ou já contrata o motorista do palmeiras: Nota-se, nesse excerto, a omissão de *a gente*, o que configura esse exemplo como uma elipse. Esse pronome está elíptico em dois excertos *a gente baixa* e *a gente já*. Também, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois, ao sugerir baixar o valor do ingresso, Zé Simão enuncia uma resposta à crise, supondo que o ingresso mais barato (absurdo para os padrões de entrada de um time considerado de elite, como é o São Paulo Futebol Clube) poderia levar mais pessoas ao estádio e maior participação para incentivar o time.

¹² A expressão Black Bloc (bloco negro) foi usada, inicialmente, na Alemanha, para acusar um grupo violento de manifestantes de se associar a um movimento terrorista. Na época, os adeptos desse movimento aderiram aos protestos contra a energia nuclear e a construção de mais uma pista de decolagem no aeroporto de Frankfurt. No Brasil, os Black Blocs formam um grupo de protestos que, no decorrer do ano de 2013, foram responsáveis por inúmeras manifestações. Esse grupo tem como ideologia questionar a ordem vigente, ou seja, opõe-se ao capitalismo e ao governo atual. O principal objetivo dos Black Blocs é causar danos materiais. Os alvos frequentes dos manifestantes, geralmente, são bancos, empresas e sedes de instituições públicas.

Além disso, o autor faz referência ao motorista do Palmeiras, por meio da estratégia de metonímia (autor – atividade) para referir-se ao time, que é um dos maiores rivais do São Paulo e que estava por muito tempo no campeonato da série B. Há, dessa forma, uma crítica ao desempenho do time.

Aquele que sabe de cor o caminho para todos os estádios da Segundona!: É interessante observar que, nessa passagem do texto, toda a expressão recategoriza o que, para o autor, é o time do Palmeiras. Isso significa dizer que há uma equivalência de sentido entre esses dois termos, portanto uma rotulação retrospectiva.

Próximo ingresso pro jogo do São Paulo: um quilo de sal grosso! Rarará!

[...] *Ingresso pro jogo do São Paulo: um quilo de sal grosso!*: O período selecionado apresenta uma catáfora. Além disso, constata-se a presença de uma rotulação, uma vez que há uma recategorização do que seria o ingresso para esse jogo, ou seja, no período analisado, ingresso para o jogo do São Paulo equivale a *um quilo de sal grosso*.

Ademais, o termo *sal grosso* representa, para a cultura popular, a superstição de que espanta mau olhado. Dessa forma, é uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois exige esse conhecimento por parte do leitor.

E existe agora o Movimento Fica Ceni. Liderado por corintianos, santistas, palmeirenses, flamenguistas e pelos atacantes do Ibis Futebol Clube! Rarará!

E existe agora o Movimento Fica Ceni: nessa expressão, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois, para entender a chacota feita pelo autor, é preciso saber que existem diversos movimentos do tipo “fica fulano”, para ressaltar o desejo de que alguém permaneça no lugar em que se encontra.

É importante ressaltar que essa expressão, na verdade, teve início com o “Dia do Fico”, no qual a população brasileira pediu para que Dom Pedro I ficasse no Brasil.

Liderado por corintianos[...]: nesse trecho, nota-se a elipse do termo *movimento*. Essa omissão não prejudicou o sentido pretendido pelo autor, pois o leitor consegue, facilmente, fazer a associação entre esses termos.

[...] pelos atacantes do Ibis Futebol Clube: O Ibis já foi considerado um dos piores times do mundo. Dessa forma, para entender a associação feita pelo autor, o leitor, necessita acionar sua memória de longo prazo acerca do assunto em questão. Também, o leitor precisa ser capaz de inferir que, para Simão, o goleiro Rogério Ceni está atuando tão mal que os outros times não querem que ele se aposente, pois isso facilitaria a pontuação desses times. Dessa forma, o processo referencial empregado é a anáfora indireta do tipo conceitual.

E o site HumorEsportivo mostra as velhinhas no asilo esperando pelo Ceni: "Seja bem-vindo, Ceni! Mas não pode bater pênalti na nossa pelada de domingo". Rarárá. Que fase!

[...] as velhinhas no asilo esperando pelo Ceni: "Seja bem-vindo, Ceni!": esse excerto apresenta uma catáfora. Ademais, constata-se que o autor trabalha com o conhecimento de mundo do leitor, pois sem saber que Ceni joga há muitos anos no São Paulo, esse leitor não conseguirá compreender a informação veiculada. Dessa forma, ao dizer que as idosas do asilo estão esperando Ceni, conclui-se que este também já é um idoso para os padrões do futebol. Portanto, há nesse período uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Mas não pode bater pênalti: esse trecho apresenta uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois é preciso saber que Rogério Ceni estava errando muitos pênaltis no período em que o texto foi escrito. Ou seja, é preciso conhecer o contexto em que os fatos se deram.

Que fase!: Para entender esse período, o leitor precisa conseguir relacioná-lo com as informações veiculadas anteriormente. Isto é, a má fase relaciona-se com o fato de Rogério Ceni não acertar mais os pênaltis que batia. Desse modo constata-se a utilização de uma anáfora indireta inferencial.

O Ceni tem orgulho de ser humilde! Rarárá!

O *Ceni*: constata-se, mais uma vez, a repetição do sobrenome *Ceni*.

[...] *tem orgulho de ser humilde*: Para fins de interpretação, é importante constatar que, nesse período, há uma antítese (cujo objetivo é a chacota e a ironia), ocasionada pela oposição semântica entre os termos *orgulho* e *humilde*.

O Brasil é lúdico! Promoção no supermercado Continente, em Portugal: "Desconto de 25% em todas as aves frescas. Exceto o coelho". Coelho voa? Em Portugal, coelho voa! Rarará!

[...] *em Portugal: Desconto de 25% em todas as aves frescas*: O excerto selecionado apresenta uma catáfora.

[...] *Coelho*: constata-se, com essa palavra, uma repetição, uma vez que ela já foi expressa anteriormente.

E corre na web uma montagem do internauta Robson Chagas com um búfalo correndo atrás do leão: "Pergunta de novo se é friboi, seu fdp". Rarará!
Eu tenho uma confissão: eu sou friboi. Rarará.
Nóis sofre, mas nóis goza!

[...] *um búfalo correndo atrás do leão: "Pergunta de novo se é Friboi, seu fdp"*: No trecho selecionado, primeiramente, verifica-se o emprego de uma catáfora. Também, constata-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado como estratégia referencial. Isso se deve ao fato de que o leitor precisa saber que foi publicada uma propaganda da referida marca e essa propaganda acabou viralizando na internet. Dessa forma, se o leitor não conhecer as diversas piadas que surgiram a respeito da propaganda dessa empresa não fará as associações necessárias.

Além disso, essa construção é feita com base em um processo metonímico, pois o autor utiliza a marca (Friboi) para referir-se ao produto (carne).

Eu tenho uma confissão: eu sou Friboi: Esse exemplo trabalha com a capacidade de inferência do leitor, pois, por meio do termo *Friboi*, Simão faz uma

brincadeira sonora que remete a *Free boy*, ou seja, apresenta uma referência homossexual. Isso explica a piada anterior *Pergunta de novo se é Friboi*.

Quadro 6

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	06	04	04	0	03	18	07	0	03

Texto 6: **Ueba! Biografia da Lassie pode?**

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Polêmica! Vou lançar a biografia não autorizada do Maluf: "Minha Vida é uma Esfirra Aberta". Vai ser um romance policial. Rarárá! Mas como disse um cara no Twitter: "Biografa, mas não mata". Subtítulos sugeridos: "Não tenho conta no exterior" ou "Minha vida foi uma roubada". Rarárá!

O Maluf escreveu mesmo uma biografia chamada "Ele". E os advogados de defesa sugeriram mudar o nome pra "Não Foi Ele!". Rarárá! E vou lançar a biografia autorizada do Sarney: "Moribundo de Fogo!". Rarárá! E vou vender pro cinema: "Duro de Matar 5".

Aliás, aquele livro do Sarney "Dono do Mar" devia se chamar "Dono do Mar...anhão". Rarárá! E eu vou escrever a biografia do Bial chamada: "OI, BIAL". Porque brasileiro já nasce falando "Oi, Bial". O Bial inventou um novo tipo de biografia: a BIALGRAFIA do doutor Marinho!

E vou lançar a biografia do Edir Macedo intitulada: "EDÍRZIMO". Edírzimo Macedo! E vou lançar a biografia do Kid Bengala: "O Gigante Acordou". E entrar pra ABL com o apoio da Ana Maria Braga e Louro José! E eu já disse que duas coisas nunca deram certo: humor a favor e biografia autorizada.

E a manchete do Piauí Herald: "PM carioca reprime biógrafos com truculência". Daqui a pouco, vai ter manifestação de biógrafos! Na Cinelândia! Black biógrafos! Rarárá! E acaba de sair uma nova versão do hit do Roberto Carlos: "O cara que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ esse cara sou eu". Rarárá!

E eu não gosto de biografia chapa-branca. Gosto de biografia chapa quente: com sexo, sangue e Doritos com Coca-Cola. daquelas bem podres! E a Saraiva botou a biografia de Freud na seção de autoajuda! Rarárá! É mole? É mole, mas sobe!

E eu não gosto de polêmica. Quem gosta de polêmica é o Nelson Rubens! Polêmica virou pauta do "TV Fama"! Já reparou nas manchetes do "TV Fama"? Todas começam com "POLÊMICA". Tipo: "Polêmica! Cantor sertanejo do 'Camaro Amarelo' diz que Miss Bumbum tem celulite". "Polêmica: Doutor Hollywood quer passar dois anos trabalhando no SUS de Rodeo Drive". Rarárá!

E biografia da Lassie pode? Pode! Contanto que não chame ela de cachorra! Rarárá! Nós sofre, mas nós goza! Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, servirão para facilitar a análise do texto 6.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Polêmica! Vou lançar a biografia não autorizada do Maluf: "Minha Vida é uma Esfirra Aberta". Vai ser um romance policial. Rarárá!

Mas como disse um cara no Twitter: "Biografa, mas não mata". Subtítulos sugeridos: "Não tenho conta no exterior" ou "Minha vida foi uma roubada". Rarará!

Vou lançar: nesse exemplo, constata-se uma elipse. O termo que está elíptico é o pronome pessoal *eu*.

[...] *Maluf: "Minha Vida [...]*: Nesse excerto, percebe-se uma rotulação retrospectiva e uma catáfora. Constata-se que Simão estabelece uma recategorização da expressão *Biografia não autorizada do Maluf*. Para o autor, há equivalência entre a expressão mencionada e *Minha vida é uma esfirra Aberta*. Ou seja, *Biografia não autorizada do Maluf* é igual a *Minha vida é uma esfirra Aberta*. É interessante ressaltar o fato de que esse rótulo auxilia na construção da argumentação do texto, pois conforme Conte (2003, p. 186) "ele funciona simultaneamente como um recurso coesivo e como um princípio organizador, e pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor". Em outras palavras, essa recategorização expressa um juízo de valor, isto é, demonstra, mesmo que de forma velada, a opinião do autor, conduzindo a leitura para um posicionamento semelhante ao de Simão.

Observe que ele introduz o assunto evocando as manchetes sensacionalistas de jornais apelativos, ao empregar as palavras *polêmica, Buemba, Buemba*. Assim, lança um cenário ao qual o leitor deve recorrer: saber que Maluf tem descendência árabe-libanesa, que esfirra é um prato árabe. Há uma evocação da expressão metafórica *minha vida é um livro aberto*, referindo-se a uma vida sem segredos, honesta, de conduta moral ilibada. O autor parodia a expressão ao escrever *Minha vida é uma esfirra aberta*. Aproxima tal paródia ao fato de muitas celebridades não autorizarem a publicação de suas biografias. Escolhe o político paulistano Maluf devido a constantes notícias envolvendo a figura do ex-prefeito paulistano a escândalos financeiros. A partir dessas considerações, constata-se, também, a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Vai ser um romance policial: nessa passagem do texto, constata-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Esse emprego deve-se ao fato de que, para entender a afirmação do autor, o leitor precisa acionar

seu conhecimento de mundo e ser capaz de inferir que o político a que Simão se refere é conhecido por se envolver em inúmeros casos de corrupção e em outros crimes.

[...] *Twitter: "Biografia, mas não mata"*: nesse excerto, constata-se o uso de uma catáfora, uma vez que, primeiramente, o autor "prepara" o leitor e somente no excerto seguinte expõe a informação principal.

Além disso, observa-se o emprego da anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois para conseguir interpretar (ou mesmo entender) a frase do autor, o leitor precisa ser capaz de inferir que muitas biografias acabam expondo segredos obscuros da pessoa na qual a biografia é inspirada. Desse modo, por meio de uma linguagem figurada, Simão expõe que muitas biografias prejudicam a imagem pública de quem elas se referem. Novamente, nesse trecho, há a evocação de uma paródia que retoma frases feitas como as evocadas popularmente –“rouba, mas faz”; “usa, mas não abusa”; “roube, mas não mate”, etc.

Subtítulos sugeridos: "Não tenho conta no exterior": No período em questão, evidencia-se a utilização de uma catáfora, visto que a expressão que aparece primeiro (catafórica) se refere ao enunciado que se apresentará adiante.

Ainda nesse período, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor somente conseguirá assimilar a informação (no caso a sugestão desse subtítulo) se fazer parte de seu conhecimento de mundo o fato de que Paulo Maluf foi acusado pela Justiça brasileira de possuir uma movimentação de milhões de dólares em contas no exterior.

Minha vida foi uma roubada: nessa passagem do texto, o autor trabalha, propositalmente, com um referente ambíguo. É justamente esse referente que gera riso no leitor, mas, para que esse leitor entenda o chiste feito pelo colunista, necessita de um conhecimento extratextual do tipo conceitualmente fundado, ou seja, precisa conhecer o contexto político ao qual Paulo Maluf está associado. Em outras palavras, o leitor precisa saber que o nome de Maluf está, frequentemente, associado à corrupção política.

O Maluf escreveu mesmo uma biografia chamada "Ele". E os advogados de defesa sugeriram mudar o nome pra "Não Foi Ele!". Rarárá! E vou lançar a biografia autorizada do Sarney: "Moribundo de Fogo!". Rarárá! E vou vender pro cinema: "Duro de Matar 5".

O Maluf: O referente em questão se apresenta no texto como uma repetição, porque já foi mencionado em uma porção precedente.

Não Foi Ele!: esse excerto apresenta uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Justifica-se esse emprego pelo fato de que a compreensão da frase só é atingida se o leitor acionar seu conhecimento de mundo e for capaz de inferir que essa expressão se refere ao fato de que em todas as acusações direcionadas a Paulo Maluf, este político negava envolvimento com corrupção, tanto é que ficou conhecido por expressar sempre a frase *não fui eu*.

Sarney: "Moribundo de Fogo!": nesse excerto, evidencia-se a utilização de uma catáfora, pois o referente que aparece no início da expressão (*Sarney*), na verdade, prepara o leitor (ao mesmo tempo em que chama sua atenção), para a informação subsequente.

Além disso, constata-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ter em sua memória cognitiva o conhecimento de que, na verdade, Simão faz uma paródia com o nome de um livro de poemas de José Sarney: *Marimbondo de fogo*. Assim, sem conhecer esse livro, o leitor não consegue perceber a ironia estabelecida. Além disso, a ambiguidade sonora evocada pelo colunista (marimbondo se torna moribundo) emite um juízo de valor por parte desse autor, sugerindo nas entrelinhas a opinião de que Sarney já está idoso demais.

[...] *cinema: "Duro de Matar 5":* No excerto em questão, evidencia-se a utilização de uma catáfora, visto que a expressão que aparece primeiro (catafórica) se refere ao enunciado que se apresentará adiante, preparando o leitor para a informação.

Aliás, aquele livro do Sarney "Dono do Mar" devia se chamar "Dono do Mar...anhão". Rarárá! E eu vou escrever a biografia do Bial chamada: "OI, BIAL". Porque brasileiro já nasce falando "Oi, Bial". O Bial inventou um novo tipo de biografia: a BIALGRAFIA do doutor Marinho!

"Dono do Mar...anhão": Para atingir o sentido desse enunciado, o leitor precisa ter o conhecimento de quem é José Sarney . Assim, constata-se que o excerto selecionado apresenta uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois Simão se vale de fatores extratextuais para fazer referência, visto que o objeto designado está na situação extralinguística, isto é, não há um referente no texto que explique o enunciado em questão. Além disso, o leitor precisa saber que Sarney é conhecido por ser um político influente naquele estado brasileiro e dono de grandes extensões de terra. Esse domínio é evocado pela figura metafórica do mar que lembra a imensidão, a grandeza e pelo sufixo "ão" que o reforça. Há um trocadilho que evoca a crítica à figura política do senador.

E eu: nesse excerto, constata-se o emprego do pronome pessoal de primeira pessoa. Esse pronome refere-se ao próprio autor do texto.

[...] chamada: "OI, BIAL". Porque brasileiro já nasce falando "Oi, Bial": nesse trecho, evidencia-se a repetição do substantivo próprio *Bial*, que se refere ao famoso jornalista apresentador do *reality show Big Brother Brasil*, programa exibido na rede globo.

Também, observa-se a utilização da catáfora, pois a informação principal do excerto aparece no período subsequente aos dois pontos.

Além disso, constata-se que o autor, para construir o sentido pretendido, se vale de uma Anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Esse emprego fica evidente, porque o leitor precisa ser capaz de inferir que Pedro Bial é o apresentador de um programa de apelo popular, muito conhecido em todo território nacional. Assim, os participantes desse programa, para se comunicarem com o apresentador, sempre utilizam essa fala, que acabou virando motivo de chacota, devido, justamente, ao fato de esse programa ser criticado por ser uma atração que não requer muito esforço intelectual do telespectador.

O Bial inventou um novo tipo de biografia: a BIALGRAFIA do doutor Marinho!: No trecho selecionado, evidencia-se a repetição do substantivo próprio *Bial*. Também, constata-se a utilização da catáfora, pois a informação mais importante do período se apresenta na porção subsequente do texto.

Além disso, Simão, para construir esse período, fez uso de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois para ser capaz de compreender a informação disposta no texto, o leitor precisa saber que Pedro Bial é um funcionário da Rede Globo, ou seja, trabalhava para Roberto Marinho. O emprego dessa anáfora indireta, como ressalta Marcuschi (2005a), ancora elementos do discurso e da situação cognitiva para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado. Por esse motivo, ao utilizar uma anáfora extratextual, José Simão acredita que seus leitores compartilham de seus conhecimentos extralinguísticos.

E vou lançar a biografia do Edir Macedo intitulada: "EDÍRZIMO". Edírzimo Macedo! E vou lançar a biografia do Kid Bengala: "O Gigante Acordou". E entrar pra ABL com o apoio da Ana Maria Braga e Louro José! E eu já disse que duas coisas nunca deram certo: humor a favor e biografia autorizada.

E vou: nesse excerto, a referência é construída por meio da elipse. O termo que está elíptico é o pronome *eu*.

[...] intitulada: "EDÍRZIMO". *Edírzimo Macedo!*: nesse exemplo, constata-se que o ator empregou uma catáfora. Ao dizer que irá lançar a biografia do Edir Macedo, Simão prepara o leitor para a informação principal, instigando sua curiosidade em saber qual será o título sugerido.

Além da catáfora, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso acontece, porque, para compreender o sentido da formação da palavra valise *Edirzimo*, o leitor precisa ser capaz de apelar para o seu conhecimento de mundo, ou seja, o de que Edir Macedo é um evangelista, criador e representante da Igreja Universal do Reino de Deus, apontado pela revista *Forbis* como o pastor mais rico do Brasil. Simão indiretamente evoca a crítica de que o poderio do pastor se deve à entrega dos dízimos à igreja por ele fundada.

E vou lançar: nota-se, nesse exemplo, a repetição da expressão *e vou lançar*.

[...] a biografia do Kid Bengala: "O Gigante Acordou": nesse excerto, observa-se a utilização da catáfora, pois a informação principal do enunciado aparece no período subsequente aos dois pontos.

Além disso, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso se justifica, porque, para entender a conotação sexual expressa pelo colunista, o leitor precisa conhecer Kid Bengala e saber que ele foi um ator pornô que, inclusive, recebeu o apelido de *Bengala*, por utilizar esse instrumento em seu trabalho. A bengala utilizada pelo ator pornô tinha a dimensão, segundo se diz, de seu órgão genital.

E entrar pra ABL com o apoio da Ana Maria Braga e Louro José: No período em questão, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Uma vez que, ao construir o período, Simão utiliza um objeto designado que está na situação extralinguística, isto é, o sentido do referente está no contexto social. Em outras palavras, para entender a ironia proposta pelo autor, o leitor precisa saber que a Academia Brasileira de Letras é uma instituição literária do Brasil. Além disso, o leitor precisa ter em seu conhecimento de mundo o fato de que vários escritores, cujas obras não são bem vistas pelos críticos literários, estão entrando para essa Academia. Finalizando a análise do excerto, constata-se que o leitor também deve saber que Ana Maria Braga (apresentadora de um programa de variedades que inclui a culinária), ultimamente, tem assinado obras cujo teor se refere não só à confecção de pratos rápidos para refeições mas também à romance de autoajuda. Fica evidente, com a ironia empregada pelo autor, que ele não considera a obra da apresentadora como literária.

Eu: esse termo representa a repetição do pronome pessoal de primeira pessoa.

[...] deram certo: humor a favor e biografia autorizada: O período em questão apresenta o emprego da catáfora. A unidade verbal anterior se refere, de modo antecipado, à unidade que aparecerá apenas na porção posterior do texto. Assim, o termo que aparece primeiro na porção textual é um vocábulo não autônomo. Isso quer dizer que a confirmação de seu sentido só se efetiva a partir da interpretação do termo subsequente.

Além disso, constata-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso acontece porque, para entender o fato expresso pelo autor (o qual emite sua opinião sobre biografias), o leitor precisa saber que muitas biografias

autorizadas acabam sendo distorcidas, apresentando apenas (ou principalmente) fatos positivos acerca da personalidade biografada. Servem como autopromoção da personalidade biografada.

E a manchete do Piauí Herald: "PM carioca reprime biógrafos com truculência". Daqui a pouco, vai ter manifestação de biógrafos! Na Cinelândia! Black biógrafos! Rarárá! E acaba de sair uma nova versão do hit do Roberto Carlos: "O cara que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ esse cara sou eu". Rarárá!

[...] *Piauí Herald: "PM carioca [...]*: nesse excerto, verifica-se a utilização da catáfora, pois a informação principal do enunciado aparece no período subsequente aos dois pontos.

[...] *vai ter manifestação de biógrafos*: nesse período, constata-se a repetição do termo *biógrafos*. Além disso, evidencia-se o emprego da anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso se justifica, porque, para entender a informação expressa, o leitor precisa estar ciente dos acontecimentos políticos e sociais dos últimos meses, nos quais várias pessoas foram às ruas para se manifestar. Percebe-se que Simão utiliza essa expressão de modo irônico, deixando subentendida a opinião de que as pessoas estavam se manifestando por qualquer coisa e até mesmo sem ter consciência do motivo do protesto.

Na Cinelândia! Black biógrafos!: Esse período apresenta uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso se devido ao fato de que, por meio de um trocadilho, o autor faz referência aos *black blocks*. Assim, o sintagma *black biógrafos*, na verdade, exige do leitor o conhecimento de que os *black blocs* são um grupo de manifestantes radical. Além disso, o leitor precisa inferir que, ao chamar os biógrafos de *black*, Simão expõe que até esses biógrafos podem se revoltar e promover manifestações que, muitas vezes, não têm um motivo aparente e que são confundidas com puro vandalismo, depredação etc.

Roberto Carlos: "O cara que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ esse cara sou eu": nessa porção selecionada para análise, constata-se a utilização da catáfora, pois a informação principal do excerto aparece no período

subsequente aos dois pontos. Também, observa-se a repetição da expressão coloquial *cara*, além do pronome pessoal *eu*.

Além disso, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois para entender a paródia feita por Simão, é necessário que o leitor conheça a música original de Roberto Carlos, além de saber que essa música fez muito sucesso e, ao mesmo tempo, foi motivo de várias piadas de apelo popular.

E eu não gosto de biografia chapa-branca. Gosto de biografia chapa quente: com sexo, sangue e Doritos com Coca-Cola. Daquelas bem podres! E a Saraiva botou a biografia de Freud na seção de autoajuda! Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

E eu: Nota-se que o pronome *eu* está, mais uma vez, repetido no texto. Novamente, o pronome mencionado refere-se ao próprio autor do texto, pois, a todo momento, Simão dialoga como o leitor.

biografia chapa-branca: Constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado no excerto selecionado, uma vez que, para compreender o sentido pretendido pelo autor, o leitor precisa ter em sua memória o conhecimento de que uma biografia *chapa-branca* é uma construção coloquial, cujo sentido é o de que os autores desse tipo de biografia só registram fatos que expõe virtudes da pessoa, ou seja, não apresenta os verdadeiros fatos.

Gosto de biografia chapa quente: com sexo, sangue e Doritos com Coca-Cola: nesse período, constata-se o emprego da elipse do pronome *eu*. Também, constata-se uma catáfora. Afirma-se, ainda, o emprego de um processo metonímico, pois tanto *Coca-Cola* quanto *Doritos* dizem respeito a marcas, que se referem, respectivamente, a um refrigerante e a um salgadinho de *tortilla*.

Além disso, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que *chapa-quente*, na verdade, quer dizer que o autor prefere biografias que sejam mais “pesadas”, que exponham aspectos negativos e polêmicos da pessoa a quem a biografia se refere.

Daquelas bem podres!: No excerto selecionado, constata-se que há uma ressignificação para *biografia chapa quente*, pois, nesse caso, ela equivale a

Daquelas bem podres. Desse modo, constata-se que o período é construído por meio de um rótulo retrospectivo. É interessante ressaltar que esse rótulo apresenta função argumentativa, pois, por meio dessa ressignificação, o autor expõe sua opinião, conduzindo, também, a opinião do leitor.

[...] *biografia de Freud na seção de autoajuda:* Para compreender o sentido da ideia transmitida nesse período, o leitor precisa ter o conhecimento de que Freud é considerado o pai da psicanálise (teoria que investiga a psique humana) e é o nome considerado mais importante dessa área. No entanto, por diversas distorções, sua obra foi reduzida a simples autoajuda. Reforça a ideia o fato de a livraria-editora famosa (Saraiva) ter disposto a obra. Há uma crítica ao despreparo da própria livraria-editora. Desse modo, constata-se, no excerto selecionado, o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E eu: Evidencia-se, nesse exemplo, a repetição do pronome pessoal.

[...] *polêmica:* Constata-se, nesse exemplo, a repetição da palavra polêmica.

[...] *é o Nelson Rubens:* nessa passagem do texto, evidencia-se o emprego da anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Esse emprego se justifica, porque, para entender a informação transmitida por Simão, o leitor precisa saber quem é Nelson Rubens (um jornalista sensacionalista que apresenta um programa cujo objetivo é expor a vida das celebridades). Além disso, o leitor precisa saber que uma das frases mais características desse jornalista, na apresentação de seu programa, é a palavra é “Polêmica”.

[...] *polêmica:* Constata-se, nesse exemplo, novamente, a repetição da palavra polêmica.

"TV Fama": Evidencia-se que esse termo é uma repetição, visto que já foi utilizado na porção precedente do texto.

Todas: nessa passagem, está elíptica a palavra *manchete*.

"POLÊMICA". Tipo: "Polêmica! [...] "Polêmica: Doutor Hollywood[...]: No excerto selecionado, evidencia-se a repetição do termo *polêmica*. Ademais, constata-se o uso de uma catáfora, pois a informação principal não se encontra na parte precedente do texto. Na verdade, a parte precedente prepara o leitor para a informação principal do período.

E biografia da Lassie pode? Pode!: Esse excerto apresenta a repetição do verbo *pode*. Além disso, apresenta a elipse do termo *biografia da Lassie*.

É interessante ressaltar o fato de que o termo *Lassie* expressa uma referência a homossexuais. Ela relação pode ser estabelecida, principalmente, por conta do ditado popular "Esse pitbull é Lassie". Assim, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] *contanto que não chame ela de cachorra!:* nesse excerto, observa-se, primeiramente, o uso do pronome pessoal referente a terceira pessoa do singular: *ela*. Esse pronome retoma *Lassie*, termo que já está exposto no texto. Ademais, constata-se a presença de uma anáfora indireta do tipo inferencial, pois o leitor precisa ser capaz de inferir, como base nas informações dispostas no cotexto, que, ao afirmar que o autor de uma biografia não pode utilizar o termo *cachorra*, Simão faz uma crítica à falta de liberdade de expressão, deixando nas entrelinhas a opinião de que, hoje, para transmitir informações, é necessário modalizar demais o discurso. Há, também, a possibilidade de inferir que esse termo está sendo usado com um sentido pejorativo, com o significado de prostituta. Há uma evocação às músicas do funk, que ao tratarem da figura feminina se referem à mulher como "cachorra".

Quadro 7

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	12	02	04	0	01	23	14	0	02

Texto 7: Marina e Dilma! Vai dar jacaré!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Piada pronta: "Mulher de Carlinhos Cachoeira quer se candidatar

a deputada". E os projetos? Legalizar os jogos de azar e combater a corrupção! Rarará!

E outra piada pronta: "Pinto Feliz: projeto quer distribuir remédio contra impotência em Cuiabá!". Pinto Feliz em Cuiabá!

E o predestinado do dia: promotor que pediu a dissolução da torcida do São Paulo: Roberto SENISE! Rarará.

E Brasil x Zâmbia em Pequim! Pequim é bom porque você pode comprar aquele monte de bugiganga tudo original! E adorei a linha de Zâmbia: Kabaso e Mulenga. E o Brasil suou pra ganhar de Kabaso e Mulenga. Aliás, o Brasil só fez gol quando tiraram o Kabaso! É verdade! No estádio Ninho de Pássaro.

Aliás, sabe o que o Lula falou quando viu o Ninho de Pássaro? "Olha, inauguraram ainda com os andaimes." Rarará!

E o Galvão mais rouco que a foca da Disney! Galvanização: corrosão do ouvido humano quando exposto aos comentários do Galvão!

E a Dilma e a Marina batendo boca? Parecem aquelas vizinhas que ficam batendo boca no muro: "Sua porca". "Melhor porca que corna." "Seu marido não vale nada." Briga de muié! Vai dar jacaré! Muié com muié dá jacaré! "Hoje! Luta no gel! Hipopótamo x Ema!" Rarará!

E tá na cara que aí tem perrenga pessoal. E a Marina pra viajar pro exterior tem que pedir permissão pro Ibama? Tráfico de animais silvestres! Rarará!

E o Ceni? O meu anti-herói! E o povo continua zoando com o Ceni! Manchete do Sensacionalista: "Torcedor consegue liminar e impede Ceni de bater novos pênaltis".

E a manchete do Piauí Herald: "Rogério pede marcha fúnebre no 'Fantástico". Pior, diz que o Ceni foi pro "Soletando" do Luciano Huck e errou a palavra pênalti. "Rogério, soletra a palavra pênalti". E o Ceni: "P-E-N-A-U-T-E! PENAUTE!". Rarará. E o tuiteiro Leandro Batas: "Se pênalti é loteria, a do Rogério tá acumulada". Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! Olha essa placa: "Bem-vindos a Osasco! Temos problemas, mas Carapicuíba tem mais". Rarará. Tipo aquele que come banana e joga a casca no vizinho. Tipo aquele que bota o saco do lixo na porta do vizinho!

Nóis sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, facilitarão a análise do texto 7.

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Piada pronta: "Mulher de Carlinhos Cachoeira quer se candidatar a deputada". E os projetos? Legalizar os jogos de azar e combater a corrupção! Rarará!

Piada pronta: "Mulher de [...]": nessa porção selecionada para análise, constata-se o emprego da catáfora, pois a informação principal do excerto aparece no período posterior aos dois pontos.

E os projetos?: Ao fazer essa pergunta, Simão pressupõe o fato de o leitor saber que uma das funções dos deputados é criar projetos de lei. Por esse motivo, constata-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Há de se ressaltar que o conhecimento do contexto político é essencial para a compreensão desse enunciado.

Legalizar os jogos de azar e combater a corrupção!: Nesse excerto, verifica-se a elipse da expressão *os projetos são*. Além disso, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor, para entender a informação, precisa saber que Cachoeira foi acusado de envolvimento com jogos de azar e com corrupção. Desse modo, por meio de uma construção irônica, o autor critica, de forma velada, o processo político brasileiro.

E outra piada pronta: "Pinto Feliz: projeto quer distribuir remédio contra impotência em Cuiabá!". Pinto Feliz em Cuiabá!

E outra piada pronta: "Pinto Feliz: projeto [...]": Constata-se, neste exemplo, a presença de duas catáforas. Ambas aparecem devido ao fato de a informação principal apresentar-se depois dos dois pontos. Além disso, *Pinto Feliz* é uma rotulação, pois equivale a toda *sentença projeto quer distribuir remédio contra impotência em Cuiabá!* Há uma referência obscena à genitália masculina e à dualidade potência *versus* impotência do homem. A impotência é culturalmente marcada como negativa. Esse rótulo pode ser considerado retrospectivo.

[...] Pinto Feliz [...]: nesse excerto, verifica-se o emprego de uma repetição.

E o predestinado do dia: promotor que pediu a dissolução da torcida do São Paulo: Roberto SENISE! Rarárá

E o predestinado do dia: promotor [...]: nesse excerto selecionado para análise, constata-se o emprego da catáfora, pois a informação principal aparece no período posterior aos dois pontos.

[...] do São Paulo: Roberto SENISE!: Além da catáfora (evidenciada pelo fato de *Roberto SENISE*, que é a informação principal do período, estar após o seu referente), evidencia-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, porque o leitor tem que ser capaz de estabelecer a relação entre o nome do promotor SENISE e o sobrenome do goleiro do São Paulo,

CENI (relação que só é possível devido a uma semelhança fônica) para conseguir entender a ironia da situação. Para um leitor mais escolarizado, SENISE lembra “senil” (velho), característica atribuída a Rogério Ceni, jogador do SFC, que defende o time há muitos anos e que, segundo a opinião de alguns torcedores, deveria ter se aposentado.

E Brasil x Zâmbia em Pequim! Pequim é bom porque você pode comprar aquele monte de bugiganga tudo original! E adorei a linha de Zâmbia: Kabaso e Mulenga. E o Brasil suou pra ganhar de Kabaso e Mulenga. Aliás, o Brasil só fez gol quando tiraram o Kabaso! É verdade! No estádio Ninho de Pássaro.

[...] *Pequim é bom porque você pode comprar aquele monte de bugiganga tudo original!* [...]: neste excerto, constata-se a repetição do substantivo próprio *Pequim*. Também, está elíptico um termo que poderia ser *em Pequim* ou *lá*, o que informaria a localização.

Além disso, nesse trecho, verifica-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, porque o leitor precisa saber que a China, representada pela capital Pequim, é conhecida pela fabricação e exportação de diversos produtos com custo abaixo do valor de mercado e de pouca qualidade, como sugere a palavra *bugiganga*.

E adorei a linha de Zâmbia: Kabaso e Mulenga: neste excerto selecionado para análise, constata-se a utilização da catáfora, pois a informação principal do excerto aparece no período posterior aos dois pontos. Ademais, verifica-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor necessita ter o conhecimento de que a expressão *linha de Zâmbia*, na verdade, refere-se aos jogadores desse time, que compõem essa linha. Sendo assim, trata-se de uma metonímia, pois *Kabaso e Mulenga* são nomes próprios dos jogadores que fazem parte da linha desse time.

Kabaso e Mulenga: nesse trecho, verifica-se a repetição desses dois substantivos próprios. O autor emprega a palavra Kabaso em referência a cabaço, nome coloquial que referencia o hímen feminino. Há aqui outra referência indireta à genitália feminina. Mulenga é uma possível evocação a “molenga”. Portanto, evidencia-se nesse excerto uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Kabaso: a utilização desse termo evidencia uma repetição.

Aliás, sabe o que o Lula falou quando viu o Ninho de Pássaro? "Olha, inauguraram ainda com os andaimes." Raráá!

[...] *sabe o que o Lula falou quando viu o Ninho de Pássaro*: Há, nesse excerto, a repetição de *Ninho de Pássaro*. Também, evidencia-se o uso de uma metonímia, visto que *Ninho de Pássaro* é o nome de um conhecido estádio, inaugurado nas Olimpíadas de Pequim. Há, na constituição desse enunciado, uma referência extratextual porque o *design* do estádio, em sua arquitetura, mostra algumas colunas aparentes. A referência extratextual a Lula, ex-presidente da República, deve-se ao fato de o autor considerar que, por ser um político de pouca instrução, ele não entenderia o estilo arquitetônico do local. Desse modo, classificam-se essas anáforas como indiretas do tipo conceitualmente fundado.

E o Galvão mais rouco que a foca da Disney! Galvanização: corrosão do ouvido humano quando exposto aos comentários do Galvão!

E o Galvão mais rouco que a foca da Disney!: Nesse excerto, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa acionar seu conhecimento de mundo, para conseguir estabelecer uma relação entre *Galvão Bueno* (e o fato de ele ser satirizado por seu timbre de voz) e as focas que participam de shows realizados nos parques aquáticos da Disney, por exemplo, o *Water Sea*. Assim, o leitor precisa saber que as focas emitem um ruído rouco, que, para Simão, seria semelhante à voz do locutor citado. Além disso, para a construção desse período, evidencia-se um processo metonímico (voz pela pessoa).

[...] *Galvanização: corrosão do ouvido humano quando exposto aos comentários do Galvão [...]*: Nesse exemplo, há o emprego de uma catáfora. Além disso, há uma rotulação prospectiva, pois Simão, por meio dessa catáfora, apresenta uma ressignificação, para o termo *Galvanização* (cujo sentido literal é: processo de tratamento de uma superfície no qual se cobre um metal ferroso com uma camada de zinco, a fim de evitar que ele oxide).

Além disso, por meio dessa resignificação, o colunista exige que o leitor acione seus conhecimentos prévios a fim de ser capaz de saber que Galvão Bueno é comentarista da Rede Globo há muitos anos e que várias são as chacotas a seu respeito, principalmente a respeito de seus comentários. Assim, há, também, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

E a Dilma e a Marina batendo boca? Parecem aquelas vizinhas que ficam batendo boca no muro: "Sua porca". "Melhor porca que corna." "Seu marido não vale nada." Briga de muié! Vai dar jacaré! Muié com muié dá jacaré! "Hoje! Luta no gel! Hipopótamo x Ema!" Rarárá!

[...] no muro: "Sua porca": Evidencia-se, nesse excerto, o emprego de uma catáfora.

"Sua porca". "Melhor porca que corna." "Seu marido não vale nada.": Constata-se, nesse exemplo, o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitual, pois, para compreender a crítica feita por Simão, o leitor precisa ser capaz de inferir que esses impropérios são considerados comuns em brigas entre vizinhas, por exemplo.

Briga de muié! Vai dar jacaré!: Neste exemplo, percebe-se que o autor retoma os ditos populares, o que caracteriza o excerto como anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Observe que, ao dizer *Vai dar jacaré*, Simão relembra o ditado popular que diz; *homem com homem, vira lobisomem; muié¹³ com muié, vira jacaré*. Nesse sentido, o leitor precisa ser capaz de inferir que o colunista, na verdade, ironiza o fato de tanto Marina quanto Dilma não serem muito femininas.

Muié com muié dá jacaré!: Essa expressão apresenta a repetição da ideia exposta anteriormente. É interessante observar que essa repetição reitera a opinião do autor: o fato de essas mulheres estarem envolvidas muito mais em disputas comezinhas do que interessadas em discutir assuntos de interesse nacional.

"Hoje! Luta no gel! Hipopótamo x Ema!": Neste exemplo, constata-se o emprego de uma catáfora. É interessante ressaltar que, diferentemente do que

¹³ A palavra *muié* foi utilizada intencionalmente, para reproduzir a fala popular.

acontece em outros exemplos, essa catáfora não aparece por meio dos dois pontos, mas sim por períodos coordenados.

Ademais, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois, para entender a comparação realizada (*Hipopótamo – Dilma, Ema – Marina*), o leitor precisa conhecer as duas representantes da política nacional (formar o *frame* delas) e saber que ambas são satirizadas por causa da aparência física. Além disso, *Luta no Gel* também é uma anáfora indireta referente aos campeonatos nacionais de disputa feminina em ringues nos EUA, nas quais as oponentes lutam em um tablado repleto de uma substância de consistência gelatinosa.

E tá na cara que aí tem perrenga pessoal. E a Marina pra viajar pro exterior tem que pedir permissão pro Ibama? Tráfico de animais silvestres! Rarárá!

E a Marina pra viajar pro exterior tem que pedir permissão pro Ibama? Tráfico de animais silvestres!: Nesse exemplo selecionado, há a repetição do substantivo próprio *Marina*. Observa-se, também, que Simão continua a formar o *frame* dessa representante da política, assim, há uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, porque a citada figura pública não “obedeceria” aos denominados padrões estéticos femininos, fomentados pela mídia. Na opinião do autor, ela assemelha-se aos animais da fauna brasileira, daí à referência a Ibama, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, mais conhecido pelo acrônimo **IBAMA**, criado pela Lei nº 7.735 de 22 de fevereiro de 1989, autarquia federal vinculada ao Ministério do Meio Ambiente (MMA). É o órgão executivo responsável pela execução da *Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA)*, instituída pela lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, e desenvolve diversas atividades para a preservação e conservação do patrimônio natural, exercendo o controle e a fiscalização sobre o uso dos recursos naturais (água, flora, fauna, solo, etc.). Também, cabe a ele conceder licenças ambientais para empreendimentos de sua competência.

E o Ceni? O meu anti-herói! E o povo continua zoando com o Ceni! Manchete do Sensacionalista: "Torcedor consegue liminar e impede Ceni de bater novos pênaltis".

E o Ceni? O meu anti-herói: nesse emprego, nota-se uma rotulação retrospectiva, pois *Ceni* equivale a *anti-herói*. Lembrando que os rótulos prospectivos são, para Francis (2003), os sintagmas nominais que direcionam a atenção do leitor/ouvinte para a passagem posterior do texto, preparando-o para a próxima informação. Por esse motivo, a autora confere a esse tipo de rótulo uma natureza preditiva. Assim, a pesquisadora expõe que “o rótulo tem claramente um papel organizador que se estende para todo o próximo parágrafo”. Corroborando a autora, fica evidente que o rótulo empregado nesse excerto, atua de forma a gerar para o texto uma orientação argumentativa, pois ao “classificar” *Ceni* como seu *anti-herói*, Simão expõe sua opinião sobre esse jogador e, mesmo que de forma sutil, conduz a opinião do leitor.

Ceni: nesse exemplo há a repetição do substantivo próprio *Ceni*.

Manchete do Sensacionalista: "Torcedor consegue liminar e impede Ceni de bater novos pênaltis". A expressão selecionada apresenta uma catáfora e a repetição de *Ceni*. Ademais, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitual, pois o leitor, para compreender a informação, precisa saber que o goleiro do São Paulo Futebol Clube (um dos principais batedores de pênaltis), ultimamente, tem apresentado uma queda de desempenho.

E a manchete do Piauí Herald: "Rogério pede marcha fúnebre no 'Fantástico'". Pior, diz que o Ceni foi pro "Soletando" do Luciano Huck e errou a palavra pênalti. "Rogério, soletra a palavra pênalti". E o Ceni: "P-E-N-A-U-T-E! PENAUTE!". Rarará. E o tuiteiro Leandro Batas: "Se pênalti é loteria, a do Rogério tá acumulada". Rarará!

E a manchete do Piauí Herald: "Rogério pede marcha fúnebre no 'Fantástico'": Há, nessa porção do texto selecionada para a análise, um processo metonímico, pois, para se referir ao jornal, o autor utiliza uma parte (no caso a manchete). Também, evidencia-se uma catáfora (a informação principal encontra-se após os dois pontos). Finalizando a análise do excerto, nota-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor, para entender a informação veiculada, precisa saber que o *Fantástico* (programa exibido na Rede Globo) tem um quadro no qual o jogador que fizer maior número de gols durante a semana tem direito a pedir uma música. Além disso, o leitor precisa conhecer a marcha fúnebre e

saber que ela é utilizada em velórios. Assim, ironicamente, Simão expõe que *Ceni* pediria a marcha fúnebre, porque seu futebol está “morrendo”.

[...] o *Ceni* foi pro "*Soletrando*" do Luciano Huck e errou a palavra *pênalti*: Constata-se, nessa expressão, o uso da anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois é preciso, para compreender essa informação, conhecer o quadro *Soletrando* (do programa Caldeirão do Huck, exibido aos sábados na Rede Globo). Também, é preciso saber que *Ceni*, nesse período, tinha errado a cobrança de alguns pênaltis (fato que possibilita a sátira de Simão). Nesse excerto, evidencia-se também a repetição de *Ceni*.

E o *Ceni*: "*P-E-N-A-U-T-E! PENAUTE!*": a catáfora, nesse exemplo, prepara o leitor para o que vem pela frente, ou seja, para uma nova informação.

[...] Leandro Batas: "*Se pênalti é loteria, a do Rogério tá acumulada*": nesse excerto há uma catáfora, que é expressa pelo uso dos dois pontos. Também, constata-se a utilização de um rótulo retrospectivo (pois há uma equivalência de sentido entre *pênalti* e *loteria*) e uma elipse (o termo elíptico é *loteria*).

Por fim, evidencia-se uma anáfora indireta do tipo inferencial, pois o leitor precisa ser capaz de associar o fato de que Rogério não faz gol há um bom tempo (está com o saldo de gols acumulado) ao fato de que, quando alguém não consegue acertar todos os números da loteria, esta se acumula para um próximo sorteio.

O Brasil é Lúdico! Olha essa placa: "Bem-vindos a Osasco! Temos problemas, mas Carapicuíba tem mais". Rarará. Tipo aquele que come banana e joga a casca no vizinho. Tipo aquele que bota o saco do lixo na porta do vizinho!

Olha essa placa: "*Bem-vindos a Osasco! Temos problemas, mas Carapicuíba tem mais*": Há, nessa expressão, uma catáfora e a elipse do pronome pessoa de primeira pessoa do plural *nós*. Além disso, constata-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa conhecer as cidades citadas e saber que ambas apresentam muitos problemas (por exemplo, as frequentes enchentes), mas que *Carapicuíba*, aos olhos dos paulistas, apresenta ainda mais problemas.

Tipo aquele que come banana e joga a casca no vizinho: tipo aquele apresenta uma generalização. Na verdade, esse termo pode se referir a qualquer pessoa. Há, também, a elipse da expressão *aquele que*.

Tipo aquele que: nesse exemplo, há a repetição da expressão selecionada.

Quadro 8

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	14	04	04	0	03	20	11	0	0

Texto 8: **Ueba! Ceni é o meu anti-herói!**

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Tô adorando o Ceni! O Ceni é o meu anti-herói!
O mito virou mico! O Rogério Senil fundou e afundou o São Paulo! Perdeu pênalti! DE NOVO! Dá vontade de gritar do sofá: "Ceni, não é assim que se bate pênalti".

E diz que o Ceni agora tá em busca dos cem pênaltis perdidos. Já perdeu quatro. Mais dez anos no São Paulo, ele consegue!

E o site Futirinhas falou que o Ceni é igual feriado em fim de semana: não serve pra nada! E eu acho que o Ceni não devia bater pênalti, devia bater em retirada! Bater uma bronha! Rarará!

Mas tem uma corrente na internet: Fica Ceni! Pra alegria dos corintianos. E você acha que o Ceni deve continuar batendo pênalti?

Deve, na segundona. Deve, pra alegria dos outros. Deve bater pênalti, cobrar falta, arremessar na lateral, apitar a partida e ficar na bilheteria!

E aviso aos corintianos: no filme "Bambi", o gambá se chama FLOR! Gambambi! Rarará!

E o Botafogo bateu o Flamengo! Mas não tem torcida pra comemorar. O site Futebol da Depressão colocou a foto de um gato solitário atravessando uma rua deserta e colocou a legenda: "Botafoguenses comemorando a vitória".

Essa é a definição da torcida do Botafogo: um gato solitário atravessando uma rua deserta! Rarará!

E ainda anunciaram um "Globo Repórter" sobre os flamenguistas:

"Flamenguistas são mágicos, há dois dias tinha aos montes, agora sumiram todos. Para onde foram? Onde estão vivendo? Como se alimentam? Sexta-feira no 'Globo Repórter'!".

E essa do Dia das Crianças! Pai lendo o jornal, o filho de quatro anos no colo passa os dedinhos pela foto impressa: "Pai, não funciona". Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é lúdico! Olha essa em Taquaritinga, interior de São Paulo: "Funerária Marmita". Devem enterrar um em cima do outro e ainda botam um ovo frito em cima! Rarará!

E essa placa no supermercado: "Oferta! Óleo de soja Liza. De R\$ 2,29 por R\$ 2,28". Eita liquidação da porra, como se diz na Bahia. Rarará!

E mais outra placa numa pousada em Florianópolis: "Favor não grudar meleca nas paredes". Rarará. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, facilitarão a análise do texto 8.

Buemba! Buemba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Tô adorando o Ceni! O Ceni é o meu anti-herói!
O mito virou mico! O Rogério Senil fundou e afundou o São Paulo! Perdeu pênalti! DE NOVO! Dá vontade de gritar do sofá: "Ceni, não é assim que se bate pênalti".

Tô adorando o Ceni!: nesse exemplo, constata-se a presença de uma elipse, visto que o pronome pessoal *eu* não aparece. Assim, o uso da primeira pessoa fica evidente por meio da terminação verbal.

O Ceni é meu anti-herói: nesse excerto, verifica-se o emprego de uma repetição, pois o substantivo próprio *Ceni*, mencionado anteriormente, foi repetido nesse trecho.

Além disso, evidencia-se que o autor utilizou *anti-herói* como um rótulo que ressignifica o substantivo próprio *Ceni*.

O mito virou mico!: Constata-se, nesse trecho, mais uma vez, o uso da rotulação retrospectiva, visto que o substantivo *Ceni* é ressignificado, primeiramente, por *mito* e, em seguida, por *mico*.

Ademais, observa-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, porque, para compreender o sentido dessa ressignificação, o leitor precisa acionar sua memória de longo prazo, lembrando que, para os torcedores do São Paulo Futebol Clube, esse jogador é considerado um grande ídolo, ou seja, um *mito*. Além disso, esse leitor deve saber que o referido goleiro é o jogador mais antigo, em atuação, nesse time.

[...] *vontade de gritar do sofá: "Ceni, não é assim que se bate pênalti":* Nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Ainda nesse trecho, o autor emprega outro processo referencial: a repetição, pois tanto o substantivo *Ceni* quanto *pênalti* já foram utilizados na porção precedente.

E diz que o Ceni agora tá em busca dos cem pênaltis perdidos. Já perdeu quatro. Mais dez anos no São Paulo, ele consegue!

E diz que o Ceni agora tá em busca dos cem pênaltis perdidos: nesse exemplo há a repetição do substantivo *Ceni*. Além disso, evidencia-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que o goleiro do São Paulo conseguiu atingir a marca de 100 gols, fato que foi muito comentado pelos são paulinos. Assim, de forma irônica, Simão expõe que, por causa da má fase que vive no time, o goleiro está, agora, buscando atingir a meta de gols perdidos. Destaca-se, também, que há um jogo de palavras entre cem (numeral) e o sobrenome do goleiro.

Já perdeu quatro: nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é *Ceni*.

Mais dez anos no São Paulo, ele consegue!: Contata-se que, para construir esse período, Simão utiliza uma piada, ironizando o fato de fazer muito tempo que o goleiro citado joga no São Paulo. Além disso, há o pronome pessoal de terceira pessoa, que retoma *Ceni*.

E o site Futirinhas falou que o Ceni é igual feriado em fim de semana: não serve pra nada! E eu acho que o Ceni não devia bater pênalti, devia bater em retirada! Bater uma bronha! Rarárá!

[...] Ceni é igual feriado em fim de semana: não serve pra nada!: No excerto selecionado há a repetição de *Ceni*. Também, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Há, além dos recursos já mencionados, uma equivalência (comparação) *entre feriado em final de semana e serve pra nada*, portanto, evidencia-se uma rotulação retrospectiva.

E eu acho que o Ceni não devia [...]: Há, nesse período, o emprego do pronome referente à primeira pessoa do singular e a repetição de *Ceni*.

[...] devia bater em retirada!: nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é *Ceni*. Ademais, há a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente

fundado, pois o leitor precisa saber o significado da expressão popular *bater em retirada*, para compreender o período. Além disso, o leitor precisa ser capaz de inferir que Rogério Ceni talvez já tenha cumprido seu papel no time e, por isso, está na hora de desistir.

Bater uma bronha!: nesse período, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, porque Simão utiliza um termo cuja compreensão só é possível se o leitor saber o significado de *bronha* (expressão de sentido pejorativo que se refere à masturbação).

Mas tem uma corrente na internet: Fica Ceni! Pra alegria dos corintianos. E você acha que o Ceni deve continuar batendo pênalti?

[...] *na internet: Fica Ceni!:* Há, nesse excerto, uma catáfora e a repetição do substantivo *Ceni*.

Pra alegria dos corintianos: Nessa porção selecionada para análise, evidencia-se o emprego de anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ter o conhecimento de que São Paulo e Corinthians são times paulistas rivais e, que, pelo fato de o goleiro estar jogando mal, os corintianos se contentam com a permanência dele no time.

E você acha que o Ceni deve continuar batendo pênalti?: Constata-se, nesse excerto, a utilização do pronome pessoal de segunda pessoa (*você*). É interessante ressaltar que com a utilização desse pronome, o autor dialoga com seu leitor, deixando o texto mais interativo. Também, há a repetição dos termos *Ceni* e *Pênalti*.

Deve, na segundona. Deve, pra alegria dos outros. Deve bater pênalti, cobrar falta, arremessar na lateral, apitar a partida e ficar na bilheteria!
E aviso aos corintianos: no filme "Bambi", o gambá se chama FLOR!
Gambambi! Rarárá!

Deve, na segundona. Deve, pra alegria dos outros. Deve bater pênalti, cobrar falta, arremessar na lateral, apitar a partida e ficar na bilheteria!: No excerto selecionado para análise, constata-se a repetição do verbo dever flexionado (*deve*). Também, há a elipse do substantivo *Ceni* (que já foi expresso várias vezes no texto),

da expressão *continuar batendo pênalti* e do verbo referente a terceira pessoa gramatical *deve*.

Por fim, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber, para compreender o período, que o goleiro do São Paulo é conhecido na mídia como autoritário; alguém que quer fazer parte de tudo e comandar o time. Alguns dizem que, inclusive, ele exerce mais poder sobre o time do que o próprio técnico.

E aviso aos corintianos: no filme "Bambi", o gambá se chama FLOR!: Nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Também, há a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor, para compreender o sentido da expressão, precisa conhecer o filme da Disney citado pelo autor (Bambi) além de saber que o Corinthians Futebol Clube é apelidado, pelos times rivais, de *gambá*.

E o Botafogo bateu o Flamengo! Mas não tem torcida pra comemorar. O site Futebol da Depressão colocou a foto de um gato solitário atravessando uma rua deserta e colocou a legenda: "Botafoguenses comemorando a vitória". Essa é a definição da torcida do Botafogo: um gato solitário atravessando uma rua deserta! Rarará!

Mas não tem torcida pra comemorar: Nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é *Botafogo*.

[...] *legenda: "Botafoguenses comemorando a vitória":* nesse excerto, constata-se a utilização de uma catáfora, uma vez que o referente que se encontra na porção precedente do texto apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Essa é a definição da torcida do Botafogo: um gato solitário atravessando uma rua deserta!: Nesse exemplo, há a utilização de uma catáfora. Além disso, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor necessita saber que o time citado possui uma torcida muito menor do que a de seus principais rivais cariocas (Flamengo e Vasco). Assim, o colunista, ao chamar a torcida de *gato solitário*, por meio de uma rotulação retrospectiva (*torcida do Botafogo* é semelhante

a um *gato solitário*), expõe que são poucos os torcedores desse time (principalmente, se ele perde).

E ainda anunciaram um "Globo Repórter" sobre os flamenguistas: "Flamenguistas são mágicos, há dois dias tinha aos montes, agora sumiram todos. Para onde foram? Onde estão vivendo? Como se alimentam? Sexta-feira no 'Globo Repórter!'".

E ainda anunciaram. Nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é o pronome *eles*. Ressalta-se que a referência desse pronome é indefinida. Sendo assim, *eles* é aqui empregado de forma genérica (os supostos torcedores de outros times, sem uma agremiação específica).

[...] *sobre os flamenguistas: "Flamenguistas são mágicos há dois dias tinha aos montes, agora sumiram todos.* Nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Ademais, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que o Flamengo Futebol Clube havia perdido um jogo importante. Além disso, o leitor precisa ser capaz de inferir que, justamente pelo fato de o time ter perdido uma partida, os torcedores pararam de se manifestar (de aparecer).

'*Globo Repórter*': nesse excerto, constata-se a repetição do termo selecionado. Além disso, há outra anáfora indireta, que retoma o anúncio do programa, cuja exibição é às sextas-feiras. Há uma reprodução do discurso citado pelo locutor da chamada.

E essa do Dia das Crianças! Pai lendo o jornal, o filho de quatro anos no colo passa os dedinhos pela foto impressa: "Pai, não funciona". Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

E essa do Dia das Crianças! Pai lendo o jornal [...]: nesse excerto, constata-se o uso da catáfora, pois o primeiro referente apenas anuncia para o leitor um fato que será exposto na porção subsequente.

o filho de quatro anos no colo passa os dedinhos pela foto impressa: "Pai, não funciona". Nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Há, ainda nesse excerto, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, porque, para compreender a crítica feita por Simão, é preciso que o leitor saiba que, atualmente, as crianças se envolvem com a tecnologia muito cedo, deixando de lado as antigas brincadeiras e o apreço por hábitos mais comuns (como o fato de ver uma foto). Além disso, há um *frame* que reproduz o gesto da criança – usuário de dispositivos como *tablets* que movimentam as telas com simples toques digitais.

O Brasil é lúdico! Olha essa em Taquaritinga, interior de São Paulo: "Funerária Marmita". Devem enterrar um em cima do outro e ainda botam um ovo frito em cima! Rarará!

[...] *interior de São Paulo: "Funerária Marmita"*: No exemplo em questão constata-se o uso da catáfora.

Devem enterrar [...]: nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é o pronome ele, que apresenta uma referência genérica referente a possíveis agentes funerários. Também, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. O leitor deve compreender que uma marmita (recipiente de metal para transportar refeições) está associada a um cenário de trabalhadores/operários que usam desse expediente para fazer a sua alimentação no período de trabalho. Essa forma “popular” de transporte de alimentação associa-se, nesse quadro, ao lugar onde tais recipientes são acondicionados – geralmente empilhadas, devido ao grande número, nas cozinhas de fábricas ou em lugares também improvisados, sem muita higiene. Associa-se, igualmente, a ideia de que aquele que leva marmita não tem dinheiro suficiente para gastar com alimentação fora de casa e, tampouco, dispõe de um cardápio que lhe ofereça uma alimentação balanceada, com proteínas de carnes de origem animal. O suprimento mais barato e popular seria o ovo frito. Há outra anáfora indireta do tipo conceitualmente fundada, devido ao fato de, no Brasil, o interior dos túmulos serem subdivididos em gavetas que se sobrepõem umas às

outras. Nesse caso, Simão aproxima, ironicamente, cenários, em tom de deboche, unindo esses enquadramentos. O próprio autor dá esse tom escarnecedor ao antepor a frase *O Brasil é lúdico*

E essa placa no supermercado: "Oferta! Óleo de soja Liza. De R\$ 2,29 por R\$ 2,28". Eita liquidação da porra, como se diz na Bahia. Rarárá!

E essa placa no supermercado: "Oferta!: Aqui, há a utilização de uma catáfora, porque o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção posterior do texto.

Eita liquidação da porra, como se diz na Bahia: Eita liquidação da porra é um rótulo retrospectivo avaliativo e escarnecedor (*eita liquidação da porra*, nesse caso, equivale a oferta), visto que a diferença entre um preço e outro é quase inexistente.

E mais outra placa numa pousada em Florianópolis: "Favor não grudar meleca nas paredes". Rarárá. Nós sofre, mas nós goza. Hoje só amanhã. Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

[...] em Florianópolis: "*Favor não grudar [...]*": nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Há, também, uma metonímia em que: "*Favor não grudar meleca nas paredes*" é o conteúdo da placa da pousada em Florianópolis.

Quadro 9

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	12	05	07	0	1	14	08	0	03

Texto 9: Félix vende salsicha FRIBOFE!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Bafos da semana: Mengão campeão e Zé Dirceu gerente de hotel! E como gritou aquele flamenguista: "Agora são quatro letra: CABÔ!". E o Flamengo é tri, o Vasco é a prova de que o futebol não é uma caixa de surpresas, e o Botafogo? Ah, o Botafogo é um bairro lindo! Rarárá.

E o meu São Paulo eliminado pela Ponte Preta! A macaca comeu os bambis. E como disse o Futebol da Depressão: "Time grande não cai. Despenca da Ponte ". Rarará. O São Paulo tem que trocar o Boi Bandido por um Bambi Malvado! Rarará!

E o Zé Dirceu gerente de hotel? Pacote pra Réveillon! Os hóspedes saem sem as malas! E o Brasil quer saber: ele vai trabalhar no lobby ou na lavanderia? NO LOBBY, como sempre. Vai continuar fazendo o que sempre fez!

E o Delúbio vai trabalhar no caixa? E o porteiro vai ser o Genoino, com aquela camisa rosa!

E o Roberto Jefferson vai cantar no hotel? Vai ter show do Roberto Jefferson

? Parece o hotel de "O Iluminado"! Rarará! E já imaginou a situação? A conta veio errada e você pede pra chamar o gerente. E aí aparece o Zé Dirceu! Rarará! E o hotel não tem cofre nem seguro, aventura radical. O Zé Dirceu vai abrir uma cadeia de hotéis: Papuda Inn!

E adorei a charge do Xalberto com o Alcksiemens rebatendo as denúncias de cartel: "Vamos investigar tudo, doa a quem doer! AAAAAIIIIIIIIII". Rarará. E notícia de corrupção Tucana é sempre "suposto". Supostos tucanos praticaram suposto roubo chamado de suposto cartel no suposto Metrô! O PSDB quer dizer Partido Suposto Do Brasil! Rarará! Até o partido é suposto! E Zé Dirceu e Genoino, ambos têm problemas de saúde; o Genoino é cardiopata e o Dirceu é psicopata. Rarará. O Genoino é hipertenso e o Dirceu é hiperchato!

E essa: "Condenadas no mensalão tomam banho de sol na Papuda". Virou "Big Brother" agora? E faz mal tomar banho de sol na Papuda!

E como disse o Ciro Botelho: o Félix vai vender salsicha FRIBOFE! Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! Placa no restaurante Imaculada, no centro do Rio: "Eike Batista nunca esteve aqui". Rarará.

Vou botar essa placa aqui na porta de casa: "Eike Batista nunca esteve aqui".

Os excertos, a seguir, facilitarão a análise do texto 9.

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Bafos da semana: Mengão campeão e Zé Dirceu gerente de hotel! E como gritou aquele flamenguista: "Agora são quatro letra: CABÔ!". E o Flamengo é tri, o Vasco é a prova de que o futebol não é uma caixa de surpresas, e o Botafogo? Ah, o Botafogo é um bairro lindo! Rarará.

Bafos da semana: Mengão campeão [...]: nesse exemplo, há uma catáfora, pois a informação principal encontra-se depois dos dois pontos. Também, nota-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois Simão pressupõe que o leitor saiba o apelido do time do Flamengo, exigindo desse leitor um conhecimento extratextual. Finalizando, encontra-se nesse excerto um rótulo prospectivo, pois há uma equivalência de sentido entre *bafos da semana* e *Mengão campeão*¹⁴.

¹⁴ O uso da expressão *bafos da semana* pode ser classificado como uma ocorrência de rótulo avaliativo. No entanto, tal classificação, de acordo com Francis (2003), não é possível, pois, para ela, os rótulos avaliativos funcionam de modo retrospectivo e não prospectivo.

[...] e *Zé Dirceu gerente de hotel!*: No excerto em questão, constata-se a utilização da anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, para compreender a informação veiculada pelo colunista, é preciso saber que *Zé Dirceu*, parlamentar brasileiro acusado por vários delitos em esquemas de corrupção, mesmo em regime de prisão, conseguiu um emprego em um hotel com salário exorbitante.

E como gritou aquele flamenguista: "Agora são quatro letra: CABÔ!": Nesse período, evidencia-se o uso de duas catáforas (ambas expressas pelo uso dos dois pontos), uma vez que o referente que se encontra na porção precedente do texto apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Isso acontece em ambos os casos.

Outrossim, há uma anáfora indireta do tipo semanticamente fundado, pois *aquele flamenguista* não se ancora em qualquer referente presente no texto. Na verdade, há uma referência genérica, pois *aquele* pode ser qualquer flamenguista.

[...] o *Vasco é a prova de que o futebol não é uma caixa de_surpresas*: nessa porção de texto selecionada para análise, evidencia-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor, para compreender essa informação, precisa saber que o Vasco Futebol Clube é um time carioca que raras vezes conseguiu ser campeão.

[...] e o *Botafogo? Ah, o Botafogo é um bairro lindo!* . nesse exemplo, constata-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa acionar seu conhecimento de mundo e saber que há um bairro na cidade do Rio de Janeiro cujo nome é *Botafogo* e um time, também carioca, com o mesmo nome. Além disso, o leitor precisa ser capaz de saber que o *Botafogo* não apresenta, no futebol carioca, a mesma força que apresenta, por exemplo, o Flamengo Futebol Clube (cuja torcida é a maior do Brasil). Dessa forma, ao falar que o *Botafogo* é somente um bairro do Rio de Janeiro, Simão ironiza esse

time, ou seja, para o Colunista, o time do Botafogo não representa qualquer diferença.

E o meu São Paulo eliminado pela Ponte Preta! A macaca comeu os bambis. E como disse o Futebol da Depressão: "Time grande não cai. Despenca da Ponte ". Rarará. O São Paulo tem que trocar o Boi Bandido por um Bambi Malvado! Rarará!

A macaca comeu os bambis: Macaca retoma Ponte Preta e *Bambis* retoma São Paulo. Nesse excerto, o autor faz uma pilhéria com os rótulos culturais (epítetos), pois ambos os times são apelidados com nomes de animais. Assim, o leitor aciona em sua memória cultural os conhecimentos que tem sobre esses dois times. Como já exposto, *macaca* é o nome popular de Ponte Preta, time do interior paulista. Em relação a *Bambi*, o leitor precisa saber que há, por parte dos times rivais, uma satirização do São Paulo Futebol Clube. Esse apelido surgiu na década de 90, com o jogador Vampeta, que atuava no Corinthians. Na época, por ser considerado time de elite, atribuía-se aos torcedores masculinos do clube paulistano o rótulo de “veado” no sentido chulo – pederasta passivo – semelhante ao filhote de gazela ou corça. O próprio verbo remete sentido de ato sexual, cópula. Desse modo, constata-se, também, o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

[...] "*Time grande não cai. Despenca da Ponte*": nesse excerto, há o emprego de uma anáfora extratextual do tipo inferencial, pois *cair da ponte* apresenta uma referência à Ponte Preta. Assim, há um jogo/ambiguidade com o dito popular, pois o autor aproxima metaforicamente despencar (*cair*) e ser desclassificado (*cair*). Isso se deve ao emprego de uma homonímia com o verbo despencar.

O São Paulo tem que trocar o Boi Bandido por um Bambi Malvado!: Nesse fragmento, mais uma vez, verifica-se a presença de uma referência extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, ao expor o referente *boi bandido*, o autor faz uma relação com uma novela intitulada *América*, de autoria de Glória Perez, exibida na Rede Globo em 2005. Bambi malvado, então, aproxima o sentido do boi (que é feroz, instintivo) com o São Paulo. Na verdade, o autor, de modo velado, expõe que

o São Paulo, para voltar a ganhar jogos, precisa deixar de ser “passivo”, mole (no sentido chulo da expressão).

E o Zé Dirceu gerente de hotel? Pacote pra Réveillon! Os hóspedes saem sem as malas! E o Brasil quer saber: ele vai trabalhar no lobby ou na lavanderia? NO LOBBY, como sempre. Vai continuar fazendo o que sempre fez!

E o Zé Dirceu gerente de hotel?: nesse excerto, há repetição da expressão utilizada no início do texto. O autor volta a criticar o ex-parlamentar que, embora com seus direitos políticos suspensos, ainda se beneficia de suas prerrogativas.

[...] *Os hóspedes saem sem as malas:* nesse exemplo, constata-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que Simão, na verdade, está expondo o fato de Zé Dirceu ser considerado corrupto, por isso, se alguém se hospedar no hotel em que ele trabalha, poderá ser roubado.

E o Brasil quer saber: ele vai trabalhar no lobby ou na lavanderia?: Nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Ademais, evidencia-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ter o conhecimento de que, ao mencionar o termo *Lobby*, Simão faz referência ao trabalho organizado de influência junto a deputados para que eles votem segundo determinados interesses. Em relação à *lavanderia*, há referência aos possíveis casos de lavagem de dinheiro do mensalão, esquema brasileiro de corrupção no qual José Dirceu foi considerado culpado.

NO LOBBY como sempre. Vai continuar fazendo o que sempre fez. Nesse exemplo nota-se que há a repetição de *LOBBY*, além da elipse de *ele* (pronome que retoma José Dirceu). Ao evocar essa expressão, Simão, de certa forma, corrobora a culpabilidade de Dirceu. Além disso, retrata o modo de agir desse político, ao

reforçar, *no lobby*, porque esta influência é conhecida de poucos, ou seja, somente é conhecida por aqueles que eram coparticipantes no esquema de desvio de verbas.

E o Delúbio vai trabalhar no caixa? E o porteiro vai ser o Genoino, com aquela camisa rosa!

E o Delúbio vai trabalhar no caixa?: Nesse excerto, evidencia-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, visto que, para ser capaz de compreender a ironia presente no enunciado em destaque, o leitor precisa saber que Delúbio Soares foi tesoureiro do Partido Trabalhista (PT) e esteve envolvido em graves denúncias de corrupção durante o escândalo do mensalão.

E o porteiro vai ser o Genoino, com aquela camisa rosa: Na expressão selecionada, há uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado. Esse emprego se justifica porque, para entender essa sentença, o leitor precisa conhecer José Genoino (ex-presidente do PT e deputado federal pelo estado de São Paulo) e o fato de ele também estar envolvido no caso do Mensalão.

É válido ressaltar que todos os nomes citados como possíveis funcionários desse hotel apresentam relação com o Mensalão. Assim, o autor, de forma velada, critica a política brasileira e o fato de José Dirceu estar em regime semiaberto. A ironia empregada pelo autor deixa transparecer sua opinião, ao mesmo tempo em que retrata (de modo análogo) o cenário político brasileiro.

E o Roberto Jefferson vai cantar no hotel? Vai ter show do Roberto Jefferson? Parece o hotel de "O Iluminado"! Rarará! E já imaginou a situação? A conta veio errada e você pede pra chamar o gerente. E aí aparece o Zé Dirceu! Rarará! E o hotel não tem cofre nem seguro, aventura radical.

E o Roberto Jefferson vai cantar no hotel?: nessa passagem do texto, constata-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois, para atingir a compreensão no enunciado, o leitor precisa conhecer o fato de *Roberto Jefferson* se apresentar como cantor lírico e ser apreciador de óperas.

Vai ter show do Roberto Jefferson?: nesse período, há a repetição do nome próprio *Roberto Jefferson*. Além disso, o leitor precisa ser capaz de perceber a ironia presente no excerto, pois *fazer show*, pode se referir tanto a um espetáculo musical, quanto a uma encanação (barraco na linguagem popular).

Parece o hotel de "O Iluminado": Nesse excerto, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor, para compreender a associação entre o hotel de "*O Iluminado*" e o hotel no qual Zé Dirceu trabalha, precisa saber que "*O Iluminado*" é um filme de terror dirigido por Stanley Kubrick. Nesse filme, protagonizado por Jack Nicholson, há um hotel que envolve vários mistérios.

E já imaginou a situação?: nesse exemplo, há uma elipse. O termo elíptico é o pronome *ocê*. Nota-se que esse pronome refere-se ao leitor, o que evidencia o caráter dialógico do texto de Simão.

A conta veio errada e você pede: Há, nesse exemplo, o emprego do pronome pessoal de tratamento que se refere, nesse caso, ao leitor do texto.

E aí aparece o Zé Dirceu: Zé Dirceu, nesse caso, retoma *gerente*. Desse modo, evidencia-se outra anáfora inferencial, pois o leitor precisa estabelecer a relação entre esses dois termos presentes no cotexto. Gerente, nesse quadro do hotel, é aquele que tem o poder de organização, assim como Zé Dirceu, que na qualidade de Chefe da casa Civil, na República Federativa do Brasil, teve o poder de organizar as relações públicas do Poder.

E o hotel não tem cofre nem seguro, aventura radical: Na porção selecionada para análise, há a repetição do substantivo *Hotel*.

Ao mencionar que permanecer nesse *hotel* é uma aventura radical (porque não tem cofre nem seguro) Simão deixa subentendido que, por José Dirceu ser gerente, ficar nesse hotel apresenta riscos, ou seja, o político pode roubar os hóspedes. Desse modo, por exigir um conhecimento extralinguístico por parte do leitor, constata-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado.

O Zé Dirceu vai abrir uma cadeia de hotéis: Papuda Inn!

O Zé Dirceu vai abrir uma cadeia de hotéis: Papuda Inn!: Há, nesse exemplo, o emprego de uma catáfora. Ela é responsável por uma rotulação, pois *cadeia de hotéis*, nesse caso, equivale a *Papuda Inn*. É interessante ressaltar que esse rótulo retrospectivo é responsável por conduzir a argumentação do texto, pois, ao mesmo tempo em que deixa explícita a opinião do colunista, pode influenciar a opinião do leitor, que é levado a corroborar as ideias de Simão.

Além disso, constata-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado. Justifica-se esse emprego, pois o leitor necessita acionar sua memória cognitiva, para saber que: *Inn* faz referência a hotel (há vários hotéis cujo nome começa com *Inn- Pousada em inglês*) enquanto *Papuda* faz referência ao presídio de segurança máxima do Distrito Federal.

Evidencia-se que há uma sugestão ambígua da homonímia cadeia (prisão) e cadeia (sucessão /ligação). Assim, nesse jogo de homonímias, Zé Simão ressignifica o item lexical *cadeia* - cela onde Zé Dirceu permanece, embora continue a ser o elo (cadeia) entre todos os envolvidos no esquema de fraude.

E adorei a charge do Xalberto com o Alcksiemens rebatendo as denúncias de cartel: "Vamos investigar tudo, doa a quem doer! AAAAAIIIIIIII". Rarará. E notícia de corrupção tucana é sempre "suposto". Supostos tucanos praticaram suposto roubo chamado de suposto cartel no suposto Metrô! O PSDB quer dizer Partido Suposto Do Brasil! Rarará! Até o partido é suposto! E Zé Dirceu e Genoino, ambos têm problemas de saúde; o Genoino é cardiopata e o Dirceu é psicopata. Rarará. O Genoino é hipertenso e o Dirceu é hiperchato!

E adorei a charge do Xalberto com o Alcksiemens: nesse exemplo, evidencia-se a utilização de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado. A composição por aglutinação/truncamento com o nome do governador Geraldo Alckmin e da multinacional Siemens é responsável por esse recurso coesivo, pois o leitor precisa saber que, ao relacionar esses nomes, o autor refere-se ao fato de que a empresa citada denunciou o esquema de superfaturamento na construção das linhas de metrô de São Paulo, justamente no governo de Alckmin.

rebatendo as denúncias de cartel: "Vamos investigar tudo [...]: nesse excerto, constata-se o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

E notícia de corrupção tucana é sempre "suposto": Para compreender o motivo de Simão relatar o fato de as notícias envolvendo os políticos filiados ao PSDB serem sempre consideradas supostas, ou seja, nunca se confirmarem, o leitor precisa saber que a mídia (tanto a impressa quanto a televisiva) apresenta, segundo a imprensa de esquerda, uma predileção em relação aos tucanos. Desse modo, evidencia-se no excerto selecionado o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

Supostos tucanos praticaram suposto roubo chamado de suposto cartel no suposto Metrô!: nesse período, constata-se a repetição de *suposto*.

O PSDB quer dizer Partido Suposto Do Brasil! : Constata-se, nesse exemplo, a repetição de *suposto*. Nesse excerto, há uma paródia, uma ressignificação da sigla e da legenda partidária. Portanto, evidencia-se o emprego de uma rotulação retrospectiva.

Até o partido é suposto: O termo *suposto* está mais uma vez repetido no contexto. Há um exagero (hipérbole) que se evidencia pelo operador argumentativo *até*.

E Zé Dirceu e Genoio, ambos têm problemas de saúde; o Genoio é cardiopata e o Dirceu é psicopata. No período selecionado para análise, nota-se a utilização uma anáfora direta que retoma *Zé Dirceu* e *Genoio* por meio da palavra *ambos*. Há, também, uma retomada por hipônimo do hiperônimo *problemas de saúde*. Os hipônimos seriam *cardiopata* e *psicopata*, respectivamente. O interessante é que ao realizar tal expediente, o autor rotula prospectivamente *Zé Dirceu* e *Genoio*.

O *Genoio é hipertenso e o Dirceu é hiperchato!*. Nesse exemplo, há a repetição dos substantivos próprios *Genuino* e *Dirceu*. Também, constata-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que *Genoio* apresenta problemas de saúde que foram muito divulgados na mídia na época da condenação dos envolvidos no mensalão. Além disso, o leitor precisa saber que a “fama” de Zé Dirceu, na mídia, não é das melhores.¹⁵

E essa: "Condenadas no mensalão tomam banho de sol na Papuda". Virou "Big Brother" agora? E faz mal tomar banho de sol na Papuda!

E essa: "Condenadas no mensalão tomam banho de sol na Papuda": Nesse excerto, há uma elipse (o termo elíptico é notícia). Também, há uma catáfora, pois a informação principal (no caso a notícia) está depois dos dois pontos.

Virou "Big Brother" agora?: Nesse exemplo, evidencia-se o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois para compreender a relação entre os detentos tomarem banho de sol e o programa *Big Brother Brasil*, o leitor precisa de seu conhecimento de mundo, ou seja, precisa saber que esse programa é um *reality show*, no qual pessoas ficam em confinamento por meses. Assim, um dos principais passatempos dos confinados é, justamente, tomar banho de sol e de piscina.

[...] *banho de sol na Papuda!*: Nesse período, constata-se a repetição da expressão selecionada para análise. Além disso, constata-se um processo metonímico, pois *Papuda* é o nome do presídio de segurança máxima, localizado em Brasília.

E como disse o Ciro Botelho: o Félix vai vender salsicha FRIBOFE! Rarará! É mole? É mole, mas sobe!

¹⁵ Há um jogo de significado do prefixo de hiper (excesso). A primeira é uma formação comum, abonada pelo dicionário; a segunda formação coloca o prefixo hiper com o significado de intensificação (neologismo lexical).

E como disse o Ciro Botelho: o Félix vai vender salsicha FRIBOFE. Nesse exemplo, há uma catáfora, pois o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Além disso, há uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois Simão introduz o nome próprio Félix, supondo o fato de o leitor saber que se trata da personagem de uma novela exibida na Rede Globo (Amor à Vida). Essa personagem, por algum tempo, vendia *hot dog*, o que permite a associação com a marca da salsicha. Ademais, ao utilizar a palavra *FRIBOFE*, Simão, por meio de uma palavra valise, cria uma palavra cujo sentido refere-se à homossexualidade da personagem em questão. O colunista une em uma só palavra uma marca famosa no Brasil (Friboi) com a gíria bofe (essa gíria é utilizada para se referir a alguém como homossexual). Em outras palavras, o autor forma a palavra em questão com a intenção de relacionar a profissão da personagem com sua sexualidade.

O Brasil é Lúdico! Placa no restaurante Imaculada, no centro do Rio: "Eike Batista nunca esteve aqui". Rarará.

O Brasil é Lúdico! Placa no restaurante Imaculada, no centro do Rio: "Eike Batista nunca esteve aqui": Nesse excerto, constata-se o uso de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Ademais, há o emprego de uma anáfora extratextual do tipo conceitualmente fundado, pois Simão faz referência ao magnata da mineradora que entrou em falência depois de pedir empréstimo bilionário ao BNDS. Outra sugestão para esquema de corrupção.

Vou botar essa placa aqui na porta de casa: "Eike Batista nunca esteve aqui".

Vou botar essa placa aqui na porta de casa: "Eike Batista nunca esteve aqui": No exemplo em questão, há a elipse do pronome *eu*. Também, há a repetição da expressão *Eike Batista nunca esteve aqui*. Ademais, constata-se o emprego de uma catáfora, porque a informação que contém o referente principal do período aparece

depois dos dois pontos. Há, ainda, uma metonímia. *Eike Batista nunca esteve aqui* é o conteúdo da placa. Além disso, a referida frase é uma ironia que tenta desvencilhar os atos do magnata dos possíveis atos de crítica de Simão à política brasileira. Há um tom de (auto) deboche para criticar essa tentativa de descomprometimento do próprio discurso do autor.

Quadro 10

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	11	04	04	0	02	24	10	01	02

Texto 10: Ueba! Agora é Gayviões da Fiel!

Buembá! Buembá! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Eu quero a minha biografia não autorizada. Com prefácio da Paula Lavigne! Pra vender em todos os sex shops do Brasil!

E o debate no "Saia Justa", na GNT? Resumindo: esses artistas estão confundindo biografia com revista de fofoca. E esses artistas criaram uma das situações mais desagradáveis: você discordar é falar mal de quem ama. As fãs do Caetano não estão entendendo nada. As fãs do Chico estão todas internadas, em estado de choque. E as fãs do Roberto Carlos não lembram! Rarará!

"Quem é que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ Esse cara sou eu". Roberto Carlos escreveu "Emoções", é um gênio. E fica com essa perrenga mal resolvida!

E a manchete do Sensacionalista: "Novo Testamento sai de circulação por ser biografia não autorizada de Cristo".

E essa: "Supremo admite que as biografias de Fiuk e Geisy Arruda não deveriam ter sido autorizadas". E a biografia do Frota é problema da Anvisa, Vigilância Sanitária! Rarará!

E o Timão? O Quase Ultimão! Direto do SBT: "Pablo do 'Qual é a Música?' cria torcida corintiana gay, Gaivotas". Apoio! Mas prefiro Gayviões. Gayviões da Fiel!

Todo gambá tem seu dia de bambi. Os Gambambis! Rarará! Só não sai gol! A última vez que o Corinthians fez um gol eu ainda usava Orkut. A última vez que o Corinthians fez um gol o Sarney ainda era vereador!

E o site FuteboldaDepressão: "A última vez que o Corinthians fez um gol, o Ceni ainda acertava pênalti". O Ceni ainda tinha cabelo! A última vez que o Corinthians fez um gol, o homem estava esfregando dois gravetos pra inventar o fogo! O último que viu um gol do Corinthians foi o homem de Neanderthal! Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

O Brasil é Lúdico! Olha o cartaz num motel bem fuleiro em São Paulo: "Favor não utilizar o controle remoto do televisor como objeto sexual e/ou ejacular sobre o mesmo. Grato. A gerência". Mais direto impossível!

E esse cartaz num motel em Sobral: "Pedimos o obséquio de vossa senhoria não lavar a pistola na pia". Sobral? Deve ser do Cid Gomes. Ops, do Cidiverte! Rarará!

Nóis sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

Os excertos, a seguir, facilitarão a análise do texto 10.

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República! Eu quero a minha biografia não autorizada. Com prefácio da Paula Lavigne! Pra vender em todos os sex shops do Brasil!

Eu quero [...]: nesse exemplo, constata-se a utilização do pronome *eu*, referente à primeira pessoa do singular.

Com prefácio da Paula Lavigne! Pra vender em todos os sex shops do Brasil!: nessa expressão, evidencia-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Esse recurso está presente no excerto selecionado porque o leitor necessita ter o conhecimento de que *Paula Lavigne* defende a proibição de biografias não autorizadas. Além disso, esse leitor precisa saber que a atriz e produtora é uma figura polêmica, cujo nome está muito relacionado a assuntos eróticos.

E o debate no "Saia Justa", na GNT? Resumindo: esses artistas estão confundindo biografia com revista de fofoca. E esses artistas criaram uma das situações mais desagradáveis: você discordar é falar mal de quem ama. As fãs do Caetano não estão entendendo nada. As fãs do Chico estão todas internadas, em estado de choque. E as fãs do Roberto Carlos não lembram! Rarárá!

E o debate no "Saia Justa", na GNT?. No exemplo em questão, evidencia-se o emprego de anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado por dois motivos. Primeiro porque o leitor precisa saber que o *Saia Justa* é um programa exibido pelo canal de TV por assinatura GNT. Segundo porque o leitor também precisa saber que Paula foi ao referido programa a fim de defender seu ponto de vista sobre a proibição de biografias não autorizadas no Brasil.

Resumindo: esses artistas estão confundindo biografia com revista de fofoca: No excerto selecionado para análise, constata-se a utilização de uma catáfora. Também, há o emprego de uma anáfora indireta do tipo semanticamente fundado, pois Simão utiliza a expressão *esses artistas* de forma genérica, ou seja, não há um referente explícito no texto que é por ela retomado. Assim, o leitor precisa inferir que

ela se refere a todos os famosos que condenam a publicação de biografias não autorizadas.

E esses artistas criaram uma das situações mais desagradáveis: você discordar é falar mal de quem ama: No excerto selecionado, constata-se a repetição da expressão *esses artistas*. Também, há uma catáfora, pois o referente principal do período encontra-se depois dos dois pontos. Finalizando a análise do excerto, constata-se o emprego de um rótulo prospectivo, pois há, nesse caso, uma equivalência de sentido entre *situações mais desagradáveis* e *discordar é falar mal de quem ama*. Novamente, reitera-se o fato de o texto de Simão apresentar uma avaliação em um rótulo prospectivo, o que, como já dito, não é apresentado por Francis (2003).

As fãs do Caetano não estão entendendo nada: Há, nesse exemplo, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. A presença dessa anáfora se justifica porque o leitor precisa saber que *Caetano* é considerado por muitos um cantor de discurso prolixo e difuso.

As fãs do Chico estão todas internadas, em estado de choque: A análise desse período evidencia o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Isso se deve ao fato de que o leitor precisa saber como é o comportamento discreto e tímido de Chico Buarque, ou seja, é preciso saber que esse cantor é conhecido por se expressar mediante suas composições dramáticas.

E as fãs do Roberto Carlos não lembram!: No período selecionado, observa-se o uso de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois ao mencionar que as fãs de Roberto Carlos não se lembram do ocorrido, o autor, de modo irônico e velado, expõe que as admiradoras estão/são velhas, assim como o próprio cantor.

Nesse parágrafo selecionado, fica evidente a crítica de Simão ao fato de os cantores citados não concordarem com a divulgação de biografias não autorizadas.

"Quem é que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ Esse cara sou eu". Roberto Carlos escreveu "Emoções", é um gênio. E fica com essa perrenga mal resolvida!

"Quem é que censura toda hora/ qualquer livro da Jovem Guarda/ Esse cara sou eu": A paródia em destaque nessa amostra de texto é classificada como uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado. Esse emprego se legitima pelo fato de que, para compreender o enunciado, o leitor carece conhecer a música parodiada (Esse cara sou eu).

Roberto Carlos escreveu "Emoções", é um gênio. E fica com essa perrenga mal resolvida!: nesse exemplo, nota-se a repetição de Roberto Carlos. Além disso, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa conhecer a música citada e saber que ela é considerada um clássico da música brasileira. Ademais, ao conhecer a canção, o leitor tem a possibilidade de inferir que a atitude de proibir biografias não autorizadas seria um antagonismo da parte de Roberto Carlos diante da letra *Se chorei ou se sorri, o importante é que emoções eu vivi*.

Também, *Essa perrenga* funciona como uma expressão resumidora de uma porção de texto, ao mesmo tempo em que traz marcas da seleção lexical operada pelo produtor. Desse modo, evidencia-se, nessa expressão, um caráter argumentativo, pois o autor emite um juízo de valor acerca do fato. Reitera-se esse ponto de vista com as palavras de Conte (2003), a qual expõe que os rótulos são uma poderosa forma de manipular o leitor.

E a manchete do Sensacionalista: "Novo Testamento sai de circulação por ser biografia não autorizada de Cristo".

E a manchete do Sensacionalista: "Novo Testamento sai de circulação por ser biografia não autorizada de Cristo": Nesse excerto, há uma catáfora, pois o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Além disso, evidencia-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado porque o leitor precisa conhecer o Novo Testamento e saber que se trata de uma coletânea, escrita pelos apóstolos, a qual retrata a vida

de Jesus Cristo e suas obras. O Novo Testamento é considerado a base do cristianismo. Nesse sentido, o leitor precisa ser capaz de inferir que, por ser escrito depois da morte de Cristo, o Novo Testamento não possuía uma “autorização”.

E essa: "Supremo admite que as biografias de Fiuk e Geisy Arruda não deveriam ter sido autorizadas". E a biografia do Frota é problema da Anvisa, Vigilância Sanitária! Rarará!

E essa: "Supremo admite que as biografias de Fiuk e Geisy Arruda não deveriam ter sido autorizadas": Nesse excerto, constata-se uma elipse. O termo elíptico é *notícia*. Também, há o emprego de uma catáfora, uma vez que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente.

Finalizando, encontra-se, ainda nesse excerto, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa inferir, por meio do enunciado, que Simão não acredita que os famosos citados (*Fiiuk e Geisy Arruda*) seriam dignos de uma biografia, ou seja, para o colunista, eles não apresentam uma história que mereça ser registrada.

E a biografia do Frota é problema da Anvisa, Vigilância Sanitária!. No exemplo em questão, há uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, uma vez que a compreensão do período só é possível caso o leitor conheça Alexandre Frota e saiba que seu nome está associado ao uso de drogas e álcool (por isso ele seria problema da Anvisa).

E o Timão? O Quase Ultimão! Direto do SBT: "Pablo do 'Qual é a Música?' cria torcida corintiana gay, Gaivotas". Apoio! Mas prefiro Gayviões. Gayviões da Fiel!

E o Timão? O Quase Ultimão! No fragmento selecionado para análise, há duas rotulações retrospectivas, ambas se referindo ao time Corinthians Esporte Clube. A primeira diz respeito ao termo *Timão* (Corinthians equivale a Timão). A segunda, por sua vez, diz respeito a *Ultimão* (Corinthians equivale a ultimão). Para compreender essa segunda recategorização, o leitor precisa saber que o time citado, na época em que o texto foi escrito, estava disputando o campeonato

brasileiro de futebol, mas sua colocação estava entre as últimas, por isso, o time, inclusive, corria o risco de ser rebaixado. Sendo assim, constata-se, também, a utilização de uma anáfora indireta do tipo inferencial.

Direto do SBT: "Pablo do 'Qual é a Música?' [...]: Nesse excerto, evidencia-se o emprego de uma catáfora, pois o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Há, também, outra anáfora indireta do tipo inferencial, pois o cantor Pablo era *crooner* da referida atração do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) nas décadas de 1980-90 e conhecido por seu figurino e maquiagem extravagantes. Essa excentricidade está associada, para Simão, aos grupos *gays*.

Apoio! Mas prefiro Gayviões. Gayviões da Fiel!: No excerto selecionado, evidencia-se o uso de anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que Simão corrobora esse apelido, por ser homossexual. Assim, por meio dessa assertiva, o colunista, de forma velada, admite sua orientação sexual.

Todo gambá tem seu dia de bambi. Os Gambambis! Rarará! Só não sai gol!
A última vez que o Corinthians fez um gol eu ainda usava Orkut. A última vez que o Corinthians fez um gol o Sarney ainda era vereador!

Todo gambá tem seu dia de bambi: nesse fragmento do texto, constata-se uma rotulação, visto que *gambá* equivale a Corinthians enquanto *bambi* equivale a São Paulo. Além disso, há, ainda nesse excerto, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois para entender o enunciado, o leitor precisa saber que há, por parte dos times rivais, uma satirização do São Paulo Futebol Clube. Esse apelido surgiu porque o time, na década de 90, era considerado de elite. Assim, atribuía-se aos torcedores masculinos do clube paulistano o rótulo de “veado” no sentido chulo.

Os Gambambis! : Nesse exemplo, há uma rotulação retrospectiva, cuja formação dá-se por meio de uma palavra-valise, um neologismo lexical.

Só não sai gol!: Nesse exemplo, constata-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que ambos os

times mencionados, na época, participavam do campeonato brasileiro, mas não apresentavam um bom desempenho.

eu ainda usava Orkut. Há, no período selecionado, o pronome *eu*, que se refere a José Simão. Outrossim, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que o *Orkut* é uma rede social, criada em 2004, que atualmente é pouquíssimo usada.

A última vez que o Corinthians fez um gol o Sarney ainda era vereador!: Nesse excerto, nota-se a repetição da expressão *a última vez que o Corinthians fez um gol*. Essa repetição reitera o fato citado, mostrando que, realmente, fazia muito tempo que o time referido não fazia um tento. Além disso, há o emprego de duas anáforas indiretas do tipo conceitualmente fundado, justamente porque o leitor precisa saber que o Corinthians Futebol Clube estava em uma fase ruim no campeonato brasileiro, correndo o risco, inclusive, de ser rebaixado para a segunda divisão. É necessário ainda que ele saiba que Sarney é um velho político brasileiro que vem se perpetuando no poder há anos, em todas as instâncias legislativas: como vereador, como governador do estado do Maranhão e, mais recentemente, como senador da República.

E o site *FuteboldaDepressão*: "A última vez que o Corinthians fez um gol, o Ceni ainda acertava pênalti". O Ceni ainda tinha cabelo! A última vez que o Corinthians fez um gol, o homem estava esfregando dois gravetos pra inventar o fogo! O último que viu um gol do Corinthians foi o homem de Neanderthal! Rarará!

E o site FuteboldaDepressão: "A última vez que o Corinthians fez um gol, o Ceni ainda acertava pênalti": nesse excerto, constata-se a utilização de uma catáfora, visto que o referente que aparece no porção anterior do texto apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente. Além disso, novamente, há a repetição da expressão *A última vez que o Corinthians fez um gol*.

Por fim, evidencia-se a presença de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ser conhecedor do fato de que Rogério Ceni (principal batedor de pênalti do São Paulo), na época, estava errando muitas cobranças.

O Ceni ainda tinha cabelo!. No período selecionado, há a repetição do substantivo *Ceni*. Também, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa saber que *Ceni* joga há muito tempo no São Paulo e, por isso, pode, para alguns torcedores, estar velho.

A última vez que o Corinthians fez um gol, o homem estava esfregando dois gravetos pra inventar o fogo!: Há a repetição da expressão *A última vez que o Corinthians fez um gol*. Ademais, evidencia-se uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, visto que o leitor precisa conseguir relacionar a informação dada por Simão com o a descoberta do fogo.

O último que viu um gol do Corinthians foi o homem de Neanderthal! Para a compreensão do período, é exigido do leitor um conhecimento histórico, pois ele precisa saber que *o homem de Neanderthal* é uma espécie que coexistiu com o *Homo sapiens* e que está extinta há cerca de 29 mil anos. Com isso, Simão reitera o fato de que, realmente, o Corinthians não fazia gol há muito tempo. Desse modo, há, nesse excerto, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado.

O Brasil é Lúdico! Olha o cartaz num motel bem fuleiro em São Paulo: "Favor não utilizar o controle remoto do televisor como objeto sexual e/ou ejacular sobre o mesmo. Grato. A gerência". Mais direto impossível!

[...] em São Paulo: *"Favor não utilizar o controle remoto do televisor como objeto sexual e/ou ejacular sobre o mesmo[...]*: nesse fragmento de texto, constata-se o uso de uma catáfora, dado que o primeiro referente apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção subsequente do texto.

Além disso, evidencia-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo inferencial, pois o leitor precisa ser capaz de inferir que, na verdade, Simão expõe que pode acontecer de algumas pessoas utilizarem o controle remoto durante uma relação sexual.

E esse cartaz num motel em Sobral: "Pedimos o obséquio de vossa senhoria não lavar a pistola na pia". Sobral? Deve ser do Cid Gomes. Ops, do Cidiverte! Rarárá!

[...] *motel em Sobral: "Pedimos o obséquio de vossa senhoria não lavar a pistola na pia"*: Nesse excerto, há uma catáfora, porque o referente que aparece antes dos dois pontos apenas prepara o leitor para a informação principal, que será exposta na porção posterior.

Além disso, evidencia-se a utilização de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, pois o leitor precisa ter, em seu conhecimento de mundo, a noção do que seja, metaforicamente, uma *pistola* e a comparação com o órgão sexual masculino.

Sobral? Deve ser do Cid Gomes: Há, nesse período, uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado porque sem saber que *Cid Gomes* é um político que iniciou sua carreira como prefeito de Sobral (cidade do Ceará), o leitor não consegue compreender o sentido do enunciado.

Ops, do Cidiverte!: nesse excerto, constata-se o emprego de uma anáfora indireta do tipo conceitualmente fundado, já que o leitor precisa ser capaz de inferir que Simão emprega *Cidiverte*, termo cunhado por ele em jogo fônico com “se diverte/ Cidiverte” em que o pronome oblíquo, juntamente com o verbo, organiza um vocábulo fonológico, para ironizar o fato de o político citado dizer coisas tão absurdas. Ou seja, para o colunista, Cid Gomes diz coisas que, por serem tão insensatas, acabam sendo cômicas.

Quadro 11

Processos	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimo/ hiperônimo	Pronome
Nº de ocorrências	08	06	01	0	0	28	06	0	02

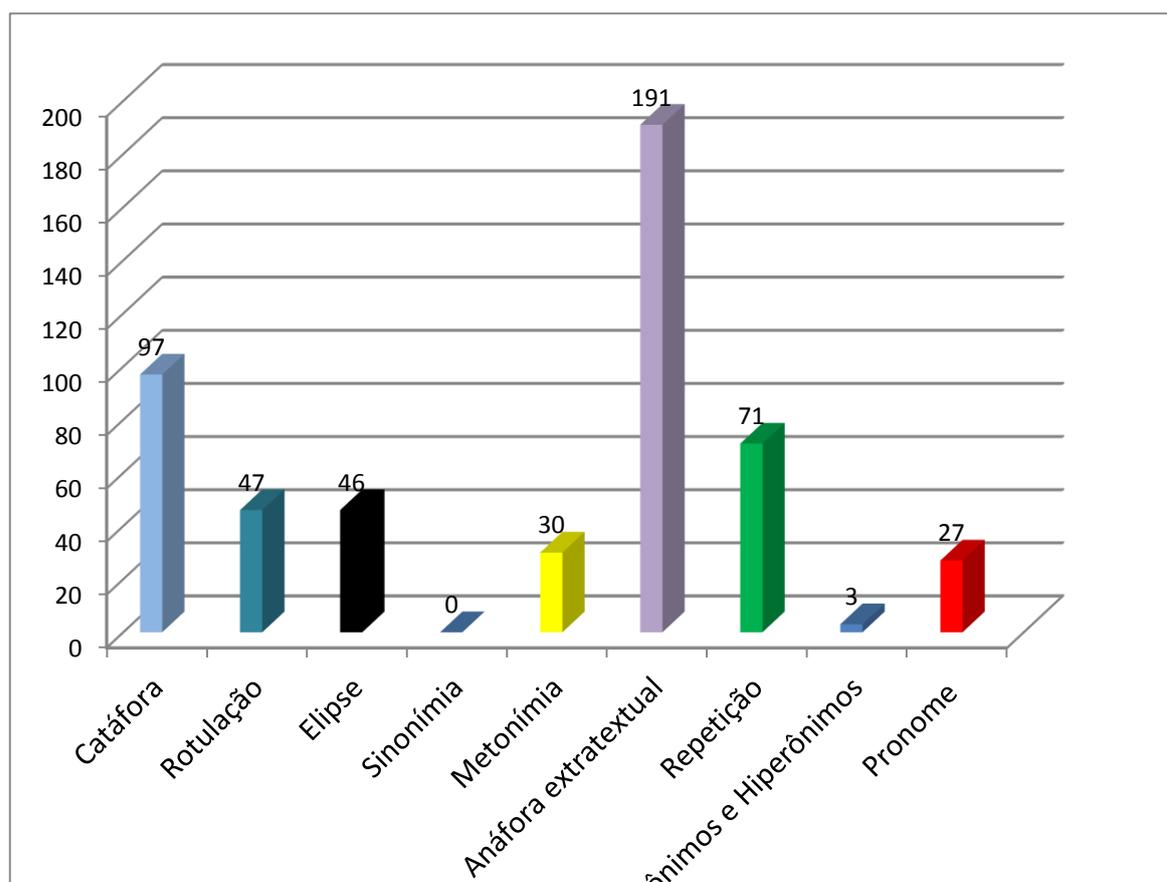
Capítulo VI

Resultados

Quadro 12: quadro geral

Processos referenciais	Catáfora	Rotulação	Elipse	Sinonímia	Metonímia	Anáfora extratextual	Repetição	Hipônimos e hiperônimos	Pronome
Texto 1	07	09	07	0	06	17	0	0	03
Texto 2	10	03	07	0	8	12	07	01	04
Texto 3	08	04	06	0	04	16	01	0	03
Texto 4	09	06	02	0	02	19	07	1	05
Texto 5	06	04	04	0	03	18	07	0	03
Texto 6	12	02	04	0	01	23	14	0	02
Texto 7	14	04	04	0	03	20	11	0	0
Texto 8	12	05	07	0	01	14	08	0	03
Texto 9	11	04	04	0	02	24	10	1	02
Texto 10	08	06	01	0	0	28	06	0	02
Total	97	47	46	0	30	191	71	03	27

O *corpus* deste trabalho constituiu-se de dez textos, os quais foram analisados em relação ao número de ocorrências de processos referenciais e em relação ao sentido veiculado pelo emprego de cada processo. A seguir, apresenta-se um gráfico que evidencia os dados obtidos em tais análises.

Gráfico 1: Processos referenciais utilizados nos textos de Simão

O gráfico em questão demonstra que as principais estratégias referenciais utilizadas pelo jornalista, de modo geral, são: a catáfora, a rotulação e a anáfora extratextual (ou indireta), sendo que a última apresenta o maior número de ocorrências.

O fato de se ter constatado que há mais referências extratextuais no texto de Simão (há, por exemplo, no texto dez, 28 anáforas extratextuais, ou seja, um número consideravelmente maior que ao do segundo processo mais utilizado, que é a catáfora) confirma o que era esperado desde o início da pesquisa: o autor busca, a todo momento, trabalhar com a memória de curto e longo prazo do leitor. Assim, o leitor da coluna precisa ser capaz de realizar várias inferências ao longo do texto, acionando seu conhecimento de mundo. Caso isso não aconteça, o leitor, realmente, não entenderá a crítica feita por Simão e acreditará que se trata de um simples texto de entretenimento.

Desse modo, reiteram-se os pressupostos de Marcuschi (2005a), o qual expõe que, nas anáforas indiretas, há de se considerar que os processos cognitivos

e as estratégias inferenciais são fatores fundamentais nas atividades de textualização, pois provocam o que é chamado de “universo referencial emergente”. Assim, “a textualização não se dá como um encadeamento linear de elementos, de modo que a própria noção clássica de coerência fica afetada” (Marcuschi, 2005, p. 58).

Com base nas reflexões teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, evidencia-se que a linguagem abrange ações humanas, as quais se organizam por meio de textos (sejam eles orais ou escritos). Destaca-se que esses textos caracterizam-se não só por meio de uma estrutura linguística mas também de inferências de sentido produzidas pelo leitor. Dito de outro modo, as análises realizadas evidenciaram que a construção do texto adquire características que vão além da língua, compreendendo processos mentais como memória cognitiva e interpretações inferenciais.

Apesar de alguns autores, como Oliveira (2008), afirmarem que a catáfora é um dos recursos referenciais menos frequentes, verificou-se, neste *corpus*, que essa estratégia é utilizada de modo expressivo (no texto sete, o que possui o maior número de catáforas, há 17 ocorrências, enquanto o texto cinco, que possui o menor número, possui sete ocorrências).

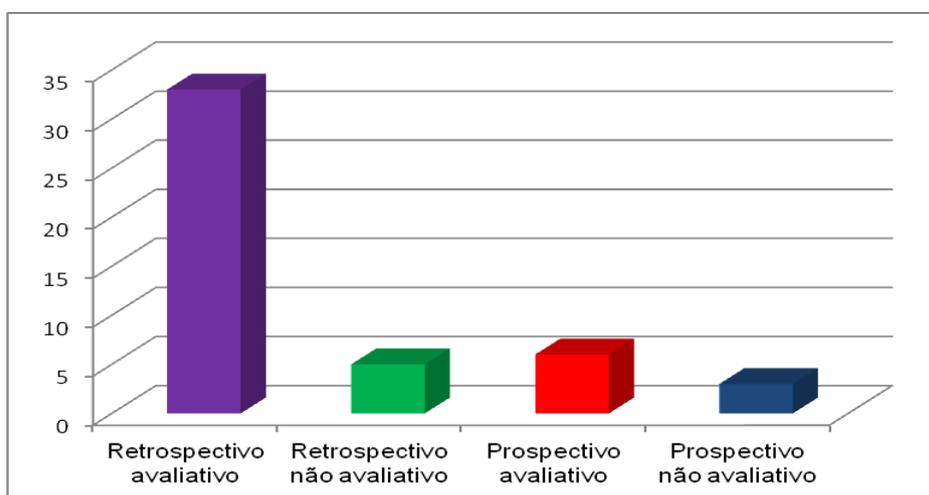
Esse processo referencial anuncia, adianta o que ainda vai ser expresso. Assim, no caso específico do texto de Simão, a catáfora prepara o leitor para a informação que virá, informação essa que, provavelmente, será polêmica. Além disso, o emprego da catáfora, em muitos casos, ajuda na construção de rótulos que vão se formando prospectivamente.

Outro recurso utilizado por Simão é o rótulo (no texto 1, o que possui o maior número de rótulos, há oito ocorrências, enquanto o texto 6, o que possui o menor número, apresenta três ocorrências), o qual, como já exposto no segundo capítulo deste trabalho, consiste em um elemento “não-específico”, cujo significado no discurso necessita ser interpretado de forma precisa. Desse modo, Francis (2003) indica como principal característica para esse recurso coesivo o fato de ele necessitar da concretização lexical em seu cotexto. O quadro 13, a seguir, evidencia as ocorrências dos tipos de rótulos no *corpus*.

Quadro 13: Comparação dos tipos de rótulos

TIPO DE RÓTULO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
Retrospectivo avaliativo	33
Retrospectivo não avaliativo	05
Prospectivo avaliativo	06
Prospectivo não avaliativo	03
Total	47

O quadro 13 apresenta alguns dados relevantes. Por esse motivo, acredita-se que a melhor forma de visualizar as informações presentes nesse quadro é por meio do gráfico2:

**Gráfico 2: Comparação dos tipos de rótulo**

É importante observar que os rótulos utilizados por Simão são, na maioria dos casos, retrospectivos (33 ocorrências), pois não há uma repetição ou um “sinônimo” para um elemento precedente. Em vez disso, ainda de acordo com Francis (2003), esses rótulos são apresentados como equivalentes ao termo ou oração que substituem, mesmo que sejam introduzidos pela primeira vez. É importante reiterar que esse processo tem uma função organizadora, pois

demonstra que o autor do texto está se direcionando para a próxima fase de seu argumento, sem abandonar a anterior, pois ele a encapsula e a empacota em uma única nomeação.

O emprego desses rótulos é, na maioria das vezes, avaliativo e, portanto, conduz a argumentação do texto, pois, mediante as nominalizações selecionadas, é possível que o leitor tenha sua opinião próxima àquela do produtor (no caso, Simão). Isso se evidencia em: *Todo mundo sem noção* (texto 2). No exemplo citado, a expressão rotula *horário de verão*, atribuindo a ela um juízo de valor, pois o autor deixa evidente que, para ele, o horário de verão influencia, de modo negativo, o comportamento das pessoas.

No entanto, também se constataram exemplos de rótulos retrospectivos que não possuíam uma avaliação. É o caso de *O barbudinho* (texto 5), em que há uma rotulação de Dom Pedro I, mas sem avaliar, pois somente se evidencia um traço físico do personagem histórico em questão.

Embora menos comum, observou-se, também a utilização de rótulos prospectivos, pois o autor se vale desse recurso para gerar no leitor certa curiosidade quanto a um fato que será especificado. Podemos notar o emprego desse tipo de rótulo, por exemplo, no seguinte excerto: *problemas de saúde* (texto 4), pois Simão especificará a informação principal apenas no período subsequente (os tipos de doença *cardiopata* e *psicopata*).

Uma das discussões que surgiu durante a análise do *corpus* foi a presença de rótulos prospectivos avaliativos. Os autores que fundamentaram esta pesquisa não tratam dessa possibilidade, todavia, ficou evidente, em alguns casos, o caráter argumentativo presente nas prospecções. Isso pode ser observado no seguinte exemplo: *essa bem infame de horário de verão*, visto que, nesse excerto, há uma manifestação da opinião do autor ao classificar esse rótulo. Essa opinião se efetiva pela utilização do advérbio *bem* e do nome *infame* (cujo caráter avaliativo é evidente). Por esse motivo, a presente pesquisa denota a importância de novos estudos que se dediquem a essa questão.

Quanto à estrutura, segundo Koch e Marcuschi (2002), o rótulo pode aparecer das seguintes maneiras: determinante e nome; determinante, modificador e nome; ou determinante, modificador, nome e sintagma preposicional. Além disso, para os autores citados, geralmente, esses rótulos se encontram no Tema. No entanto, nos textos analisados, constatou-se que os rótulos utilizados por Simão não obedecem

rigidamente a essas estruturas, sendo, por exemplo, formados até por orações inteiras. Ademais, verificou-se que muitos dos rótulos utilizados aparecem no Rema, ou seja, no predicado.

O excerto *essa bem infame de horário de verão*, por exemplo, apresenta a estrutura de: determinante (*essa*), modificador (*bem*), nome (*infame*) e sintagma preposicional (*de horário de verão*). Essa é uma das formas propostas por Koch e Marcuschi (2002). Na expressão *dar 5 vezes*, todavia, evidencia-se um caso não discutido pelos autores, pois essa constituição, inclusive, apresenta um verbo (*dar*). Além disso, está no Rema, como pode se observar no excerto completo *Ela vai ter que dar 5 vezes*. Essa discussão suscita novas possibilidades de estudos acerca da classificação da estrutura dos rótulos.

Outro recurso muito interessante utilizado pelo autor é a metonímia, que se manifestou mais expressivamente no texto dois (oito ocorrências). De acordo com a Gramática Tradicional, a metonímia não é um processo referencial propriamente dito. No entanto, segundo Ferrari (2011), vários estudos comprovam a função referencial desse processo. A autora ainda expõe:

A metonímia é, tradicionalmente, definida como deslocamento de significado, no qual, uma palavra normalmente utilizada para designar determinada entidade passa a designar uma entidade contígua (Ullmann, 1957; Lakoff e Johnson, 1980; Taylor, 2003). Tal como no caso da metáfora, os estudos em semântica cognitiva argumentam que a metonímia não é um fenômeno puramente linguístico, mas ocupa lugar central em nossos processos cognitivos (FERRARI, 2011, p. 102).

Na verdade, esta é uma figura de linguagem que consiste na substituição da parte pelo todo, do conteúdo pelo continente, da marca pelo produto, etc. Ocorre que, por meio dessa substituição, de acordo com Marcuschi (2005a), também, vai se construindo uma rede inferencial baseada no léxico. O que corrobora a referência do texto.

A pesquisa evidenciou, também, que o emprego de pronomes, sinônimos, hipônimos e hiperônimos não ocorreu com tanta frequência, como supostamente se esperaria em um texto jornalístico. Ao contrário, o uso de sinônimos é nulo nos textos.

Em relação à repetição, constatou-se que ela ocorreu um pouco mais (foram 14 ocorrências no texto 6, o que apresenta maior número). A análise realizada

mostrou que o uso da repetição é executado, pelo autor, propositadamente, para reiterar determinada informação.

Esse recurso, como já exposto, pode apresentar diferentes funções (estabelecer coesão textual, intensificar uma proposição e persuadir). Não obstante, nos textos de Simão, verificou-se que a principal função é a de reiteração de uma ideia. Fato interessante é que o emprego dessas repetições contribui para a argumentação do texto, pois a ideia repetida acaba se fixando na mente do leitor. Dessa forma, a palavra que se repete tem uma carga semântica diferente da que se apresentou inicialmente, pois expressa, como já exposto, uma força argumentativa.

Nesse sentido, Koch (1997) expõe que a repetição possui uma força retórica, visto que apresenta a função persuasiva. Portanto, esse recurso amplia, intensifica, reforça, e molda a linguagem. Sua função vai depender da intenção e/ou estilo do autor. Isso leva a refletir sobre o fato de a repetição se mostrar como um recurso mais ligado ao estilo e à subjetividade do que a uma mera questão gramatical.

Assim, a escolha dos processos referencias, por parte de Simão, confirma o estilo único e criativo do autor, que, por meio de uma aparente pilhéria com os fatos do cotidiano, mostra sua visão da realidade política, econômica e mesmo esportiva do país. Microtextualmente, é como se se estivesse diante de parágrafos isolados, com situações do cotidiano semanal. Entretanto, o colunista estabelece uma relação entre os acontecimentos macrotextualmente. É por isso que alguns sintagmas nominais são retomados sob o ponto de vista macrotextual e não sob a retomada imediata, o que, como já exposto, confere uma relação de coesão e coerência próprias.

As repetições quase delocutivas (sabe, né, olha etc.) ganham a função de levar o leitor a construir uma nova referência do assunto/personagem. O movimento textual é o de desconstruir/construir/reconstruir (paródia, chiste, escárnio).

Com base nas análises realizadas, constatou-se que, para entender os textos de José Simão, é preciso ter um amplo conhecimento dos fatos políticos e sociais veiculados pela mídia. Além disso, verificou-se que, para desenvolver suas ideias, Simão utiliza uma linguagem própria, de caráter oral, próxima ao escárnio. Para isso, ele emprega uma linguagem quase coloquial, o que pode levar o leitor ao engano de julgar o texto como “descompromissado”, beirando a comédia, enquanto, na verdade, apresenta um conteúdo denso e recheado de críticas.

Considerações Finais

Esta pesquisa procurou evidenciar as estratégias de coesão e coerência utilizadas nos textos do colunista José Simão. Como se constatou, a coesão é uma propriedade essencial para o estabelecimento da textualidade. Comumente definida como um conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados do texto, a coesão está, de acordo com os estudos clássicos do assunto, relacionada a questões de coerência.

Nesta pesquisa, tratou-se das estratégias básicas de coesão textual, a saber: a referência e seus recursos, apontando relações endofóricas e exofóricas, atualizadas em ocorrências de anáforas. Nas endofóricas (o referente se situa no texto, podendo preceder ou suceder o item com o qual se relaciona), mostrou-se a importância dos pronomes, das elipses (na qual a recuperação de um termo é processada em um espaço formalmente vazio, porque na Língua Portuguesa, rica em paradigmas flexionais, a presença formal de um sujeito na sequencialização textual dispensa o seu preenchimento) e, principalmente, das catáforas (essenciais para o texto de Simão).

A partir do resultado dos dados, procurou-se rever o célebre conceito de anáfora direta, vista como um processo de reativação de referentes prévios, pois nem sempre existe uma congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda a anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade de simples atribuição de referente.

Retomando o objetivo geral desta pesquisa, que era o de *analisar os recursos de referência em textos de José Simão na coluna Ilustrada da Folha de S. Paulo, bem como a organização do processamento textual-discursivo desse gênero específico*, constatou-se que, quanto ao fenômeno da referência/referenciação, não é possível encontrar nos textos de Simão uma tradicional concepção de coesão e coerência, visto que ele “desconstrói” a visão de linearidade/sequencialidade esperada em um texto, criando uma escrita única e criativa.

No que se refere aos objetivos específicos, a saber:

- verificar as estratégias de referência mais comuns do colunista;
- observar as particularidades do emprego dos elementos de referência que concorrem para a categorização e recategorização de conteúdos veiculados pela coluna diária;

- analisar os recursos da coesão textual que aparecem com mais frequência nos textos selecionados e como estes podem contribuir para o processo de formação de opinião do leitor em relação a uma possível adoção do mesmo ponto de vista de Simão.

Em relação ao primeiro objetivo específico, verificou-se que o processo referencial mais utilizado por Simão é a anáfora indireta (191 ocorrências). Isso porque ele busca trabalhar com a memória de curto e longo prazo do leitor e em diferentes instâncias. Assim, quem lê a coluna desse autor precisa ser capaz de realizar várias inferências ao longo do texto, acionando seu conhecimento de mundo. Caso isso não aconteça, o leitor acreditará que se trata de um simples texto de entretenimento.

Além disso, evidenciou-se um grande número de construções catafóricas (97 ocorrências), pois o autor as utiliza a fim de preparar o leitor para a informação que será exposta, informação essa que, provavelmente, suscitará polêmica. Ademais, o emprego da catáfora, em muitos casos, ajuda na construção de rótulos que vão se formando de modo prospectivo. Esses rótulos, por sua vez, também aparecem com frequência nos textos desse colunista, pois, entre outras funções, são responsáveis por conduzir a argumentação do texto. Por fim, há também, um grande número de repetições no *corpus* de análise (71 ocorrências). Destaca-se que essas repetições não são tautológicas, mas, sim representam o estilo do autor e auxiliam a reiterar as informações que ele considera essenciais.

No que tange ao segundo objetivo específico e, conseqüentemente, ao terceiro, constatou-se que os processos referenciais empregados, em sua maioria, constituem importante papel para a construção da argumentação (principalmente as anáforas indiretas e os rótulos). Isso porque, além de esses recursos promoverem a recategorização dos termos, manifestam a opinião do autor, ao mesmo tempo em que “cooperam” com o processo de formação de opinião do leitor.

Além disso, é importante proferir algumas considerações sobre as classificações realizadas nas análises deste trabalho.

A compreensão do texto é um processo cognitivo, no qual está envolvido um complexo sistema de armazenamento de informações, tendo em vista alguns objetivos muito específicos. Nesse processo de compreensão é que se desenvolvem as atividades inferenciais, influenciadas por dois tipos de informações contextuais: as extralinguísticas e as metalinguísticas (DASCAL, 1999). Nesse sentido, o texto de

Simão apresenta-se complexo e pouco “transparente”, porque exige do leitor diversos tipos de contextos tanto extralinguísticos quanto metalinguísticos – os específicos, os superficiais e os de fundo (DASCAL, 1999). Caso o leitor não domine tais contextos, corre o risco de mal entender a produção, ou, simplesmente, abandoná-la.

Esse procedimento tão intrincado se evidencia, sobretudo, na sua estratégia de referência atualizada nos processos de anáforas indiretas e associativas, nos quais a introdução e desativação de referentes textuais nem sempre correspondem a um antecedente explícito no texto, o que sugere que a coerência em tais produções se mostra como um cálculo de sentido e não apenas como uma manifestação da coesão textual na microestrutura do texto.

Assim, pode-se compreender, por que a remissão por precedência (anáfora direta) cede espaço a outra – a catáfora, considerada por muitos estudiosos como menos frequente. As expressões nominais nessas duas estratégias de referência, ao mesmo tempo em que se prestam como resumidoras ou servem como rótulos de fragmentos anteriores (ação menos frequente), podem expandir tematicamente os sentidos novos articulados na superfície textual (cf: *essa bem infame de horário de verão: Que horas são? Duas na velha e três na nova*” – texto 2), redefinindo-os (*E avisa por Malddad: IPTU quer dizer Impossível Pagar Tudo Isso* – texto 1). Essa redefinição pode gerar uma expectativa no leitor que espera um fecho surpreendente ao estilo de piada *stand up comedy*.

Nesse sentido, a perspectiva funcionalista de linguagem se apresentou como essencial para o desenvolvimento deste trabalho. Isso porque, conforme Neves (1997), a linguagem se manifesta como um instrumento de comunicação e de interação social, permitindo que o usuário da língua revele suas competências comunicativas, como a capacidade de inter-relacionar-se socialmente. Ainda de acordo com a autora, o estudo de um sistema linguístico só pode acontecer por meio da consideração do mundo extratextual, em outras palavras, o contexto, o qual fornece elementos para a descrição do modo como a língua é empregada em determinada situação comunicativa.

Por esse motivo, essa perspectiva contribuiu para este trabalho, visto que considera que a linguagem é uma ferramenta que oportuniza ao indivíduo a efetivação de seus propósitos comunicativos em diversos meios comunicativos. Desse modo, expõe Pezatti (2001) que os pressupostos funcionalistas consideram

fundamental subordinar o estudo do sistema linguístico ao uso, ao se basearem na relação entre linguagem e contexto social. Assim, essa perspectiva apresenta como princípio a necessidade de descrever expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais tanto gerais quanto específicos.

Referências

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: Referenciação. CAVALCANTE, Mônica Magalhães.; RODRIGUES, Bernadete Biasi. & CIULLA, Alena. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. In Bakhtin, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, pp 277-36, 1979.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão dos discursos**. Campinas: Autores Associados, 2003.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAVES, Joseli Fagundes e MÉA, Célia Helena de Pelegrini Della. O papel da Anáfora Indireta na progressão textual. Disponível em: <<http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2006/OpapeldqaAnafora.pdf>>. Acesso em 25 jan. 2013.
- CONTE, Marie-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi & CIULLA, Alena. (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- DASCAL, Marcelo. **Interpretação e compreensão**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 1999.
- DIK, Simon Cornelis. **The Theory of Functional Grammar. Pt 1. The Structure of the Clause**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2000.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira e AQUINO, Zilda Gaspar de Oliveira (1994). **Fala e escrita: diferença e integração**. In: XXIII Anais de seminários do GEL, São Paulo, p.273-288.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: Um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

FREGE, Gottlob. **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985

_____. HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

ILARI, Rodolfo. **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo. **Alguns problemas no estudo da anáfora textual**. In: Koch, Ingedore Villaça; Morato, Edwiges Maria; Bentes, Anna Christina (orgs). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-124.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1996.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada**. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela, C. S. (orgs.). **Gramática do Português Falado. Volume VIII: Novos estudos descritivos**. São Paulo: UNICAMP, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Referenciação e orientação argumentativa**. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (2005) **A construção sociocognitiva da referência**. UNICAMP/CNPq (Mimeo).

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Trad. Maria Winkler Averburg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005 a.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (orgs.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2005 b.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do Português falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. Gramática. **História, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Unesp, 2001.

NEVES, Maria Helena Moura. **A Gramática funcional**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual review of Anthropology**, v. 43, 1984.

OLIVEIRA, Mariangela Rios. Linguística textual. In: MARTELOTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEZZATI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). **Introdução à Linguística 1 – Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

SIMÃO, José. IPTU! Impossível Pagar Tudo Isso! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1360908-iptu-impossivel-pagar-tudo-isso.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

SIMÃO, José. Pré-sal! Privatiza a pré-rereca! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1359855-pre-sal-privatiza-a-pre-rereca.shtml>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

SIMÃO, José. Ueba! A Macaca comeu o Bambi! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/140075-ueba-a-macaca-comeu-o-bambi.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SIMÃO, José. Pré-sal! Ganhou o Kung Fu Panda! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1360388-pre-sal-ganhou-o-kung-fu-panda.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SIMÃO, José. Síria! Assad sofre de gases! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/128286-siria-assad-sofre-de-gases.shtml>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

SIMÃO, José. Félix vende salsicha FRIBOFE! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/141507-felix-vende-salsicha-fribofe.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

SIMÃO, José. Uebe! Biografia da Lassie pode? Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1357487-ueba-biografia-da-lassie-pode.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

SIMÃO, José. Marina e Dilma! Vai dar jacaré! Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1356979-marina-e-dilma-vai-dar-jacare.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

SIMÃO, José. Ueba! Ceni é o meu anti-herói! <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1356371-ueba-ceni-e-o-meu-anti-heroi.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

SIMÃO, José. Ueba! Agora é Gayviões da Fiel! <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2013/10/1358096-ueba-agora-e-gayvioxes-da-fiel.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e Contexto**: uma abordagem sociocognitiva. Tradução: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN VALIN, Robert. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (eds.) **The handbook of linguistics**. Malden. Blackwell Publishers, 2002.